

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU – MESTRADO
EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**OLHARES SOBRE O ENVELHECER: UMA LEITURA
DE GÊNERO NO CENTRO DE SANTA MARIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Gabriela Felten da Maia

**Santa Maria, RS, Brasil
2010**

OLHARES SOBRE O ENVELHECER:

**UMA LEITURA DE GÊNERO NO CENTRO DE SANTA
MARIA**

por

Gabriela Felten da Maia

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ciências Sociais, Área de Concentração em Cultura e Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Ciências Sociais**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fátima Cristina Vieira Perurena

Santa Maria, RS, Brasil

2010

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado em Ciências
Sociais**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**OLHARES SOBRE O ENVELHECER: UMA LEITURA DE GÊNERO
NO CENTRO DE SANTA MARIA**

elaborada por
Gabriela Felten da Maia

como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências
Sociais

Comissão Examinadora

**Prof^a. Dr^a. Fátima Cristina Vieira Perurena
(Presidente/Orientadora)**

**Prof. Dr. Benedito Medrado-Dantas
(Universidade Federal de Pernambuco – UFPE)**

**Prof^a. Dr^a. Zulmira Newlands Borges
(Universidade Federal de Santa Maria – UFSM)**

Santa Maria, 08 de fevereiro de 2010.

Aos meus pais, Jorge Luiz e Maria de Fátima,
Pelo amor, carinho e dedicação
Ao apostarem sempre em mim
Apoiando, mesmo em momentos de dificuldade,
Minha formação intelectual e acadêmica.

Aos tios, José Libindo e Nadir,
E a avó, Lieda,
Pela ajuda ao longo dos cinco anos de minha graduação
Que permitiram chegar nesta etapa da minha formação acadêmica
E concretizar este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos é um momento em que se torna possível e necessário reconstruir o percurso realizado para a produção desta dissertação que se apresenta e concluir que, de fato, a construção de conhecimento é um processo coletivo, produzido em diálogo com o campo de pesquisa, colegas, professores, orientador, e outros. Agradeço a todos os momentos em que foi possível dialogar sobre problemas de pesquisa, metodologias, teorias, dúvidas, inquietações, estranhamentos e desconfortos ao longo da realização do trabalho de campo.

Muitos olhares e vozes, em infindáveis encontros, compartilharam comigo esta caminhada que agora reconstruo. Em cada momento muitas foram as pessoas que estiveram presentes e que, de distintas formas, colaboraram voluntariamente, ou não, para a produção deste texto. Foram tantos e tantas que compartilharam desta caminhada que não será possível escapar de algum esquecimento, do qual peço desculpa desde já.

Começo agradecendo a minha orientadora Fátima Perurena por ter apostado neste trabalho, por ter me introduzido às questões de gênero e feito, meio que sem querer, eu tomar gosto pelas discussões epistemológicas. Pelas diversas vezes em que sai de uma orientação com mais dúvidas do que certezas. Pela paciência e dedicação no árduo exercício de construção do projeto e que proporcionaram o amadurecimento do mesmo através da constante disposição para debater questões relacionadas ao trabalho de campo e propor caminhos teóricos profícuos.

Agradeço, sem sobra de dúvida, aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSM, por todas as contribuições e estímulo. Em especial gostaria de agradecer à professora Zulmira Newlands Borges, pelas contribuições e reflexões proporcionadas em disciplinas e seminários, que em muito auxiliaram no delineamento do objeto desta pesquisa. Obrigada, ainda, às professoras Ceres Brum e Maria Catarina, pelo aprendizado sobre o fazer antropológico, que apesar de não ser o foco desta dissertação, em muito contribuíram, através de um olhar antropológico, para refletir sobre os problemas relativos ao trabalho de campo.

À professora Cornélia Eckert por suas orientações valiosas durante a qualificação do projeto de dissertação.

À Nádia Meinerz pelas suas reflexões e sugestões de como trabalhar metodologicamente minha presença como pesquisadora mulher e jovem entre homens velhos heterossexuais.

Ao professor Benedito Medrado agradeço a participação na banca de defesa da presente dissertação.

Aos colegas do Mestrado: Débora, Isabel, Ana Paula, Simone, Márcia, Guilherme, Lige Mara, Cláudia, companheiros importantíssimos nesta trajetória de dois anos do mestrado.

À Lige Mara, um achado que a aprovação no Mestrado em Ciências Sociais proporcionou-me, agradeço as tarde de café/mate em que se desenrolavam os frutíferos debates, sempre acompanhado de bom-humor, sobre Psicologia, problematizações a respeito das categorizações velho, terceira idade, melhor idade e as discussões suscitadas pelas diferenças presentes em nossos campos de pesquisa que em muito ajudaram a pensar os meus dados de campo.

Um agradecimento especial à Graciele, amiga sempre presente.

Ao Deiwis pelo apoio e carinho.

À Ingrid pela revisão ortográfica final do texto.

Agradeço a Capes pela concessão da bolsa de estudos que permitiu minha presença neste curso.

Ao José, conhecido entre aqueles que frequentam o centro, agradeço a ajuda na inserção em campo, sem a qual não poderia ter levado a cabo a pesquisa. A presteza em deixar-me acompanhá-lo em seu itinerário por entre os espaços do centro de Santa Maria, possibilitando que, por muitas vezes, participasse de grupos que se formavam em manhãs ensolaradas para discutir os mais variados temas.

Finalmente, agradeço a todos os informantes que fizeram parte desta pesquisa pela paciência com relação a minha presença curiosa e pela disponibilidade em reservar parte de sua manhã ou tarde para uma conversa. Também agradeço a generosidade em compartilhar informações que foram valiosas para refletir sobre um conjunto de questões que compuseram a investigação. A eles dedico esta dissertação, esperando que ela aponte novos olhares para este universo.

Acho que a velhice é uma idade esplêndida. Claro que há algumas chateações, tudo fica mais lento, nos tornamos lentos. O pior é quando alguém lhe diz: "Mas não é tão velho assim!" Não entende o que é uma queixa. Estou me queixando dizendo "Ah, estou velho!". Ou seja, invoco as potências da velhice. E aí, alguém me diz, com a intenção de me consolar: "Não está tão velho assim". Eu daria uma bengalada nele! Logo quando estou em plena queixa da minha velhice, não venham me dizer: "Até que não é tão velho assim". Pelo contrário, deviam dizer: "Está velho mesmo!" Mas é uma alegria pura.

[...] E por que é formidável? Primeiro, porque, na velhice, sabe-se que chegou lá. O que é muito! Não é um sentimento de triunfo, mas chegou lá. Chegou lá em um mundo cheio de guerras, de vírus malditos e tudo o mais. Mas conseguiu atravessar tudo isso, os vírus, as guerras e todas estas porcarias.

Gilles Deleuze (M de Maladie [Doença] In: Abecedário, 1989)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal de Santa Maria

OLHARES SOBRE O ENVELHECER: UMA LEITURA DE GÊNERO NO CENTRO DE SANTA MARIA

AUTORA: GABRIELA FELTEN DA MAIA

ORIENTADORA: FÁTIMA CRISTINA VIEIRA PERURENA

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 08 de fevereiro de 2010.

Olhares sobre o envelhecer insere-se no campo dos estudos sobre envelhecimento como uma das muitas formas de olhar para, e pensar sobre, as várias possibilidades de viver a velhice, a partir de uma *leitura de gênero no centro da cidade de Santa Maria*. Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada durante onze meses, em que se utilizou de técnicas como a observação participante, algumas entrevistas formais e, predominantemente, entrevistas/conversas informais. O tema central desta pesquisa refere-se às representações e às significações de marcas que definem corpos e sujeitos ditos velhos. Compreendo que o modo como homens com 60 anos ou mais produzem significados sobre envelhecimento está inserido em um campo, dinâmico e conflitante, de produção de práticas e discursos que permitem reconhecer e agrupar sujeitos como velhos ou não, a partir de determinados estatutos corporais. Nesse sentido, as diferentes formas de classificar os sujeitos e o significado que estas classificações adquirem para definir formas de envelhecer têm implicações no modo como diferentes atores agem frente ao envelhecimento humano. A velhice, como categoria etária, tem servido para classificar pessoas de determinada idade como pertencentes a este grupo etário e, assim, classificando-as como pessoas velhas. Contudo, classificar pessoas que estão na mesma faixa etária a partir de uma categoria homogênea como “a” velhice torna-se bastante problemático, já que despreza as complexas diferenciações existentes dentro do grupo de sujeitos ditos velhos, além do fato de que dificilmente alguém se reconhecerá como velho, porque velhice é sempre associada à decadência, à doença, à senilidade e à proximidade com a morte. Por isso, proponho uma leitura de gênero para entender como as formas de ser homem e

mulher e as construções socialmente distintas de masculino e feminino compõem as representações e práticas de homens no que diz respeito ao envelhecimento. Nesse sentido, o saber sobre gênero não produz apenas significados sobre as relações entre homens e mulheres, mas também organiza os espaços de sociabilidades como espaços gendrados. Proponho entender, deste modo, que a gramática dos espaços configura o centro como um espaço público de sociabilidade masculina cotidiana, a partir de um princípio de visão e divisão sexualizantes do mundo, que forma um sistema de categorias de percepção, de pensamento e de ação, e permite colocar em jogo valores e imagens sobre envelhecimento a partir do humor expresso nas piadas e nas conversas impregnadas de jocosidade sobre corpo e sexualidade. A sexualidade, neste contexto, torna-se uma importante ferramenta para compreender como uma série de condições corporais confirma quando alguém pode ser considerado velho. Procuro mostrar como as marcas corporais, que definem a capacidade para a atividade sexual – representada pela ereção – informam sobre as representações do que é ser velho ou não. É desta maneira que busco apreender como a sexualidade torna-se, no contexto do centro da cidade, um elemento, entre tantos outros, para entender como estes homens estão significando o envelhecimento.

Palavras-chave: homens, envelhecimento, masculinidade, gênero.

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal de Santa Maria

PERSPECTIVES ON AGING: A READING OF GENDER IN THE CENTER OF SANTA MARIA

AUTHOR: GABRIELA FELTEN DA MAIA

GUIDANCE: FATIMA CRISTINA VIEIRA PERURENA

Date and Location of Defense: Santa Maria, February 08 2010.

Perspectives on the aging falls within the field of aging studies as one of many ways to look at, and think about, the various possibilities of living the old age, from a reading of gender in the center of Santa Maria. This is a qualitative survey conducted for eleven months, which used techniques such as participant observation, some formal interviews and, predominantly, informal interviews/conversations. The theme of this research relates to the representations and meanings of signals that define bodies and subjects identified as old. I understand that the way men aged 60 years or more produce meanings about aging is part of a field, dynamic and conflicting, of practices and discourses production that allow subjects recognition and grouping identified as old or not from certain physical laws. In this sense, the different ways to classify the subjects and the meaning they acquire to define ways of aging have implications on how different actors act against human aging. Old age, as age category, has served to classify people of a certain age as belonging to this age group and thus, identifying them as old people. However, classifying people who are in the same age group from a homogeneous category as "the" old age becomes very problematic, since despises the complex differences that exist within the group of subjects identified as old, besides the fact that anyone will hardly recognize himself as old, because the old age is always associated with decay, sickness, senility and the proximity to death. Therefore, I propose a reading of gender to understand how the ways of being men and women and different social constructions of male and female make the representations and practices of men with regard to aging. In this sense, the gender knowledge do not only creates meanings about men and women relations, but also organizes the sociability spaces

as gendered spaces. I propose to understand, therefore, that the grammar of space set the center as a public space of men's everyday sociability, as a principle of the sexual vision and division of the world, which form a system of perception, thought and action categories, and allows to bring into play values and images of aging from the humor expressed in jokes and in conversations imbued with playfulness about body and sexuality. Sexuality, in this context, becomes an important tool to understand how a series of body condition confirm when someone may be considered old. I intend to demonstrate how the body marks, which define the capacity for sexual activity - represented by the erection - report on the representations of what is considered being old or not. This is how I seek to grasp how sexuality becomes, in the context of the city center, one element among many others, to understand how these men are meaning aging.

Keywords: men, aging, masculinity, gender.

SUMÁRIO

RESUMO.....	viii
ABSTRACT	x
INTRODUÇÃO	14
1 CAMINHO DE CHEGADA.....	19
1.1 Como se definiu o caminho.....	19
1.2 A escolha do local de pesquisa.....	24
1.3 Velhices: uma questão complexa.....	28
1.4 Olhares de gênero sobre envelhecimento.....	31
1.5 Por que um estudo sobre a relação envelhecimento/gênero sob olhares masculinos?	36
1.6 Masculinidades em relação.....	42
2 EM CAMPO: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	49
2.1 Percurso metodológico.....	49
2.2 Entrando no campo	51
2.3 Sobre os homens	54
2.4 Entre homens: os desafios e as possibilidades do trabalho de campo	57
3 “VELHO”, “IDOSO”, “MELHOR IDADE” OU “TERCEIRA IDADE”: FORMAS DE CATEGORIZAÇÃO DE SUJEITOS	63
3.1 Classificando complexidades?	63
3.2 Produção de “saberes e verdades” sobre a velhice	66
3.3 Velhice: do que se está falando?	68
3.4 Novo velho, velho-novo: um novo olhar sobre a velhice	72
3.5 Velho é o outro! Problemas relativos à constituição de uma identidade de velho.....	75

4 ENVELHECIMENTOS E SEXUALIDADES	82
4.1 O centro como espaço gendrado	82
4.2 A sexualidade valorizada	85
4.3 Construindo corpos e prazeres: da velhice assexuada à sexualidade ativa ...	89
4.4 <i>Envelhecer com virilidade</i> : a sexualidade como mecanismo de resistência ...	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
APÊNDICE	115
A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA.....	116

INTRODUÇÃO

O tema deste estudo refere-se a envelhecimento e gênero e consiste em uma investigação realizada a partir das interações com homens, com idade superior a 60 anos, no centro de Santa Maria. Trata-se de investigar as representações de homens com relação ao envelhecimento, tendo como apoio teórico os estudos de gênero e envelhecimento sob a ótica das ciências sociais e como ponto de partida o entendimento de representação, conforme a perspectiva dos Estudos Culturais. Nesse sentido, representações podem ser entendidas, segundo Kathryn Woodward (2009), como:

as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. [...] Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2009: 17).

Nesse contexto, os processos de representação atuam de forma a classificar sujeitos e estilos de vida, pondo em circulação diferentes significados que marcam corpos como sendo velhos e, deste modo, aproximando e distanciando sujeitos de marcadores que definem o que é “a” velhice no ato de nomear, descrever, classificar e diferenciar. Com isso, quero dizer que as muitas possibilidades de nomear sujeitos, que ao alcançarem certa idade são posicionados no grupo etário velhice, são constitutivas dos diferentes modos de olhar o envelhecer.

Por isso, a escolha pelo uso de uma determinada terminologia – aposentado, idoso, melhor idade, terceira idade, velho – implica em uma postura teórico-metodológica que merece ser destacada. No contexto de minha investigação, a nomenclatura que utilizo – velho, em detrimento de outras – como pesquisadora, para fazer referência ao tema da dissertação, torna-se importante tanto para a construção do objeto de pesquisa como para a própria execução da pesquisa e na relação com os sujeitos pesquisados.

Através da investigação com homens velhos a respeito dos processos de significação do que é ser velho e das possibilidades de viver o processo de envelhecimento, segundo homens velhos, procuro discutir como as formas de

categorizar sujeitos tomam por base os corpos para definir e diferenciar. Assim, apesar da materialidade biológica do envelhecimento, alguém somente pode ser considerado velho a partir de contextos sociais e culturais que fornecem as condições para que ele exista. Isto significa dizer que sujeitos são posicionados – e posicionam-se – como velho ou não a partir da forma que se tem percebido e lidado com o corpo que envelhece.

Ao longo das últimas décadas, tem-se assistido a uma socialização progressiva da velhice e de suas formas de gestão (DEBERT, 2004), ganhando destaque em diferentes contextos e tornando-se objeto de interesse, por exemplo, de psicólogos, antropólogos, médicos, assistentes sociais, juristas, pedagogos, entre outros, culminando no surgimento de um campo de saber específico – a gerontologia. Em um movimento de transformação que torna o processo de envelhecer uma preocupação social, uma nova categoria é produzida – o idoso – e novas nomenclaturas surgem para representar uma nova imagem da velhice, através de experiências inovadoras que se propõem a rever os estereótipos associados a esta.

Como desenvolverei no capítulo III, as alterações nas nomenclaturas dizem respeito tanto às mudanças nas formas de pensar e de gerir a experiência como na transformação do envelhecimento em um objeto de intervenção, o que exigiria novos olhares para um processo comumente associado a perdas de diversas ordens. Além disso, proporcionam o surgimento de atores empenhados em promover o envelhecimento bem-sucedido. Saberes diversos são acionados com o intuito de constituir um campo válido de conhecimento. A terminologia, portanto, emerge como uma interlocução entre atores que pertencem a diferentes registros – mídia, técnico-científico, pessoas de mais idade – na articulação de significações específicas. Tudo isto gera tensões que refletem nas formas de nomear os sujeitos pesquisados.

Opto por utilizar o termo velho a partir das problematizações de Guita Grin Debert (2004), que entende as significações produzidas sobre velhice e envelhecimento na atualidade como arenas privilegiadas de negação da velhice, ao dissociá-la da doença e da morte através de um conjunto de práticas, discursos, organizações e crenças que a autora chama de “formas de gestão da velhice”. Ao analisar três atores envolvidos no processo de reinvenção da velhice, a autora destaca que as estratégias que redefinem os conteúdos dos discursos e as formas

como os problemas relativos ao envelhecimento são abordados são antes um compromisso com um determinado tipo de envelhecimento positivo. Por isso,

Entender o modo específico em que se dão essas mudanças nos discursos dos *experts* e como elas se relacionam com as novas imagens do envelhecimento é levar em conta várias dimensões, por exemplo, a forma como os especialistas competem por uma atenção pública; a rapidez com que se deu o reconhecimento da importância do campo em que eles operam; o sucesso mobilizador dos programas para a terceira idade, que surpreende seus próprios propositores; a ampla divulgação, na mídia, de medidas capazes de retardar o envelhecimento e que devem ser tomadas em idades cada vez mais prematuras (DEBERT, 2004: 34).

Nesse sentido, antes de tomar uma nomenclatura como um fato em si, reveladora de uma realidade que poderia ser a mais real, é necessário compreender o diálogo entre as representações que os sujeitos pesquisados têm sobre suas experiências, as concepções e imagens de velhice e envelhecimento e as práticas voltadas para uma velhice bem-sucedida, produzidos na arena dos estudos e intervenções sobre envelhecimento. Os termos que surgem no processo de redefinição remetem a um determinado contexto social, político, econômico e científico no qual diferentes agentes participam, em constante interlocução, no processo de redefinição da velhice.

Assim sendo, quando faço uso da palavra velho, estou fazendo uma opção ao mesmo tempo teórica, que acompanha a discussão própria do campo de estudos sobre velhice e envelhecimento, conforme Clarice Peixoto (2006) e Guita Grin Debert (2004), metodológica e política. Por isso, quando utilizo esse termo, também construo uma narrativa sobre o que eu e outros entendem por velho e velhice. E estou certa de que, em meu contexto de pesquisa, embora os homens refiram-se a si mesmo como velhos, falávamos de noções distintas, de “realidades distintas”, haja vista que construímos concepções de velhice a partir de olhares diferentes.

Ao me propor a estudar as representações de velhice, eu tinha como pressuposto que, nesse contexto de pesquisa, a idéia de velhice entraria como um elemento de identificação e reunião em grupos de velhos no centro da cidade. A pesquisa revelou que a questão é bem mais complexa, pois neste espaço os homens entrevistados, mesmo aqueles com mais de 70 anos, não se consideravam velhos. Velhos eram os outros, aqueles que ficam em casa, que após aposentar-se entregam-se à espera da morte chegar. Neste contexto de pesquisa, não é a idéia de velhice, e muito menos de terceira idade, que entraria como um elemento

importante na auto-identificação destes sujeitos. Neste espaço, o que está em jogo é uma resistência a um conjunto de características (físicas, psicológicas, sociais, etc.) que tomadas como definidoras de diferenças nomeiam a identidade, definidora e definitiva, de velho e delimitam o campo de possibilidades dos sujeitos.

Uma pesquisadora mulher e jovem que os identificava como pessoas velhas teve implicações na produção dos dados. Constantemente eu era lembrada de que no centro não tinha velhos. As brincadeiras e mentiras sobre suas idades eram frequentes. Em diversos momentos, os homens, ao serem questionados sobre a idade, perguntavam-me, em tom de brincadeira, qual idade eu achava que eles tinham. Percebi que aquilo que parecia ser uma brincadeira, na realidade tornava-se importante, caso eu os reconhecesse como mais novos, principalmente vindo de uma mulher que se tornou, em alguns casos, uma parceria potencial¹.

Nestas situações, o corpo era o *locus* de conhecimento da velhice, pois através de um exame da aparência destes homens eu era convocada a chegar a uma “conclusão” de sua condição de velho ou não. Conforme argumenta Alda Britto da Motta (2002), a identidade etária da velhice está marcada pela presença do corpo como definidor do que é ou não velho e do que é ou não é saudável. Durante todo o processo de pesquisa, principalmente na condição de parceria potencial, o corpo apareceu como um referente importante. Este trabalho, portanto, é resultado de uma relação que se deu no decorrer da pesquisa e das inquietações produzidas a partir dos olhares sobre os chamados “corpos velhos”.

Apresento, assim, a dissertação em quatro capítulos que buscam dar conta do processo de pesquisa, desde a construção do objeto. No primeiro capítulo, CAMINHO DE CHEGADA, tratarei de uma apresentação do processo de construção do objeto, ao informar o leitor sobre o caminho percorrido para a definição do objeto da presente pesquisa e a escolha do campo de investigação, bem como o porquê da escolha de um estudo sobre gênero/envelhecimento sob olhares masculinos, ao discorrer sobre a preponderância da perspectiva feminina nos estudos de gênero e mesmo sobre envelhecimento.

No capítulo II, EM CAMPO: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS, explicitarei os aspectos metodológicos que guiaram a pesquisa e os percalços surgidos na interação da pesquisadora com os sujeitos pesquisados. No capítulo III,

¹ Uma análise mais detalhada da condição de parceria potencial será realizada no capítulo II, quando apresento o campo de pesquisa.

“VELHO”, “IDOSO” OU “TERCEIRA IDADE”: AS FORMAS DE CATEGORIZAÇÃO DE SUJEITOS, discutirei o processo de construção e categorização de sujeitos velhos a partir de uma discussão que tem emergido no campo de estudos sobre velhice e envelhecimento a respeito da gerontologia e sua busca pela construção de critérios válidos que definam o que é envelhecimento e quando alguém pode ser considerado velho. Acrescento a isso a discussão que surgiu em campo no que diz respeito a posicionamentos e categorizações dos informantes no que tange ao objeto desta pesquisa – as velhices.

Por fim, no capítulo IV ENVELHECIMENTOS E SEXUALIDADES, procurarei destacar como a sexualidade integra-se ao contexto estudado como um mecanismo de resistência ao envelhecimento, por meio de marcadores corporais que atestam a capacidade para a atividade sexual, a saber a ereção. Entende-se que a forma como se concebe o que seja sexual vai variar conforme contextos sócio-culturais, períodos históricos, em diferentes grupos dentro de uma mesma sociedade e ao longo da vida de um sujeito. No que tange ao envelhecimento, a visão da sexualidade como equivalente à reprodução ou como um referente biológico subjacente que tenderia ao declínio deve ser relativizada, haja vista que está sujeita à modelagem sócio-cultural.

Como procurarei mostrar um homem ser sexualmente ativo implica em muito mais do que a naturalização da sexualidade como um instinto, mas ao contrário, sendo mediada pela cultura, os significados produzidos são atravessados (e atravessam) representações de velhice e envelhecimento. Dentro desse contexto, observa-se que a forma como os discursos produzidos pelos homens, seja nas performances jocosas, seja por reflexões a respeito da qualidade do exercício sexual, são significativos para compreender os sentidos produzidos sobre a masculinidade viril. Nesse sentido, para compreender os significados produzidos em torno do processo de envelhecer é preciso considerar que a sexualidade torna-se uma das condições por meio das quais os homens empenham-se em demarcar a sua experiência pessoal de envelhecer como diferente da velhice enquanto decadência física, psíquica, social e sexual. Portanto, *velho* é sempre o outro.

1 CAMINHO DE CHEGADA

1.1 Como se definiu o caminho

Para contextualizar esta pesquisa e a sua escolha, convém alguns esclarecimentos que se acredita serem fundamentais para orientar o leitor na compreensão deste trabalho. Por isso, considera-se importante relatar brevemente minha trajetória acadêmica, procurando tornar inteligíveis os passos e desdobramentos que estão sendo efetuados enquanto constrói-se este trabalho de dissertação de mestrado.

Velhice enquanto um tema de estudo constituiu-se a partir de uma experiência em um projeto de extensão realizado no período de graduação em Psicologia com velhos residentes de um asilo em Santa Maria. Esta experiência permitiu o contato com situações e modos de ser/estar no mundo que produziram algumas inquietações, haja vista que há formas de sentir, pensar, falar e agir hegemônicas em relação à velhice e que, nas palavras de Norbert Elias (2001), dificultam a compreensão da experiência de envelhecer, já que não temos a *“base de experiência própria para imaginar o que ocorre quando o tecido muscular endurece gradualmente, ficando às vezes flácido, quando as juntas enrijecem e a renovação das células se torna mais lenta”* (ELIAS, 2001, p. 80).

Na instituição na qual eu e outra estudante de Psicologia propusemos o projeto, encontrava-se uma velhice contrastante ao estilo de vida proposto hoje àqueles que envelhecem, sob o nome de terceira idade, pois os residentes constantemente recusavam-se a participar das atividades e, quando concordavam, faziam-no, de modo geral, compulsoriamente. Havia uma preferência, por parte dos velhos, em ficar sentados, não raro em silêncio. Esta situação causou um estranhamento e, até mesmo, uma quase patologização deste modo de viver, haja vista que minha colega e eu tínhamos uma leitura específica do processo de envelhecimento como um processo de múltiplas perdas, marcada pela ausência de reconhecimento social e perda de papéis sociais.

Esse dizer não às propostas foi positivado pelo orientador do projeto, ao considerar que a recusa significava menos uma negação à vida do que um desobrigar-se de comportamentos considerados como “normais” na velhice. Era um pedido para que nós, integrantes do projeto, deslocássemos nosso olhar para o que ali se produzia, em sua forma singular e distinta do que se observava para além dos muros do asilo.

Em suas colocações, o orientador da Psicologia aproximava-se de Gilles Deleuze, quando este, em seu *Abecedário* (1989), positiva o tempo vivido na velhice como um tempo em que não há obrigações a serem cumpridas. Seria uma espécie de liberação por parte da sociedade, em que os velhos são liberados do trabalho, da organização de projetos, objetivos e das formas hegemônicas de perceber “a” velhice. Isto, na visão do autor, possibilita a abertura para se viver uma outra velhice, em que não se necessita fazer coisa alguma.

Esse deslocamento do olhar para os processos minoritários nos era estranho e inovador, exigia-nos pensar sobre velhice e envelhecimento a partir de uma outra lógica ao propor desconstruirmos, em nós mesmos, discursos instituídos sobre o que é envelhecer. Habitadas aos discursos pregados tanto em disciplinas como Psicologia do Desenvolvimento quanto no dia-a-dia, que apresentavam “a” velhice em oposição à infância e à juventude – épocas de intensos ganhos – como um período de improdutividade, marcado por perdas físicas, cognitivas e sociais, pensá-la a partir de uma outra perspectiva exigia também pensarmos em nosso próprio envelhecimento. Isto significa que era, e é, necessário assumir aqui uma postura epistemológica que entende sujeito-objeto como parte de um mesmo todo e que se fará presente em todo o trabalho. Nesse sentido, ao escolher velhice como objeto de pesquisa deve-se estar ciente de que “estamos” todos implicados, visto que não se trata de um outro distante, mas um outro que um dia “nós” seremos – velhos.

Era, e é, um exercício de empatia e de lançar um olhar para algo que se opõe aquilo que muitos têm afirmado fazer parte da sociedade contemporânea: um elogio ao corpo belo, jovem e desejável (PITANGA, 2006; GOLDENBERG, 2002) e que se associa ao que Jurandir Freire Costa (2001) chama de cultura somática, do cultivo de uma “subjetividade exterior”, em que o corpo torna-se espelho da alma. Neste asilo não havia homens ativos, belos e joviais, mas velhos, estéticas, por vezes, nada atraentes e que se aproximam das figuras inertes dos personagens de Samuel

Becket (2005) em *Esperando Godot*². Como as personagens, os internos parecem viver na espera, encontrando-os diariamente sentados, sem fazer “nada”.

Foi a partir dessa situação peculiar que um certo estranhamento introduziu-se, exigindo, assim, um outro olhar, através de outros recortes que indicassem novos caminhos para a reflexão. Havia um novo desafio que resultou em uma ruptura do olhar que até então vinha sendo dado à velhice, o que implicou no rompimento da associação entre velhice e invalidez, que compõe o estereótipo de ser velho.

Frente a essa nova perspectiva, foi necessária a busca de novos referenciais que pudessem dar um novo suporte às reflexões que emergiam, encontrando em Cícero (1997) uma possibilidade de deslocar o olhar sobre “a” velhice. Em 44 a.C., este autor escrevia que a arte de envelhecer está em encontrar a potência que esta idade possui. Na perspectiva do autor, velhice seria uma etapa da vida em que não se está mais incumbida das mesmas tarefas da juventude, mas também não se opõe a ela, na medida em que cada idade possui diferentes possibilidades de existência, dentro dos recursos que se tem.

A partir das reflexões de Cícero (1997), entendíamos que velhice não se opunha à juventude. Contudo, era necessário compreender um conjunto de vetores que constituem o nosso olhar sobre “a” velhice e orientam a percepção desta como um período em que há o declínio de funções cognitivas e do vigor físico. Apreendê-la para além de uma etapa natural do ciclo vital significa considerar o entrecruzamento de discursos médicos, biológicos e psicológicos, os quais formam um juízo sobre a mesma e pautam projetos que tendem a uma retificação das subjetividades sob uma pretensa promoção de saúde.

Acompanhada por Cícero (1997), Michel Foucault (2006), Gilles Deleuze (1989) e Friedrich Nietzsche, novos elementos puderam ser introduzidos com o intuito de problematizar os modos de subjetivação que dali emergiam. No período de um ano, reestruturou-se o projeto, passando de uma proposta de construção de grupos aos moldes de programas de convivência para a terceira idade, para o questionamento do que seria essa demanda por atividade exigida pela coordenação do local. Passou-se a questionar o discurso da direção do asilo que, ao entender velhice de uma determinada forma, consoante com modos de subjetivação

² Nesta obra beckettiana, os personagens estão inertes, pois não há nada a fazer e nada acontece, por isso entregam-se à espera, contrária a todos os sinais, de que algo de novo se produza.

hegemônicos produzidos na atualidade, instituía práticas de atenção que desconsideravam as especificidades e os desejos dos residentes. De um olhar para os velhos institucionalizados passou-se a problematizar a institucionalização da velhice como formas de pensar e perceber produzidas por discursos de diferentes agentes – mídia, discurso gerontológico, entre outros – que constituem o sujeito-velho e atravessam práticas presentes na instituição.

Um outro projeto surgia ao problematizar não apenas o olhar sobre “a” velhice, mas qual o papel do psicólogo em uma instituição para pessoas em idade avançada, o que poderia ele fazer ou não e que clínica era possível constituir-se neste local. Em meio a estes questionamentos, velhice tornou-se uma questão. Era necessário avançar no estudo sobre o tema, refletir sobre os modos de subjetivação que se tem produzido e que operam cotidianamente na prática daqueles que atuam com esta população. Para isso, pensou-se em distanciar-se da psicologia e procurar em outros campos novos caminhos para uma reflexão sobre o envelhecer, encontrando na antropologia, sociologia e filosofia algumas possibilidades.

Transitar por essas disciplinas permitiu compreender o objeto para além de modelos que, por vezes, podem reduzir a complexidade do processo de envelhecer a razões cognitivas, psíquicas ou biológicas. Tal fato culminou em uma monografia de conclusão de graduação em que se buscou problematizar a experiência de envelhecer em uma instituição levando em consideração o contexto sócio-histórico e cultural em que se insere a temática.

Contudo, ainda era preciso prosseguir na compreensão da experiência de envelhecer, pois entendê-la somente a partir de um contexto asilar, além de ser arriscado, em função das especificidades institucionais, leva a uma redução da complexidade do tema em uma comparação frágil. Mas uma importante lição foi aprendida neste contato com o contexto asilar ao provocar uma ruptura com o modo de perceber velhice e envelhecimento até então entendido como natural: era imprescindível considerar a singularidade dos modos de viver em diferentes contextos. Velhice, como uma etapa imutável e homogênea, não se sustentava mais; era preciso considerar as contingências e, assim, observar outros locais onde circulam velhos para entender este processo em suas diferentes expressões.

Na procura de avançar a compreensão do envelhecimento e de construir um problema de pesquisa para a realização do mestrado, considerei a possibilidade de desviar-me, parcialmente, das leituras da Psicologia e buscar em outros campos de

conhecimento um espaço de reflexão que me permitisse enriquecer as discussões suscitadas na execução do referido projeto de extensão. Encontrei no Mestrado em Ciências Sociais esta possibilidade.

As contribuições e reflexões proporcionadas em disciplinas e seminários, através de discussões de textos sobre os percalços do trabalho de campo em Ciências Sociais, em muito auxiliaram no delineamento desta investigação. A este respeito destaco: os atos cognitivos em Roberto Cardoso de Oliveira (2000) – o olhar e o ouvir, atos disciplinados pela disciplina, através dos quais se propicia ao observador, já em primeira instância, construir os dados através de sua descrição, e o escrever como o momento em que estes dados sofrem uma nova interpretação, agora com o “idioma da disciplina”.

Também as reflexões sobre as implicações do pesquisador com a pesquisa, sobre a qualidade e densidade da interação com os grupos com os quais se está compartilhando experiências, as ponderações sobre o campo enquanto experiência moral e a necessidade de atentar para as expectativas surgidas na interação com os informantes, como pontua Clifford Geertz (2001), auxiliaram na compreensão da relação entre a pesquisadora mulher e jovem interessada em realizar pesquisa com homens velhos no centro da cidade. Ainda, as preocupações com a construção do objeto em Pierre Bourdieu (1998). E, por fim, sobre o fazer etnográfico, que mesmo não sendo o foco desta dissertação contribuiu para uma maior atenção com a construção do problema de pesquisa, o diálogo com a teoria e as especificidades que o campo pode apresentar.

Assim, passei a considerar as implicações de escolher estudar homens velhos que se encontram no centro da cidade, pois, como sugere Roberto DaMatta (1985), cada sociedade tem uma gramática de espaços e temporalidades diferentes, que possibilitam ordenar um conjunto de vivências em relação aos espaços que habitam. Neste sentido, para estudar grupos urbanos de velhos convém considerar que o que for falado em um banco da praça pode não ser o mesmo que se falará em um sofá da casa. Os espaços e as esferas de significação social – a casa, rua e outro mundo – fazem mais do que separar contextos e configurar atitudes, eles demarcam mudanças de atitudes, gestos, assuntos e quadros de avaliação, na medida em que cada uma dessas esferas contém pontos de vista e éticas distintas.

Portanto, era importante atentar para o fato de que eu estava adentrando em um espaço público onde se configura uma sociabilidade masculina cotidiana, e neste

viés as marcas de gênero operam no dia-a-dia destes homens que vão ao centro, tendo em vista que há uma disposição contextual e cultural onde é possível se colocar em jogo, enquanto um *habitus* masculino, determinados valores. As práticas sociais masculinas na velhice, enquanto um constante jogar, devem ser reiteradas por práticas (ou discursos) inscritas nos corpos sob a forma de disposições corporais, de modo a orientar maneiras de fazer e categorias de percepção destas maneiras de fazer (BOURDIEU, 1996). Então, podemos pensar que o *ethos* desse grupo se atualiza nesse processo de sociabilidade em que se joga o *habitus* masculino.

1.2 A escolha do local de pesquisa

Na Praça Saldanha Marinho, na qual circulo constantemente, como habitante da cidade de Santa Maria, encontro diariamente velhos sentados pelos bancos deste local. Perceber que na praça também havia velhos que passavam algumas horas sentados, sem fazer outra coisa, mostrou-se curioso, pois, em um primeiro momento, não diferia do que visualizava no asilo. Esta presença constante chamou minha atenção e despertou o interesse em deslocar o espaço de análise para este local, na procura de compreender modos de existência na velhice que diferem dos movimentados grupos para a terceira idade.

A escolha desse local para a realização desta pesquisa foi motivada pelas reflexões suscitadas enquanto participava do projeto realizado no asilo, durante a graduação em Psicologia. Naquele período, questões como o que é o ócio e o lazer no que concerne à velhice surgiram pela pouca adesão dos velhos institucionalizados a atividades que exigiam algum esforço. A justificativa, na maioria das vezes, era atribuída ao fato de terem dedicado suas vidas ao trabalho e agora que estavam velhos poderiam, e queriam, descansar. O argumento pode ser resumido desta forma: “deixe-me em paz, estou velho, um caco, não preciso fazer coisa alguma”. Percebeu-se que ócio, estar à toa e improdutividade adquiriram significados diferentes para estes velhos, em geral, positivados como possibilidades impensáveis antes da velhice chegar e compulsoriamente pararem de trabalhar.

A partir dessa constatação, surgiu o interesse de problematizar as imagens produzidas sobre envelhecimento, pois claramente havia uma diferença entre a leitura amplamente divulgada pela mídia, gerontologia e outros, e a interpretação destes sujeitos com relação ao que é velhice. Reconhecer esta distinção entre o que se produz e como se vivencia o processo foi o primeiro passo para questionar: o que é, afinal, “a” velhice e o que define sujeitos como sendo velhos?

Leituras foram realizadas para compreender as imagens acionadas por estudos e reportagens que tratavam da velhice como um objeto de discussão, percebendo-se que muito se escreve sobre os programas ou atividades voltados para a população de mais idade³. Seriam os chamados grupos voltados para a terceira idade, nova estratégia identitária produzida para identificar um grupo de pessoas que estão envelhecendo, mas mantendo uma outra atitude diante deste processo. Sobre esse modo de viver, tem-se constantemente apontado como um novo *ethos* para aqueles que envelhecem, que por vezes pode levar a desconsideração de outros modos de estar no mundo, que destoam em sua forma de expressão.

Dessas leituras uma questão importante surgiu com relação aos modos de pensar e perceber “a” velhice, acionados pelo discurso gerontológico biomédico: seriam esses modos suficientes para compreender a dinâmica participativa dos velhos nos espaços de sociabilidade? Acredita-se que não, pois se entende que as categorias utilizadas pela gerontologia não são suficientes para explicar o cotidiano de vida de velhos, sendo apenas estes capazes de dizer sobre seu mundo, através de categorias próprias.

Concordando com Alfred Schutz (1979), entende-se que o mundo é interpretado à luz de categorias e construtos do senso comum construídos na prática

³ A visibilidade alcançada pelas imagens mais positivas do envelhecimento projetadas pela publicidade, gerontólogos e ativistas da velhice, que tratam as fases mais avançadas da vida como momentos propícios para a experimentação, a realização de projetos e sonhos, a adoção de novos hábitos e atividades motivadoras através da adoção de formas de consumo e estilos de vida sob o nome da terceira idade pode ser considerada um fator importante para a preponderância de estudos que destaquem as novas formas de envelhecer presentes em grupos e programas voltados para a população de mais idade. As imagens da velhice produzidas na atualidade empenham-se em desvincular as pessoas de mais idade das imagens de decadência, dependência e invalidez, através do incentivo a comportamentos que não são mais associados exclusivamente à juventude. Com isso, surgem novos sujeitos, novos comportamentos e novas possibilidades de viver esta fase da vida, o que provoca a necessidade de modificação dos vocábulos e representações comumente associadas às fases mais avançadas do curso da vida. Assim, indivíduos que, apesar do avanço da idade, envolvem-se em atividades e adotam estilos de vida e formas de consumo de bens e serviços capazes de combater o envelhecimento não podem ser considerados velhos.

do dia-a-dia, os quais são largamente sociais na sua origem. Compreende-se, então, que as categorias de entendimento e agir no mundo dão-se a partir da experiência cotidiana, permitindo construir-se um conhecimento sobre a realidade. Sendo assim, a preocupação central será buscar abordar os sentidos que os atores dão às suas ações no cotidiano. Para compreendê-los é preciso observar aquilo que Malinowski (1978) chama de os “imponderáveis da vida real”, ou seja, a observação sistemática das práticas cotidianas em sua plena realidade, mediante uma imersão no dia-a-dia dos velhos no centro.

Para tanto, passou-se de habitante a pesquisadora deste espaço da cidade em que um olhar mais sistemático ao que seria o objeto de pesquisa desta dissertação foi se constituindo. Algumas idas à praça com o intuito apenas de observação foram necessárias. Observar os velhos que sentam nos bancos e ali ficam por um longo tempo tornou-se curioso, pois parecia haver entre estes grupos uma outra forma de expressão de modos de ser velho, em que outros elementos combinam-se para compor os grupos que ali circulam.

A ausência, neste local, de mesas para jogos ou outro tipo de atividade, existindo apenas bancos distribuídos por todo o espaço do centro, além da presença majoritária de homens, introduz algumas questões. Há um contraste deste espaço em relação aos programas ou grupos voltados a atividades de lazer e cultura, no que tange a quem integra estes espaços ou aquele. Naquele a presença masculina é majoritária, enquanto nos grupos organizados para lazer e cultura há um predomínio de participantes mulheres, como constata Debert (2004) e Motta (1999).

Essa diferença na participação por sexo pôde ser corroborada pela experiência de observação, entre novembro e dezembro de 2008, de uma atividade para a Terceira Idade desenvolvida pelo Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade (NIEATI/UFSM), ao constatar-se que de um grupo composto por aproximadamente 35 participantes em geral 8 eram homens. Algo também observado em pesquisas que, em se tratando das diferenças na experiência de envelhecer para homens e mulheres, constata que há pouca adesão de homens em grupos de convivência⁴.

⁴ Ver, por exemplo, os trabalhos de Guita Grin Debert (2004), Carlos Lima Rodrigues & Elisabeth Frohlich Mercadante (2006) e Renato Xavier Coutinho & Marco Aurélio Acosta (2009), bem como a dissertação de Mirella Pinto Valerio (2001).

O que faz com que mulheres participem mais ativamente dos programas para a terceira idade? Autores afirmam que as mudanças nos significados hoje atribuídos à velhice, que sob o nome da terceira idade propagam uma reconfiguração da mesma, formam as mais diversas possibilidades de ser velho ou velha na sociedade, o que permite a estas mulheres novas sociabilidades, longe do ambiente doméstico (MOTTA, 1994; DEBERT, 2004; ALVES, 2005; BARROS, 2006). Em um primeiro momento, pode-se pensar que estas mulheres, frequentadoras das atividades para terceira idade, façam parte daquilo que hoje se considera “normal” para aqueles que envelhecem. Mas e estes homens que vão ao centro, o que estariam fazendo, já que não fazem parte, em sua maioria, destes espaços de sociabilidade? Eles não fazem parte do que se está chamando da “melhor idade”? Estariam transgredindo alguma norma de comportamento esperada para a velhice na atualidade?

A partir destas questões considero que pensar em velhice como uma identidade fixa, universal e homogênea torna-se problemático, visto que homens e mulheres significam de maneiras distintas a experiência de envelhecimento, com base no pertencimento de gênero. O processo de socialização de homens e de mulheres como sujeitos gendrados envolve uma pedagogia cultural (LOURO, 2001) que tomam os corpos como referências da identidade, construindo modos adequados de apresentá-lo, de olhá-lo e de senti-lo a partir da internalização de padrões culturais que torna viável determinados comportamento e sujeitos.

É nesse sentido que Debert (1988) pontua a impossibilidade de considerar a experiência de um ou outro como representativo de uma melhor adaptação ao envelhecimento, porque cada um a seu modo constrói um conjunto variado de mecanismos de resistências para marcar a diferença entre a velhice em geral e a experiência individual de envelhecer. Gênero como um construto sociocultural constituinte da identidade dos sujeitos é produto e processo das relações sociais. Logo, aquilo que torna possível nomear, definir e diferenciar homens e mulheres constitui, efetivamente, aquilo que passa a ser definido e vivido como masculinidade e feminilidade, em uma dada cultura, em um determinado momento histórico (MEYER, 2003). Nesse sentido, perceber que as práticas cotidianas e a reflexão que velhos e velhas fazem a respeito de sua experiência são marcadas por diferenças

de gênero, classe, formação social e cultural distintas torna-se primordial para entender velhice como uma multiplicidade⁵.

Para Debert (2004) o investimento em formas distintas de associativismo diz respeito ao entrecruzamento entre um conjunto de práticas relacionadas ao feminino e ao masculino e os diferentes discursos que falam sobre velhice e envelhecimento. Compreender as diferentes formas como homens e mulheres representam o que é velhice e percebem as mudanças ocorridas no envelhecimento significa perceber uma gama de significados que são importantes para entender o uso diferenciado dos espaços de sociabilidade.

A partir do exposto e considerando a multiplicidade de velhices, pensou-se em lançar um olhar sobre homens velhos frequentadores de espaços públicos, como o Calçadão e a Praça Saldanha Marinho, no centro de Santa Maria. Sem perder de vista a relação entre velhice e masculinidade, a pergunta a ser respondida diz respeito à compreensão da forma como as marcas de gênero atravessam os modos de perceber e viver o envelhecimento, moldando representações e práticas sociais.

1.3 Velhices: uma questão complexa

Leituras empreendidas a respeito de envelhecimento, principalmente aquelas advindas dos estudos antropológicos, demonstraram a impossibilidade de levar a cabo uma pesquisa sem que se considere outras marcas sociais como parte constituinte dos modos de viver e perceber as velhices. Debert (2004), em seu trabalho *A Reinvenção da Velhice*, discute sobre o assunto, ao afirmar que as diferenças presentes nos processos de socialização em grupos de aposentados e de convivência, em que as participações por sexo variam enormemente de um grupo para outro, demonstram que as formas de compreensão e categorização da velhice não podem ser generalizadas a todos os grupos. “A” velhice não seria uma categoria que se sobreporia a todas as outras, as experiências não poderiam ser

⁵ Multiplicidade é aqui entendida a partir das considerações de Tomaz Tadeu da Silva (2009) sobre identidade e diferença. Para o autor multiplicidade diz respeito a um processo de não fixação dos sujeitos em determinadas identidades culturais e lugares sociais através de um incessante e ativo processo de produção de modos de existir.

universalizáveis e, neste sentido, gênero tornar-se-ia uma ferramenta analítica importante para pensar em múltiplos envelhecimentos.

Elisabeth Frohlich Mercadante (2005), preocupada com as mesmas problematizações de Debert (2004), questiona se tomar “a” velhice como um dado biológico, gerador de declínio tanto físico quanto cognitivo, não tornaria restrito o entendimento do que seja envelhecer, além de excluir uma multiplicidade de modos de existir, a partir de uma realidade visível e cronológica. Os estudos realizados sob a perspectiva antropológica têm contribuído amplamente para inovar a abordagem dos estudos sobre envelhecimento, ao relativizar a visão universalista delimitada a partir da dimensão biológica. Conforme Elizabeth Uchôa (2003: 851):

À medida que se documentou o processo do envelhecimento em diferentes culturas e que se constatou a diversidade de formas de envelhecer, a velhice e o envelhecimento deixaram de ser encarados como fatos naturais, para serem encarados como fenômenos profundamente influenciados pela cultura.

A partir destes estudos, é possível compreender que há distintas formas de envelhecer em diferentes culturas. Assim, a visão de que envelhecimento é uma condição biológica à qual o indivíduo submete-se passivamente não pode mais ser considerada, visto que é um fenômeno tanto biológico como social/cultural e ao qual reagem com base em seus pertencimentos. Por isso, “a” velhice – como categoria definidora e definitiva – não constitui uma propriedade substancial que o indivíduo adquire ao longo da vida, mas trata-se da construção de diferentes práticas e representações historicamente produzidas que faz ver e falar certos modos de sentir, pensar e agir (MINAYO & COIMBRA JR., 2002; BARROS & CASTRO, 2002).

Como se pode perceber, velhice e envelhecimento são processos vividos e percebidos diferentemente em cada sociedade, grupo e geração, conforme suas particularidades culturais, sociais e econômicas, particularidades estas que permitem aos indivíduos de um grupo interpretar a própria experiência e guiar suas ações (ARCAND, 1982; UCHÔA, FIRME & LIMA-COSTA, 2002).

Dito isto, assume-se, no presente trabalho, que o termo velhices, em contraposição à velhice, adequa-se melhor às problematizações que impulsionaram a realização desta dissertação, ao entender que “a” velhice não pode ser homogeneizada em uma categoria etária, definida a partir de marcos cronológicos. Se a noção de velhice, como uma categoria, é útil ao oferecer uma leitura mais geral

e generalizável dos fenômenos para classificar um grupo de pessoas como pertencentes à determinada idade e, portanto, velhas, por outro lado esta mesma noção torna-se enganosa, já que despreza as complexas diferenciações existentes dentro do grupo de sujeitos ditos velhos. E, por isso, pergunta-se: O que é preciso para ser velho? É preciso ter certa idade? Seria a idade um marco definidor da velhice?

As classificações etárias nada mais são do que constructos sociais importantes para a organização social e para as formas de controle de recursos políticos. Em nossa sociedade, tais classificações periodizam a vida em faixas de idades, através de um sistema de datação desvinculado da estrutura biológica, que define quando alguém passa a fazer parte de determinado grupo etário. Em boa medida, a idade cronológica tem funcionalidade para a institucionalização dos direitos de pessoas com mais de 60 anos, como aposentadoria, gratuidade no transporte coletivo público, entre outros, como bem ressalta Debert (2004: 46):

[...] as idades cronológicas, baseadas num sistema de datação, estão ausentes da maioria das sociedades não-ocidentais e são, nas sociedades ocidentais, um mecanismo básico de atribuição de *status* (maioridade legal), de definição de papéis ocupacionais (entrada no mercado de trabalho), de formulação de demandas sociais (direito à aposentadoria).

Contudo, fora deste âmbito, classificações e posicionamentos dos sujeitos a partir do reconhecimento das idades cronológicas torna-se conflitante, haja vista que, parafraseando Motta (2006), é muito difícil alguém reconhecer-se como velho, porque “a” velhice é sempre associada à decadência, doença, senilidade e proximidade com a morte.

Portanto, é difícil definir velhice e, inclusive, quem pode ser considerado velho. Mais complicado é tomar “a” velhice como uma identidade permanente e constante. Mercadante (2005), falando de envelhecimento como uma questão complexa, afirma que não há respostas simples a serem buscadas e tampouco um conceito chave que consiga dar conta dos múltiplos atravessamentos que percorre aquela categoria. Reconhecer a complexidade e heterogeneidade do envelhecimento exige compreender que “a” velhice, marcada pelo artigo definido a/o, em si nada significa, pois se trata de uma categorização que através de um conjunto de enunciados inscreve “a” identidade e “o” lugar possível para o sujeito velho.

Destarte, quando se fala “a” velhice, fala-se em sujeitos sem cor, sem classe, sem religião e sem gênero. “Uma” velhice universalizada e essencializada através do corpo declinante. Contrário a isso e buscando ampliar o escopo de possibilidades para pensar envelhecimentos, em meu contexto de estudo atentei para as articulações entre gênero e idade na busca de compreender algumas formas como homens apr(e)endem marcas que definem corpos e sujeitos ditos velhos, ao investigar as representações e atitudes de homens com relação à condição de velhos.

1.4 Olhares de gênero sobre envelhecimento

A compreensão da velhice como uma categoria heterogênea e sua articulação com outras dimensões da vida social, como gênero, permite um recorte analítico frutífero, largamente aventado por alguns autores no campo dos estudos sobre envelhecimento (MOTTA, 1994; 1999; 2006; DEBERT, 2004). Para Motta (1999), a identidade de gênero pode ser considerada constitutiva da identidade geracional, quando afirma:

Na perspectiva de gênero, a trajetória de vida de homens e mulheres, como construção social e cultural, vem determinando diferentes representações e atitudes em relação à condição de velho(a). Dessa forma, gênero e idade/geração são dimensões fundantes de análise da vida social. Expressam relações básicas, por onde se (entre)tecem subjetividades, identidades e se traçam trajetórias. Proposta uma análise da condição social atual de velho, não há como fazê-la sem esse conhecimento sobre os diferenciais de gênero e de classe social que a constituiriam internamente e lhe dariam específicos sentidos (MOTTA, 1999: 207).

Como salienta Motta (1999), diferentes expectativas sociais norteiam a trajetória de homens e mulheres, hoje velhos: para a mulher a domesticidade, maior repressão social e sexual, desigualdades e dificuldades de acesso no mercado profissional, de formação e de condições de trabalho em relação aos homens, menor participação política e impossibilidade de apropriar-se de seu corpo. Aos homens, por seu turno, o maior poder político, a intensa e variada parceria sexual e a obrigação de ser o provedor da família, constitui o conjunto de atitudes e expectativas que definiriam o modelo de masculinidade, constituinte da identidade

de gênero de homens hoje velhos e implica em uma certa dinâmica de privação e subordinação ao modelo hegemônico⁶.

Ao envelhecer e, portanto, adentrarem na categoria velhice, observa-se experiências diferentes, conforme a trajetória destes grupos. Mulheres velhas, ao perderem a condição social de reprodutoras e considerando o fato de, em sua maioria, não terem tido vida profissional ativa, além de uma vida sexual e social muito mais restritiva, parecem, na velhice, conquistar a libertação de certos controles societários e comunitários. Motta (1999; 2006) sugere que uma liberdade de gênero se sobrepõe, muitas vezes, à condição geracional, ao obscurecer a percepção destas mulheres de toda uma gama de preconceitos sociais ainda vigentes com relação à velhice e às mulheres.

Para essas mulheres velhas, de acordo com Debert (2004), envelhecimento significa a passagem de um mundo regrado para outro em que é permitido criarem suas próprias regras, tornando essa conquista da liberdade feminina um fato irreversível, que permite uma redefinição do que é envelhecer. De acordo com Andrea Moraes Alves (2006), a preponderância do discurso da terceira idade entre o grupo de mulheres velhas de camadas médias serve de orientação e justificação para as suas práticas atuais de sociabilidade e libertação. Como destaca a autora: “o discurso atual da velhice ativa e autônoma oferece um quadro de possibilidades para a valorização do envelhecimento fora do âmbito estritamente doméstico, constituindo-se um espaço de individuação das mulheres mais velhas hoje” (ALVES, 2006: 86).

Entre homens velhos, por sua vez, a liberdade reportar-se-ia, nas palavras de Motta (1999), a uma positividade geracional, ou seja, quando aposentados atingiriam um tempo de descanso em que, desobrigados do trabalho, teriam mais tempo para o lazer. É sobre este tema, o tempo livre e envelhecimento, que trata Carlos Lima Rodrigues (2000) em sua dissertação de mestrado, ao perguntar-se “o que resta a estes homens” que após aposentados têm um tempo só para si.

⁶ Esse modelo de masculinidade referido por Motta (1999) configura-se como um modelo hegemônico e não totalizante produzido juntamente e em relação a outras masculinidades (CONNELL, 1995). Isto implica em assimetrias e hierarquias, pois nem todos os homens assumem a posição hegemônica na ordem de gênero. Embora os homens, em geral, se beneficiem das vantagens de uma estrutura de gênero hierarquizada, que Connell (1995) nomina de dividendos patriarcais, alguns homens pagam, assim como as mulheres, o preço da manutenção das assimetrias de gênero. Portanto, a posição dominante dos homens tem custos não só para as mulheres, mas também para grupos específicos de homens.

Para além de uma “cultura do pijama” ou rótulos de inatividade, em que envelhecimento masculino estaria atrelado à impossibilidade de sentirem-se úteis de outra forma que não através do trabalho, Rodrigues (2000) procura compreender as formas através das quais homens, agora aposentados, vivem e significam esta nova fase de suas vidas. Masculinidade torna-se uma referência, ao considerar seus atravessamentos com a categoria trabalho para a constituição das identidades destes homens aposentados.

Sergio Antonio Carlos, Maria da Graça Correa Jacques, Sandra Vieira Larratéa, Olga Collinet Herédia (1999) destacam que o trabalho na sociedade contemporânea torna-o definidor do “eu”, pois ao dizer “quem és” deve-se dizer “o que é”. E se há um afastamento do trabalho isso não significa um rompimento com ele, pois a identificação fica preservada na memória. Por isso, para Rodrigues (2000) o trabalho marca não somente quem são estes homens participantes de sua pesquisa, mas também confere a eles uma referência social da sua masculinidade, pois, ao contarem uma vida marcada pela dedicação ao trabalho informam sobre modos de estar no mundo enquanto sujeitos gendrados.

Assim como Rodrigues (2000), Mirella Pinto Valerio (2001), em sua dissertação, ao procurar entender a pouca adesão de homens velhos em programas para terceira idade, considera a relação trabalho/construção de masculinidade como central para pensar a separação entre os espaços de sociabilidade e lazer para homens e mulheres e, conseqüentemente, a majoritária presença feminina em grupos de atividade física para terceira idade. A hipótese de Alves (2005) é que os programas de convivência têm maior relação com o espaço doméstico e, conseqüentemente, com o feminino, o que explicaria a preponderância de mulheres. Por sua vez, como aponta Valerio (2001: 98):

Homens idosos acreditam que o maior e mais forte motivo da pouca adesão aos projetos ocorre devido ao preconceito, fruto de uma cultura machista, onde o cuidado com seu próprio corpo ainda não faz parte de seus valores. Para eles [os entrevistados], historicamente, o papel do homem sempre foi o de trabalhar enquanto adulto e descansar, após cumprir com sua missão de formar e manter economicamente a sua família.

Perder o lugar de trabalhador, como discutem Rodrigues (2000) e Valerio (2001), significa perder um referencial de sua identidade e, portanto, é correto dizer

que o trabalho, de certa forma, confere ao homem também a referência social de sua masculinidade.

As diferentes formas de pensar e viver as velhices, discutidas nos estudos apresentados acima, entre homens e mulheres velhos/as, demonstram que os valores e padrões presentes nos discursos sobre o que deve ser o masculino e o feminino é, justamente, o que compõe a diferença entre práticas e representações de velhas e velhos (MOTTA, 1999). Para Debert (2004) as formas de associativismos presentes na velhice envolvem uma dinâmica participativa distinta, a partir do uso diferenciado dos espaços de sociabilidade entre homens e mulheres. Desconhecer essas diferenças e considerar o interesse de mulheres pelos programas a partir da situação demográfica de feminização do envelhecimento é desconhecer as diferenças entre a “razão dos sexos”⁷ para a população mais velha e para as formas de associativismo encontradas entre esta população. Ademais, obscurece o entendimento de que as diferentes formas como homens e mulheres representam o que é velhice e percebem as mudanças ocorridas no envelhecimento são elementos importantes para entender o uso distinto desses espaços.

Essa diferença entre a “razão dos sexos” que alerta Debert (2004) aponta para o fato de que, exatamente pelas questões de gênero, homens e mulheres constituíram, ao longo da vida, experiências e trajetórias sociais diferentes, e que ao envelhecer apenas se dá continuidade a um sistema de sexo-gênero instituído, não fugindo ao que já estava “predestinado” – homens sociabilizam-se de uma forma, mulheres de outra. Isto significa que homens e mulheres não só posicionam-se diferentemente nas relações sociais como são diferentemente afetados por elas, uma vez que os conteúdos das diferenças de gênero são produto e processo de significados diferenciados quanto ao gênero, produzindo leituras distintas, efeito que são da configuração variável de posicionalidades sexuais-discursivas (LAURETIS, 1994).

Gênero, enquanto elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos (SCOTT, 1995), define a diferença sexual através de práticas que asseguram o significado do que é ser homem e mulher. Se esta divisão sexual está na “ordem das coisas”, como nos fala Pierre Bourdieu

⁷ Debert (2004) usa o termo razão dos sexos para remeter ao dado biológico – homens e mulheres – como dado estatístico para argumentar sobre as diferenças numéricas quando se trata de formas de associativismo.

(2002), é porque está presente tanto em estado objetivado, no mundo social, quanto em estado incorporado, nos corpos e no *habitus*, funcionando como um princípio universal de visão e de divisão sexualizantes, como um sistema de categorias de percepção, de pensamento e de ação. Nesse sentido, nesse olhar que pretendo lançar o foco sobre homens velhos, entendo ser importante o conceito de gênero, porque este coloca em relevo a dimensão da construção de masculinidades e feminilidades, além de refletir e constituir as diferenças de gênero na organização dos espaços de sociabilidades ocupados por homens e mulheres.

Para Joan Scott (1994), gênero é um saber que estabelece significados às diferenças sexuais e às diferenças corporais para além de noções fixas e naturais sobre homens e mulheres. Um saber produzido pelas culturas e sociedades sobre as (e para organizar as) relações entre homens e mulheres, decorrendo daí a argumentação da autora de que gênero é a organização social da diferença sexual. Este saber não se refere apenas a idéias, mas a instituições e estruturas, práticas cotidianas e rituais específicos, que produzem, reiteram e legitimam modos de perceber o que deve ser homem e mulher, masculino e feminino.

Segundo Dagmar Meyer (1996), as diferenças sexuais biológicas têm se constituído na base para os processos de significação e organização da vida social, ao estabelecer modos de dar significado às relações sociais, como também às possibilidades dos sujeitos desde o nascimento (ou mesmo antes) ao designar-se o sexo do bebê. Este ato de nomear “é menino ou é menina” estabelece uma fronteira, ao mesmo tempo em que, nas palavras de Guacira Lopes Louro (2004), mais do que descrever, prescreve sobre um corpo, no interior de uma matriz heterossexual, os padrões a ser seguidos e desencadeia um processo de fazer desse um corpo masculino ou feminino. Este processo de fazer de um corpo masculino ou feminino, conforme Louro (2008), requer investimentos continuados, em que marcas, gestos, comportamentos e preferências são ensinados e reiterados, cotidianamente, conforme normas e valores de uma dada cultura.

Como processos culturais, as noções de masculino e feminino são constituídas por um conjunto de recomendações que funcionam como uma norma que serve de referência a todos e estrutura a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social, ao estruturar os modos de estar no mundo conforme a diferenciação sexual. Por isso, sem negar a materialidade do corpo, deve-se atentar para as formas através das quais características materiais adquirem

significado no interior da cultura, inscrevendo marcas através de práticas sociais e pedagogias culturais ao dizer o que é ser homem e mulher (LOURO, 2008).

Assim, neste trabalho considerar-se-á gênero como um aparelho semiótico, um sistema de representação que constitui sujeitos concretos em homens e mulheres a partir de uma relação preexistente aos próprios indivíduos e qualificada sobre a oposição dos dois sexos biológicos (LAURETIS, 1994). Símbolos culturalmente disponíveis que evocam representação, conceitos normativos como grade de interpretação de significados, construídos também nas instituições e organização social e como identidade subjetiva (SCOTT, 1995). Além de uma gramática sexual, regulando não apenas relações homem-mulher, mas também relações homem-homem e relações mulher-mulher (SAFFIOTI, 2004).

1.5 Por que um estudo sobre a relação envelhecimento/gênero sob olhares masculinos?

O livro *Reparando a Falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional*, organizado por Alda Britto da Motta, Eulália Lima Azevedo e Márcia Queiroz de Carvalho Gomes (2005), em sua introdução, explica que o objetivo da publicação é “detectar e reparar uma falta” relacionada à articulação da dimensão temporal das idades e gerações ao gênero, ao apresentar 14 artigos que tentam supri-la. Almejam, com isso, ampliar a discussão para algo que as organizadoras chamaram de falha teórica, quando gênero é defendido como sendo articulado à raça/etnia e classe, mas deixando quase intocado o contexto geracional. Motta (1999) em publicação anterior, *As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento*, já defendia a necessidade desta aproximação, tendo em vista que envelhecer é um processo que afeta diferentemente homens e mulheres. Contudo, passando rapidamente um olhar sobre o sumário do referido livro, encontra-se uma coletânea de artigos sobre as reflexões de gênero e geração em que os estudos sobre mulheres velhas é quase predominante.

Mirian Lins de Barros (2006b) nos diz, a respeito de sua pesquisa, entre o período de 1977 e 1978, que a aproximação da questão da velhice que nos deparamos no cotidiano levou-a a problematizar a de mulheres, haja vista que além

de mulheres elas são velhas e, portanto, duplamente invisíveis. A contribuição dos estudos feministas para o debate dos estudos sobre envelhecimento veio a ratificar este dado que a autora pontuava na escolha de seu grupo de pesquisa em 1977: a invisibilidade de mulheres que, sendo também velhas, aumentava a insignificância deste grupo. Portanto, as mulheres deveriam ser incluídas no debate sobre a velhice, pois os estudos dariam maior atenção às questões que permeavam o universo masculino, como argumenta:

Ao homem velho se dá maior atenção, na medida em que se percebe a aposentadoria como uma mudança radical de vida – uma passagem de um mundo amplo e público para um mundo doméstico e restrito. Na mulher, a velhice não traz essa carga de mudança abrupta. A mulher na velhice está no último estágio de um *continuum* sempre ligado à esfera doméstica, não só porque a grande maioria não teve uma vida profissional ativa, como também porque é a este mundo interno do lar, da família e da casa que a mulher está ideologicamente vinculada (BARROS, 2006b: 114).

Atentando a isso, problematizações a respeito das formas de envelhecer alternativas às mulheres têm crescido desde a década de 90 (MOTTA, 1994; DEBERT, 2004; ALVES, 2005; 2006; BARROS, 2006a; 2006b). Novas configurações, estilos de vida, formas de agir e perceber a velhice como um processo plural expandiram as possibilidades de ser velha, ao permitir que mulheres velhas pudessem rever os *scripts* do que é velhice e ser mulher (DEBERT, 2004), permitindo-as vislumbrar novas sociabilidades, fora do âmbito e influência familiar (MOTTA, 1994; 2006; ALVES, 2005; BARROS, 2006b). Portanto, percebe-se cada vez mais uma visibilidade de mulheres velhas nas pesquisas desenvolvidas no campo de estudos sobre envelhecimento. Visibilidade justificada, nas palavras de Motta (1998; 2005), porque estas são maioria tanto demográfica quanto nas atividades coletivas e públicas, além de estarem assumindo cada vez mais a chefia da família.

Por outro lado, estudos sobre a relação envelhecimento/gênero sob olhares masculinos são ainda escassos. Alguns poucos estudos encontrados problematizam as questões referentes ao universo de envelhecimento masculino desde a perspectiva de gênero ou dos estudos de masculinidade⁸. Outros, por sua vez, destacam as diferenças entre os modos de envelhecer feminino e masculino,

⁸ Podemos citar as dissertações de Carlos Lima Rodrigues (2000) e Mirella Pinto Valerio (2001) e o recente artigo de Renato Xavier Coutinho & Marco Aurélio Acosta (2009).

considerando-as um elemento importante para refletir sobre os estilos de vida e modos de pensar e agir na velhice, contudo sem deter-se especificamente na análise de um ou outro (MOTTA, 1999; 2006; DEBERT, 2004; FIGUEIREDO, TYRREL, CARVALHO, LUZ, AMORIM, & LOIOLA, 2007). Percebendo uma certa carência de estudos sobre homens velhos no campo de estudos sobre envelhecimento, perguntei-me sobre os motivos que culminaram neste fato.

Uma questão que se levanta diz respeito ao fato de as raízes dos estudos de gênero estarem historicamente ligadas ao movimento feminista e, portanto, ao terem a categoria mulher como foco político e intelectual principal poderia tornar (in)visível os homens para os estudos sobre velhice e envelhecimento. Embora o movimento tivesse como preocupação a desconstrução de noções naturalizadas e essencializadas com relação ao masculino e ao feminino, apontando como estas serviam para justificar desigualdades, entende-se que os trabalhos utilizando-se do conceito de gênero, ainda que ressaltassem que o mesmo representa, sobretudo, relações sociais, as quais se dão basicamente entre dois sexos, sempre estiveram vinculados rigorosamente às mulheres.

Como argumenta Scott (1995), as produções que tinham como discussão central a história das mulheres substituíram o termo “mulheres” pelo termo “gênero” na tentativa de dar maior seriedade aos estudos, uma vez que a história das mulheres constituiu-se em guetos, pois permanecia na maior parte investigações voltadas às questões concernentes às mulheres, sendo tolerado, mas sem alterar os rumos da História como disciplina. Para dar visibilidade às mulheres e considerá-las sujeito da História, a introdução da temática das mulheres a partir da abordagem de gênero tem levado a rever narrativas, propor novos olhares, perspectivas e problematizações a fontes já estudadas (SCOTT, 1995; WOLFF & POSSAS, 2005; SOIHET, 1997).

Conforme Scott (1995), a categoria gênero foi proposta como ferramenta analítica por aquelas que sustentavam que a pesquisa sobre mulheres contribuiria para a ampliação dos objetos de estudo e das possibilidades de produção de conhecimento, transformando os paradigmas no seio de cada disciplina. Gênero incluiria as mulheres sem lhes nomear, ao conferir um caráter mais objetivo e neutro aos estudos. Então, apesar das alterações nos termos, gênero ainda estava associado ao estudo das coisas relativas às mulheres, apenas substituindo-se, nas produções deste campo de pesquisa, o termo mulheres por gênero.

Mas com a expansão dos marcos teóricos ficaram mais claros os limites da colagem gênero-mulher, assumindo-se que não se poderia discutir sobre mulheres de forma demasiado estreita e separada, tratando de introduzir o aspecto relacional. Gênero, portanto, permitiria compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana, ao abranger homens e mulheres e suas relações. Apresentava-se, então como uma ferramenta analítica importante ao sugerir que “[...] *qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro*” (Scott, 1995: 75).

Esses estudos afirmam que não se poderia falar em esferas separadas – mundo das mulheres e mundo dos homens –, pois se gênero daria conta de que homens e mulheres eram definidos em termos recíprocos não se poderia compreender inteiramente um ou outro, por meio de um estudo separado. Por isso, falar sobre mulheres implicaria necessariamente em falar sobre os homens.

A modelagem de homens e mulheres como seres gendrados e diferentes faz-se através de um conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais, por meio de uma tecnologia de gênero (LAURETIS, 1994), que, ao mesmo tempo em que constrói as categorias sociais de homem e de mulher, expressa-se nas relações destas duas categorias, normatizando as relações não só entre homens e mulheres, mas também entre homem-homem e mulher-mulher (SAFFIOTI, 1992; 1994; 2004). Para Teresa de Lauretis (1994) há uma cumplicidade entre gênero e ideologia, uma vez que a ideologia opera não somente no nível econômico, mas também por meio de seu engajamento com a subjetividade. Assim, gênero, enquanto uma tecnologia, atribui posições aos sujeitos dentro de uma existência social, formatando corpos segundo as normas de ser homem e ser mulher.

Nas palavras de Heleieth Saffioti (1992: 187):

[...] o gênero é relacional, quer enquanto categoria analítica, quer enquanto processo social, o conceito de relações de gênero deve ser capaz de captar a trama de relações sociais, bem como as transformações historicamente por ela sofridas através dos mais distintos processos sociais, trama esta na qual as relações de gênero têm lugar.

Contudo, não podemos deixar de duvidar que estes estudos por mais que tenham introduzido o conceito de gênero para a ampliação do objeto e das possibilidades de produção de conhecimento, propondo-o como uma categoria

relacional, em boa medida, privilegiam ainda a perspectiva feminina. De acordo com Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008), nos últimos quarenta anos os estudos de gênero, sob a perspectiva feminina, têm discutido sobre os homens e o masculino como aqueles que produzem desigualdades sociais e subordinam as mulheres. Por isso, como apontam Sônia Corrêa e Adriana Vianna (2007), o abandono da colagem gênero-mulher é feito não sem controvérsias, pois no plano da militância a colagem ainda persiste, já que há uma grande resistência em abrir mão do capital político construído ao redor da categoria mulher.

Medrado, Lyra, Galvão e Nascimento (2005) em um pequeno texto, intitulado *Homens Por quê? Uma leitura da masculinidade a partir de um enfoque de gênero*, problematizam a inserção dos estudos sobre homens no contexto da produção dos estudos de gênero. De uma forma ou de outra, explícita ou implicitamente, direta ou indiretamente os homens sempre estiveram presentes. Entretanto, somente recentemente⁹ passou-se a perceber os homens como também inseridos em uma cultura caracterizada por relações hierárquicas desiguais de poder e relações de gênero. Masculinidade agora é pensada também como uma construção de gênero e, nesse sentido, deve-se compreender como homens se posicionam no contexto das relações de gênero e que alternativas discursivas a cultura lhes oferece.

O esforço de se ampliar as discussões e incluir os homens no âmbito da Saúde Coletiva (SCHRAIBER, GOMES & COUTO, 2005), bem como no debate da saúde sexual e reprodutiva (LYRA, 2008; MACHADO, 2004), proporciona uma atualização do conceito de gênero, desde sua perspectiva relacional e contextual. Nas palavras de Daniela Knauth e Paula Machado (2005), a partir desta perspectiva a abordagem

[...] não se restringe a incluir os homens nos estudos e formulação de políticas públicas, mas implica uma mudança na forma de abordar as questões de saúde e de prevenção. Ou seja, esta perspectiva impõe uma abordagem centrada no caráter relacional e, portanto, não basta incluir os homens, mas a própria forma de trabalhar com as mulheres deve ser repensada. O eixo das reflexões e intervenções deixa de ser o indivíduo (homem ou mulher) e passa a ser as relações e representações sociais acionadas nestes contextos (KNAUTH & MACHADO, 2005: 19).

⁹ De acordo com Medrado et. al. (2005), essa discussão tomou fôlego no Brasil particularmente a partir da segunda metade da década de 90.

Assim, já não basta utilizar a categoria gênero como sinônimo de mulher. Mesmo que haja resistências em abrir mão do capital político construído em torno da categoria, a colagem gênero-mulher encontra seus limites (CORRÊA & VIANNA, 2007). Obviamente a trajetória da história das mulheres aos estudos das relações de gênero (SOIHET, 1997) tem sido importante para dar visibilidade ao debate sobre mulheres e as relações de diferença e hierarquização nas relações de gênero. Entretanto, é necessário salientar que o debate sobre o sujeito no feminismo e a construção em torno da categoria mulher (COSTA, 2002; MARIANO, 2005) tem contribuído com profícua reflexão que, nas palavras de Medrado e Lyra (2008), pode contribuir para a construção de um marco conceitual que auxilia na formulação de uma matriz feminista e de gênero para os estudos de homens e masculinidades, a partir de quatro eixos: 1) o sistema sexo/gênero; 2) a dimensão relacional; 3) as marcações de poder; e 4) a ruptura da tradução do modelo binário de gênero nas esferas da política, das instituições e das organizações sociais.

O sistema sexo/gênero, cunhado por Gayle Rubin (2006), é o conjunto de dispositivos pelo qual uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana e por meio do qual tem estas necessidades sexuais transformadas, satisfeitas. Esta estrutura conceitual, buscando novos modos de compreensão da elaboração social do sexo (SAFFIOTI, 2004), percebe que gênero e sexo não são categorias naturais, sendo aquele a representação, conjunto de práticas, símbolos, normas e valores elaborados em termos de uma relação constituída sobre a oposição de dois sexos biológicos (LAURETIS, 1994). Segundo Lauretis (1994), o sistema sexo-gênero é tanto uma construção sócio-cultural quanto um aparato semiótico que confere significado a indivíduos dentro da sociedade e, nesse sentido, a construção do gênero é tanto o produto quanto o processo de sua representação.

Saffioti (1992; 2004) e Medrado e Lyra (2008) ressaltam que apesar das inovações propostas pelo sistema sexo-gênero para a análise nas Ciências Sociais, a dicotomia sexo e gênero, aquele situado na biologia e este na cultura, tem sido questionada, haja vista que a dualidade desta concepção dificulta pensar gênero como relacional, o que para Saffioti (1992) tem várias consequências ontológicas e epistemológicas. A postura adotada por esta autora consiste em considerar sexo e gênero uma unidade, uma vez que considera a interdependência da sexualidade ao contexto social em que é exercida. Nesse sentido, as relações de gênero não

resultariam da existência de dois sexos, mas, ao contrário, o vetor direciona-se do social para os indivíduos, quando estes, inseridos em uma matriz que institui uma percepção da corporeidade, a partir de certas identificações sexuadas, são nomeados homens ou mulheres. Tornar-se mulher e tornar-se homem, parafraseando Saffioti (1992), constitui obra das relações de gênero.

Por isso, Saffioti (1992) entende por sistema sexo-gênero:

[...] a constituição sócio-histórica, simbólica e a interpretação das diferenças anatômicas dos sexos. O sistema de sexo-gênero constitui a grelha através da qual o *self* desenvolve uma identidade incorporada, uma certa forma de ser no seu corpo. O *self* torna-se um eu na medida em que realiza a apropriação, a partir do que lhe oferece a comunidade humana, de um modo de vivenciar sua identidade corporal física, social e simbolicamente. O sistema de sexo-gênero é a grelha através da qual as sociedades e culturas reproduzem indivíduos corporificados (BENHABID, 1988 *apud* SAFFIOTI, 1992: 188).

Portanto, pôr em relevo a dimensão relacional permite, nas palavras de Medrado e Lyra (2008), não só identificar como a construção de masculinidades e feminilidades institucionalizam-se e atualizam-se nas relações de gênero, como também compreender como a dinâmica social hierarquiza as relações tanto entre homens e mulheres, quanto nos homens e nas mulheres. Ainda, proporciona que os estudos sobre homens e masculinidades ganhem maior ênfase, ao possibilitar a ampliação do conhecimento sobre práticas sociais masculinas sob a perspectiva de gênero, considerando a construção de masculinidades não somente em relação ao feminino, mas também em relação aos homens e aos diferentes modelos de masculinidade.

1.6 Masculinidades em relação

Os trabalhos que envolvem homens como objetos de estudos normalmente tratam de esclarecer que estão tratando de masculinidades, ou seja, partem do mundo masculino, dos homens, embora possam remeter ao conceito de gênero. Miguel Vale de Almeida (2005), no verbete do *Dicionário da Crítica Feminista* explica que:

Men's studies foi a alternativa encontrada para criar simetria em relação a *women's studies* (*estudos de mulheres*), mas tanto um como outro são termos infelizes, pois situam o gênero no sexo, numa perspectiva de construcionismo social primário que vê o gênero como elaboração cultural de um suposto sexo natural, descurando assim a análise da construção social da própria noção de sexo (VALE DE ALMEIDA, 2005: 123).

Masculinidade seria, então, o termo que remeteria a um campo de investigação, na área dos estudos de gênero e da sexualidade, que se foca nos processos de construção de significados culturais em torno dos homens e do masculino (VALE DE ALMEIDA, 2005).

O conceito de masculinidade hegemônica tem influenciado o pensamento recente sobre homens, gênero e hierarquia social e tem fornecido ligação entre o campo de investigação de estudos de homens, os estudos feministas sobre patriarcado e modelos sociológicos de gênero. Este conceito refere-se a um padrão de práticas que estrutura e normatiza a posição dos homens nas relações de gênero, legitimando a subordinação das mulheres aos homens e exigindo que outros homens se posicionem em relação a ele, o que faz surgir a relação entre masculinidade hegemônica e masculinidades subordinadas (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2005).

Esse quadro conceitual, segundo Robert Connell e James Messerschmidt (2005), tem servido de referencial para pesquisas e debates sobre homens e masculinidade, sendo aplicado em diversos contextos culturais e em uma gama considerável de questões práticas. No entanto, também é acompanhado por diversas críticas.

Pode-se dizer que esses estudos, de certa forma, seguem a mesma trajetória que os estudos de mulheres, ao constituir um campo de estudos separado, com objeto próprio, pois, embora remetam ao conceito de gênero e seu caráter relacional, trata-se na realidade de estudos sobre homens a partir da relação entre homens. Para Rodrigo Parrini Roses (2006), esta tendência em delimitar um objeto como a masculinidade para um campo de estudo, tratando-o de forma isolada e polarizada, tem consequências políticas e teóricas importantes, principalmente na definição de seu objeto de estudo, pois os estudos de masculinidades representam um campo atrasado e, em muitos sentidos, reacionário, com relação aos estudos de gênero, ao feminismo e à teoria *queer*.

O feminismo e os estudos de gênero focam em um sistema de relações, múltiplas e polimorfos, e os estudos de masculinidade, por sua vez, estão preocupados somente com a masculinidade. O efeito desta delimitação traz duas consequências: primeiro, reproduz o binarismo que tem sido profundamente criticado pelas teorias feministas e, mais recentemente, pelas teorias *queer*; e segundo, ao realizar-se uma divisão ingênua entre masculinidade/feminilidade, não se incorpora a crítica às políticas de identidade, a complexidade do estudo da subjetividade e da centralidade que adquiriu o estudo sobre as relações de poder que conformam os objetos que se referem ao sexo, ao gênero, ou a ambos.

A crítica feminista ao sujeito social universal, representado pelo sujeito masculino, é acompanhada por uma rejeição ao binarismo implícito na noção de diferença sexual, na medida em que esta noção entende gênero como os significados construídos sobre a diferença biológica (MARIANO, 2005). Esta forma de entendimento, ao mesmo tempo em que universaliza a oposição, faz desaparecer as diferenças ao essencializar o sujeito no sexo. Para Lauretis (1994) o conceito de gênero como diferença sexual torna-se uma limitação ao pensamento feminista, pois:

[...] confina o pensamento crítico feminista ao arcabouço conceitual de uma oposição universal do sexo (a mulher como a diferença do homem, com ambos universalizados: ou a mulher como diferença pura e simples e, portanto, igualmente universalizada), o que torna muito difícil, se não impossível, articular as diferenças entre mulheres e Mulher, isto é, as diferenças entre as mulheres ou, talvez mais exatamente, as diferenças nas mulheres (LAURETIS, 1994: 207).

O debate sobre o sujeito do feminismo tem contribuído para problematizar as políticas de identidade, porque esta implica que se construa uma certa unidade em torno de uma categoria. Teóricas feministas, ao empreenderem um processo de desconstrução e descentramento do sujeito masculino universal, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, também passam a problematizar a própria unidade em torno da categoria Mulher, uma vez que ao essencializar e universalizar o sujeito político do feminismo tornaria todas as mulheres “[...] ou diferentes personificações de alguma essência arquetípica da mulher, ou personificações mais ou menos sofisticadas de uma feminilidade metafísico-discursiva” (LAURETIS, 1994: 207).

Pensar em masculinidade hegemônica e formas subordinadas parece levar ao mesmo problema enfrentado pelas feministas nas tentativas de construir o sujeito

do feminismo como universal, e que foi profundamente criticado por feministas negras e latino-americanas, feministas dos países de Terceiro Mundo e das ex-colônias, assim como as feministas lésbicas. Segundo Silvana Aparecida Mariano (2005), tratava-se de uma crítica ao feminismo branco e heterossexual, afirmando que a unidade entre as mulheres também é excludente, opressora e dominante. Embora masculinidade hegemônica diga respeito a sua produção juntamente com outras masculinidades (CONNELL, 1995), o conceito parece impor uma unidade entre modelos de masculinidade (por mais que estes variem conforme contextos culturais e históricos, estará sempre se falando em uma divisão entre masculinidade hegemônica e outras formas) e mesmo essencializar a diferença homem-mulher, ao supor as diferenças baseadas na diferença sexual e, portanto, na relação entre os sexos.

Por isso, no estudo com homens deve-se romper a noção de esferas separadas, seguindo estas problematizações quanto ao caráter permanente da oposição binária masculino-feminino (SCOTT, 1995) e, assim, pôr em xeque tanto a noção de homem e mulher como essências unitárias e unificadoras quanto a oposição entre eles. Seguir este marco conceitual, conforme Medrado e Lyra (2008), permite romper também com a idéia de que há apenas uma única masculinidade, bem como a idéia de que existam formas binárias que supõem a divisão entre masculinidade hegemônica e subordinada.

Para Louro (1997), uma das importantes consequências da desconstrução das oposições binárias

[...] reside na possibilidade que abre para que se compreendam e incluam as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente. A concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um pólo que se contrapõe a outro (portanto uma idéia *singular* de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se “enquadram” em uma dessas formas (LOURO, 1997: 34, *grifos da autora*).

Nesse sentido, ao abordar masculinidades neste trabalho não as considero uma questão separada da feminilidade, ao contrário, considero ambas, masculinidades e feminilidades, como fazendo parte das relações de gênero. Neste caso, homens e mulheres são pensados como definidos pelas tecnologias de gênero e (en)gendrados nas relações sociais (LAURETIS, 1994).

Para Meyer (2003), gênero, enquanto ferramenta teórica e política, aponta para quatro importantes desdobramentos analíticos. Primeiro, o modo como as características femininas e masculinas são representadas nas mais diversas instituições e práticas sociais vai constituir os processos através dos quais os indivíduos são transformados em – e aprendem a reconhecerem-se como – homens e mulheres. Segundo, existe uma variedade de formas possíveis e conflitantes de masculinidade e feminilidade, conforme as articulações de gênero com outras marcas sociais como classe, raça/etnia, sexualidade, geração, religião, nacionalidade, produzindo modificações nas formas que masculinidades e feminilidades podem ser vividas e experienciadas.

O terceiro desdobramento diz respeito às relações de poder não somente entre homens e mulheres, mas também nos diversos processos e práticas sociais e culturais que os constituem como sujeitos gendrados. A partir deste desdobramento do conceito de gênero, pode-se compreender e interpretar uma dinâmica social que hierarquiza as relações de gênero, através dos modos pelos quais características femininas e masculinas, representadas como mais ou menos valorizadas, atravessam e constituem formas de pensar e dizer sobre homens e mulheres. Assim, ao focar a perspectiva de gênero para pensar sobre os homens, não apenas aparecem as contraposições ao feminino, mas também ao próprio masculino, pois masculinidades indicam que o masculino se constrói não só em relação ao feminino, mas também em relação ao próprio grupo de pares e a diferentes modelos masculinos.

A questão deste trabalho, portanto, diz respeito à experiência de gênero enquanto relacional para pensar a construção de masculinidades no contexto de interação, nas práticas cotidianas e nas ações de homens velhos no centro da cidade. Experiência entendida, como sugere Lauretis (1994), como um complexo de hábitos, disposições, percepções e associações que (en)gendram os sujeitos através de práticas, discursos e instituições que, constituídos e atravessados por representações de masculino e feminino, os produzem como homens e mulheres. Aqui se encontra o quarto desdobramento referido por Meyer (2003).

Como se tratam de relações regidas pela gramática sexual que regula e normatiza as relações entre homens e mulheres, as relações entre os homens e as relações entre as mulheres, ou seja, as condutas socialmente aceitáveis quanto ao sexo (SAFFIOTI, 1992; 2004), as masculinidades também são pensadas como

produzidas no mesmo contexto social, conforme as relações homem-mulher e relações homem-homem (observando diferenças de raça/etnia, sexualidades, geração, classe, entre outros), sendo elas de dominação, marginalização e cumplicidade (CONNELL, 1995). Por isso, a masculinidade deve ser entendida como:

[...] uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de “masculinidades” (CONNELL, 1995: 188).

Masculinidades, definida como uma configuração de prática organizada em relação à estrutura das relações de gênero, comporta tantas possibilidades que se constitui em um processo plural (CONNELL, 1995; CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2005), não se podendo pensá-la como sendo uma característica específica dos homens. São processos de corporificação que envolvem instituições, relações econômicas, símbolos culturais, discursos, rituais, convenções, pedagogias culturais que constituem sujeitos masculinos e são produtoras de marcas. Isto significa que ser homem envolve muito mais do que a definição de seu sexo. Trata-se de um processo de masculinização do corpo que será, ao longo da vida, reiterado constantemente através do contato com diferentes situações e sujeitos (LOURO, 2004). São, portanto, masculinidades que se conformam nas e pelas relações entre gênero e poder, informando sobre as relações entre homens-homens e entre homens e mulheres.

A partir do exposto o desafio é trabalhar com a perspectiva de gênero como relacional, ou seja, como argumentam Connell e Messerschmidt (2005: 848):

Consideramos que a investigação sobre a masculinidade hegemônica precisa agora dar uma atenção mais estreita às práticas das mulheres e para a interação histórica de feminilidades e masculinidades. Sugerimos, portanto, que nossa compreensão de masculinidade hegemônica necessita incorporar uma compreensão holística da hierarquia de gênero, reconhecendo tanto a agência de grupos subordinados, quanto o poder dos grupos dominantes e o condicionamento mútuo das dinâmicas de gênero e outras dinâmicas sociais¹⁰.

¹⁰ Tradução livre da autora.

E, assim, não considerar mais os estudos de masculinidades como uma esfera separada, isolando os estudos de gênero em estudos de homens e estudo de mulheres, para tratá-los sempre um em relação ao outro e a outras dimensões sociais.

2 EM CAMPO: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Este capítulo tem por objetivo apresentar o percurso da pesquisa de campo, a fim de fornecer subsídios para uma leitura crítica dos dados obtidos e das interpretações realizadas. Por isso, contemplo a descrição de algumas situações do processo de entrada no campo e os desdobramentos na tentativa de aproximação com os homens no centro da cidade. As situações que foram selecionadas para compor este capítulo foram significativas para a minha experiência em campo junto aos homens pesquisados, na medida em que fornecem elementos para compreender que os significados sobre as intenções que permeiam a relação de pesquisa são expressivas do modo como os homens atribuem sentido a suas relações. Desse modo, procuro ilustrar, em linhas gerais, que as estratégias metodológicas adotadas devem ser levadas em conta porque influenciam na qualidade dos dados obtidos.

2.1 Percurso metodológico

Para a realização do presente trabalho, no qual investigo representações de homens velhos no contexto do centro da cidade, a partir de uma leitura de gênero, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo. Neste estudo, a compreensão do campo e os procedimentos de investigação que compõem o trabalho de campo aproximam-se de uma abordagem de cunho etnográfico, pois se entende que é através da observação direta e da participação no cotidiano que se podem reconhecer as representações e práticas como inseridas e produzidas em um determinado contexto social e cultural.

Esta investigação foi desenvolvida no centro de Santa Maria, principalmente o Calçadão e a Praça Saldanha Marinho, entre dezembro de 2008 e outubro de 2009, a partir das interações com homens velhos que optam pelos espaços abertos do centro da cidade como ambientes de lazer.

Perseguindo as questões que sustentam esta dissertação, as técnicas de investigação privilegiadas foram observação participante, entrevistas individuais

semi-estruturadas, que serão referidas como formais e entrevistas/conversas informais. Os homens foram informados sobre os objetivos da pesquisa, convidados a participar e avisados que os dados obtidos ao longo das conversas seriam utilizados para compor o material de análise de um trabalho final de curso de pós-graduação. Aqueles que concordaram em participar autorizaram a utilização das informações para fins de divulgação científica, e ficou estabelecido que não seriam identificados. Por isso, os nomes citados ao longo do texto foram trocados por nomes fictícios para preservar o anonimato dos participantes da pesquisa.

O objetivo primeiro ao iniciar a pesquisa de campo era dialogar com os homens sobre as questões que compõem o objeto deste estudo, apresentando de forma livre indagações e hipóteses. Por isso, não se propôs, inicialmente, uma entrevista formalizada, nem elaboração prévia de questões que pudessem ser feitas. As entrevistas ocorreram de forma livre, em formato de experimentação, com o intuito de permitir uma maior liberdade à narrativa, procurando visualizar o que o campo pudesse revelar. Estas entrevistas/conversas informais iniciavam com minhas indagações e acabavam indo além, surgindo a partir do tema assuntos como dinheiro, trabalho, sexualidade, casamento, filhos, entre outros, e, principalmente, suas interações com as mulheres, inclusive comigo.

Este processo de trabalho de campo foi acompanhado pela produção escrita de diário de campo. Neste diário constaram notas de observação e de conversas realizadas em campo, a fim de que se pudessem retomar questões posteriormente e efetuar análises.

As entrevistas formais, por sua vez, buscaram contemplar um perfil sociológico, a fim de obter informações sobre idade, escolaridade, renda mensal, estado civil, além de quatro questões abertas que buscavam verificar as representações destes homens a respeito de velhice e envelhecimento. Destaco que a utilização do roteiro (em anexo) mostrou-se limitado, haja vista que a constituição de uma identidade de velho através do conjunto de perguntas que focavam em questões sobre a velhice tornou-se problemático para o desenvolvimento da entrevista. Portanto, foram realizadas apenas duas entrevistas formais com o uso do roteiro, tendo sido abandonado assim que se verificou a dificuldade de desenvolver a pesquisa com o uso do mesmo.

Desenvolver a pesquisa sem o apoio de um roteiro de entrevistas semi-estruturado mostrou-se uma escolha acertada. Verificou-se que as entrevista

informais ao possibilitar o desenvolvimento de uma narrativa livre permitiam a inserção das questões que compunham o roteiro de forma aberta e sem vincular os homens a uma identidade de velho.

As dificuldades encontradas para desenvolver uma entrevista com o uso de roteiro informam sobre a dimensão relacional da entrevista. Percebe-se que a qualidade dos dados obtidos através do uso desta técnica depende da relação que os homens pesquisados estabelecem com a temática, com a pesquisadora e com o espaço no qual se realiza a pesquisa. Sugiro, nesse caso, que estas relações estão pautadas por uma gramática sexual (SAFFIOTI, 2004) que constitui uma grade de interpretação de suas relações. Portanto, os problemas relativos à identificação dos sujeitos pesquisados como velhos evidenciavam o modo como os homens significam a relação com uma pesquisadora mulher e jovem no centro da cidade.

Por fim, embora o trabalho de campo tenha contemplado a interação com vários homens que circulam pelo centro privilegiei na descrição dos dados aqueles homens com os quais estabeleci vínculos mais consistentes e que tive maior recorrência de momentos de interação. Desse modo, dentre todos que acompanhei através da observação participante, foram escolhidas dez homens para a realização de entrevistas individualizadas: Plínio, Antônio, Adolfo, Xavier, Carlos, Augusto, Jorge, José, Valdir, Volnei. As entrevistas foram realizadas em no mínimo um e no máximo dois encontros, tendo duração de uma a três horas e ocorreram, principalmente, nos bancos tanto da praça ou do calçadão, mas houve situações de entrevistas em cafeterias do centro.

2.2 Entrando no campo

A primeira incursão em campo, no centro de Santa Maria, ocorreu em dezembro de 2008. Pretendia encontrar possíveis participantes da pesquisa através da abordagem individual, dirigindo-me até um banco da praça ou do calçadão, onde encontrasse um homem sentado. Estabeleci contato, nessa oportunidade, com três homens que se sentavam sozinhos. Apresentei-me como pesquisadora da área de ciências sociais interessada em escrever um trabalho final sobre a temática do

envelhecimento. Desse modo, minha abordagem inicial consistiu na tentativa de aproximação, um a um, dos homens que circulam pelo centro.

Como o objetivo era observar e participar da dinâmica social do centro da cidade pensei em estabelecer contatos iniciais a fim de que os homens contatados pudessem indicar ou convidar outro, de sua rede de relações, para participar. Contudo, não foi exatamente o que ocorreu. Os homens contatados inicialmente apesar de conhecerem outros homens que frequentam o centro, não participavam de nenhuma rede de relações, permanecendo, em geral, sozinhos. O fato de estarem sozinhos se deve, como fui informada por um deles, em geral, ao interesse em constituir parcerias sexuais ocasionais com mulheres que circulam pelo local, o que tornava a minha presença uma parceira potencial.

Tomo de empréstimo o termo “condição de parceria potencial” utilizado por Nádya Meinerz (2007) para caracterizar a relação estabelecida entre as mulheres pesquisadas e a pesquisadora durante o trabalho de campo a respeito da constituição da parceria homoerótica feminina. Como pontua a autora, o interesse em pesquisar homossexualidade feminina implicou na possibilidade de investida sexual por parte das mulheres. Considerando as especificidades surgidas no trabalho de campo, que serão pontuadas mais adiante, procuro reter o mesmo significado utilizado pela autora para caracterizar a relação de pesquisa entre a pesquisadora mulher jovem e os homens velhos.

Como me explicava Plínio, aceitar participar da pesquisa e, portanto, encontrar-se comigo regularmente, para a maioria dos homens que frequentam a praça, poderia indicar que a partir da relação estabelecida comigo como informantes de pesquisa haveria possibilidade de se desenvolver posteriormente um relacionamento afetivo-sexual. Em vários momentos, tive que lidar com cantadas de Antônio e desconfianças tanto de Plínio quanto de Antônio sobre o motivo de escolher a praça, quais seriam meus “reais” objetivos e o que eu realmente queria ao abordá-los.

Havia recusas às propostas de entrevistas, ao uso de um roteiro de perguntas e do gravador ou à presença de qualquer elemento que indicasse se tratar de uma pesquisa. A recusa pela presença desses elementos pode indicar que o uso de tais ferramentas, ao configurar a relação de pesquisa, desfazia a condição de parceria potencial presente em todos os encontros realizados com Plínio e Antônio no centro.

Com o decorrer do tempo, à medida que avançava o trabalho de campo, fui estabelecendo vínculos com outros homens, entre eles destaco José, vendedor de bilhetes de loteria e conhecido por muitos que frequentam o centro. Com a ajuda de José, segui o trabalho de campo, pois, sendo conhecido por muitos dos homens velhos que vão ao centro, tendo alguns até como seus clientes, facilitou minha aproximação, diminuindo as cantadas, apesar de o mesmo não acontecer com relação à suspeita.

Passei, então, a acompanhar parte de seu itinerário pelo centro da cidade, o que permitiu minha inserção em alguns grupos que se formavam pelo local. Entre estes cito um grupo de amigos que se encontram nos bancos do calçadão, em frente à Caixa Econômica Federal, e outro que se reúnem todos os sábados pela manhã em uma cafeteria da Galeria Chami. A partir daí passei a organizar o trabalho de campo em torno dessa rede constituída a partir de José.

Em geral, as conversas eram realizadas individualmente. No entanto houve casos em que se formaram grupos espontâneos ao redor de algum dos homens com quem eu conversava, possibilitando a participação do diálogo surgido desta aproximação. Em geral, eram grupos efêmeros. Aproximavam-se um a um para conversar sobre alguma notícia veiculada no dia anterior, sobre jogos de futebol, política e, com frequência, questões relacionadas ao sistema previdenciário e à aposentadoria. O humor expresso nas piadas e nas conversas impregnadas de jocosidade são elementos presentes nestas interações. Quando se tratava de responder as minhas indagações de pesquisa sobre a velhice, esta se tornava tema de humor e piadas, sendo o corpo e a sexualidade elementos constantes nesta modalidade discursiva.

Porém, não foram raras as vezes em que houve negativas para conversar. Além disso, a diferença de sexo, ao mesmo tempo em que trouxe uma série de vantagens, na medida em que alguns homens situavam para mim aspectos da construção de masculinidades marcada pelo encontro com uma mulher, também trouxe alguns empecilhos. Houve acessos barrados e códigos não compartilhados em função da minha presença no grupo, como expressou um amigo de José ao dizer que não poderia falar sobre determinadas fatos ou palavras porque "*há roupa no varal*", referindo-se a minha presença.

Também houve situações em que homens afastaram-se ao aproximar-me de Jorge. Percebendo, comentei. Jorge explicou que seus amigos pensavam que eu

era sua namorada e, por isso, afastavam-se, por mais que ele explicasse que se tratava de uma estudante interessada em realizar uma pesquisa com homens velhos no centro. Comentários e olhares eram constantes enquanto conversava com algum homem. Pude observar que, após Xavier conversar comigo e dirigir-se ao local onde estava um amigo, comentários e risadas surgiram enquanto Xavier apontava em minha direção.

Um relato mais detalhado a respeito desta especificidade do trabalho de campo será abordado na seção 2.4 deste capítulo. A negociação com os informantes foi marcada por expectativas de gênero e indica um tipo de interação específica que informa sobre as relações de gênero, como pontuam Paula Sandrine Machado (2004) e Leina Peres Rodrigues (2009) ao discorrerem sobre o fato de serem pesquisadoras mulheres pesquisando entre homens. Por isso, é necessário olhar para aquelas situações como dados de pesquisa, no que tange à possibilidade de elas informarem sobre o processo de construção de masculinidade.

2.3 Sobre os homens

Nesta seção, descrevo, em termos sociológicos, uma síntese dos dados acerca dos homens entrevistados através da elaboração de um quadro que apresenta informações tais como idade, escolaridade, se aposentado ou não, renda aproximada, estado civil, existência de filhos e situação de moradia. Estes elementos foram selecionados entre os demais para caracterizar os sujeitos pesquisados.

Os entrevistados que participaram desta investigação distribuem-se da seguinte forma: são homens entre 65 e 82 anos, todos aposentados. Sete informantes são casados e têm filhos. Dois são viúvos, Antônio e Adolfo, sendo que Adolfo tem filhos e Antônio não. Um é solteiro, José, e nunca foi casado e não tem filhos. Alguns possuem renda complementar à aposentadoria, como é o caso de José e Valdir.

Esses homens não são necessariamente de uma mesma categoria profissional, o que em tese seria uma das razões para se reunirem no centro, já que se conheceriam a muito tempo. Na realidade os grupos que se constituem ao longo

do dia são formados por homens de diferentes categorias profissionais e faixa salarial. Esses homens, em geral, conhecem-se do centro da cidade, através de uma rede de amigos ou companheiros de profissão, que também vão ao centro, encontrando-se de forma espontânea, sem combinação prévia.

Quadro 1 – Aspectos sócio-econômicos

Nome	Idade	Escolaridade	Aposentado	Renda aproximada (em R\$)	Estado Civil	Filhos	Com quem mora
Plínio	82 anos	Ensino Profissionalizante	Sim	5 a 6 salários mínimos	Casado	Sim	Esposa
Antônio	74 anos	Não respondeu	Sim	2 a 4 salários mínimos	Viúvo	Não	Sozinho
José	71 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Sim	Até 2 salários mínimos	Solteiro	Não	Sozinho
Adolfo	80 anos	Não respondeu	Sim	2 a 4 salários mínimos	Viúvo	Sim	Sozinho
Xavier	77 anos	Ensino Médio Completo	Sim	2 a 4 salários mínimos	Casado	Sim	Esposa
Carlos	65 anos	Não respondeu	Sim	7 a 8 salários mínimos	Casado	Sim	Esposa
Augusto	72 anos	Ensino Superior Completo	Sim	Acima de 9 salários mínimos	Casado	Sim	Esposa e netos
Jorge	74 anos	Ensino Profissionalizante	Sim	2 a 4 salários mínimos	Separado	Sim	Coabitação com parceira estável
Valdir	71 anos	Não respondeu	Sim	Até 2 salários mínimos	Casado	Sim	Esposa
Volnei	79 anos	Ensino Profissionalizante	Sim	2 a 4 salários mínimos	Casado	Sim	Esposa

2.4 Entre homens: os desafios e as possibilidades do trabalho de campo

Logo após apresentar-me para Antônio e explicar-lhe sobre a pesquisa que pretendia realizar, perguntou-me se não havia, em alguns momentos, surgido desconfianças, ou seja, se não havia surgido um mal-entendido com relação ao motivo que me levava a abordá-los na praça e se eu não teria recebido alguma proposta que poderia constranger-me. Comentou que provavelmente isto aconteceria, visto que nenhum deles me conhecia previamente e por isso ao aproximar-me poderia gerar desconfianças. Considerei se esta fala não se referia a sua própria desconfiança sobre as minhas intenções (Diário de campo, dezembro de 2008).

Este trecho do diário de campo refere-se à primeira entrevista/conversa com Antônio. Como se pode perceber pelo relato, a entrada em campo e a forma de apresentação podem dar muitas pistas para pensar os dados de pesquisa. No contexto estudado, o fato de a pesquisadora ser uma mulher, jovem, interessada em conversar com homens velhos que frequentam o centro implica um tipo de interação específica importante para a produção dos dados de pesquisa.

A primeira ida a campo é ilustrativa para pensar a minha presença como mulher/pesquisadora. No final de novembro de 2008, fui até a praça a fim de iniciar a pesquisa. Era início da tarde, por volta de 13 horas. Havia pouco movimento e poucas pessoas sentadas nos bancos. Próximo à Rua Venâncio Aires havia um homem, aparentando ter idade avançada, sentado sozinho. Cogitei aproximar-me para conversar com ele. Ao abordá-lo, apresentei-me como estudante e o interesse em pesquisar o envelhecimento masculino. Encerrada a explicação dos objetivos da pesquisa e convidando-o a participar, ele respondeu: “*então nós vamos namorar?*” Neste momento, entendi esta fala como um mal-entendido quanto à palavra encontro, quando expliquei que para a realização da pesquisa seriam combinados alguns encontros para conversar, pois estes poderiam ter soado como encontro afetivo. Por isso, tentando desfazer esse possível mal-entendido, retomei que se tratava de uma pesquisa. Após este encontro, nunca mais o vi na praça.

O que é importante reter deste exemplo é que, embora eu estivesse comunicando que se tratava de um encontro para uma entrevista, a situação de entrevista, em que há alguns encontros para se falar de determinadas questões, pode ser interpretada diferentemente pelos sujeitos pesquisados. A esse propósito, lembro que Antônio, após combinado de encontrá-lo uma segunda vez para dar continuidade à pesquisa, comunicou que gostaria de encontrar-me em um bar

próximo à praça, onde ele pagaria uma bebida enquanto conversássemos. Compreendi que se tratava de um convite para um encontro com vias à formação de parceria sexual-afetiva. Era uma situação inusitada, colocando-me em uma saia-justa, que naquele momento eu não sabia como contornar. Por isso, neguei a possibilidade de um encontro, reforçando que se tratava de uma pesquisa.

Apesar de Antônio concordar com os termos dos encontros, dificilmente respondia às perguntas ou comentava algo sobre sua vida quando proposto uma narrativa livre. Constantemente elogiava-me dizendo que eu era simpática, legal e sabia conversar. Perguntava sobre meus relacionamentos e o que eu faria caso algum dos homens entrevistados se apaixonasse por mim. Sentia-me incomodada com isso, pois havia um forte indício de sedução, com constantes elogios e perguntas que soavam como indiretas. Tinha interesse em continuar encontrando-se comigo, mas em momento algum eu poderia fazer menção à pesquisa, utilizando ferramentas como o gravador, o roteiro ou discutir questões abertas relacionadas à pesquisa, o que resultou na impossibilidade de contar com ele como interlocutor.

Conforme Plínio, a aproximação de uma mulher sempre será vista com segundas intenções:

Plínio relatou que durante nossa conversa na semana anterior um de seus ex-colegas da Viação Férrea, sentado em um dos bancos da praça, nos observava. Após a minha saída, aproximou-se dele e perguntou se eu era sua namorada. Plínio conta que negou, explicando que se tratava de uma estudante, realizando uma pesquisa com os velhos na praça. Contudo, afirma que apesar de ter explicado ao seu ex-colega, em geral todos os homens que circulam pela praça irão pensar o mesmo ao me verem conversando com qualquer homem (Diário de Campo, março de 2009).

Nesta situação, mesmo os homens estando cientes dos motivos que me induziam a aproximar deste espaço público e interagir com eles, estes poderiam colocar em questão esse interesse em pesquisar, aceitando participar, explícita ou implicitamente, com a intenção de desenvolver outro tipo de relacionamento.

A partir dessas situações vivenciadas no contexto da pesquisa, destaco a condição de parceria potencial que permeou boa parte do trabalho de campo realizado na praça. A este respeito, ressalto a leitura do texto de Nádia Meinerz, *Um olhar sexual na investigação etnográfica...*, como capital para a compreensão desses elementos surgidos na fase inicial da pesquisa. Como informa a autora, as pesquisas sobre sexualidade tendem a despertar uma suspeita com relação à

sexualidade dos pesquisadores, bem como sobre suas intenções subjetivas para a realização da mesma. Durante a realização do trabalho de campo, a despeito de ter explicado os objetivos da pesquisa e as mulheres mostrarem-se dispostas a participar, elas julgavam que a real intenção da pesquisadora ao frequentar bares e investigar a constituição da parceria homoerótica entre mulheres era para descobrir-se homossexual (MEINERZ, 2007).

Na situação de pesquisa, a constituição de parceria era algo especulado também por Plínio nos frequentes retornos à questão das desconfianças de seus ex-colegas de profissão. No início, cogitei ser apenas um alerta, tornando-o um informante-chave. No entanto, a recorrência do tema fez-me pensar que a cada retorno ao tema Plínio tinha a intenção de verificar as reais intenções em conversar com ele. Por isso, embora eu estivesse fazendo uma pesquisa e procurasse deixar claro que não estava disponível para qualquer envolvimento, uma mulher jovem conversando com um homem velho não poderia ser visto de forma desinteressada.

A situação de parceria potencial, ao contrário de ser pensada como uma dificuldade para a realização de pesquisa, deve ser explorada como uma condição para apreender sobre os significados e os valores do grupo estudado, na medida em que ser uma mulher pesquisando entre homens o caráter de suspeita gerado e constantes verificações das intenções, ao mesmo tempo em que orientam as relações estabelecidas informam sobre um tipo de interação balizada pelas relações de gênero.

Como salienta Geertz (2001), e mesmo Meinerz (2007), a pesquisa científica pode ser qualificada como uma experiência moral, inerente ao trabalho de campo, uma vez que na relação entre pesquisador e o grupo pesquisado há diferenças entre pontos de vista e expectativas. Antes de ser um empecilho ao desenvolvimento da pesquisa, as expectativas que orientam a relação de pesquisa fazem parte do processo de investigação e informam sobre valores e visões de mundo do grupo estudado.

Dessas considerações resulta que a relação estabelecida no campo, devido às expectativas de gênero, indica elementos que compõem as representações de masculinidades e feminilidades e orientam o olhar estabelecido para a pesquisadora, que ao manifestar interesse em interagir com homens passa a co-produzir os códigos que regem as relações entre homens e mulheres no centro. A esse respeito, lembro de Plínio explicando-me as relações entre homens e mulheres que

frequentam o centro. Estas, quando frequentam a praça com o objetivo de encontrar parceiro, fazem-no ficando sentada nos bancos, trocando olhares com homens velhos que por ali circulam. As mulheres não têm nenhuma iniciativa de aproximar-se de um homem, é apenas através do olhar que elas demonstram interesse e dão o sinal que permite a aproximação de algum homem para iniciar o processo de paquera. Neste caso, a situação da pesquisa torna-se parte de um jogo de paquera, na medida em que os encontros para a realização da investigação podem ter um significado de “namoro”, característico da situação de conquista sexual entre homens e mulheres no centro.

Fica claro, a partir deste relato, que as respostas ao interesse de uma mulher em conversar com homens podem ser significativas para pensar que esta relação é regulada por uma grade de interpretação das interações sociais que moldam as expectativas quanto ao comportamento do outro, organizando a interação dos sujeitos com a pesquisadora. Assim, estas respostas tornam-se um elemento fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. Desta forma, o modo como os sujeitos estão categorizando e interpretando a relação com a pesquisadora pode tornar inteligível a forma como homens entendem o que deve ser feito quando interagindo com uma mulher em determinada circunstância e em determinado momento. Trago aqui duas situações anotadas no diário de campo que registram a forma que os sujeitos estão significando a aproximação da pesquisadora:

Na primeira conversa com Antônio, após apresentar os objetivos da pesquisa, sou interpelada sobre a existência de um namorado. Ao responder afirmativamente, Antônio questiona: *Ele sabe das tuas vindas à praça para conversar com homens? Ele não implica com tal “atividade”?* (Diário de campo, dezembro de 2008).

Certa vez, em meio à conversa com Carlos sobre a necessidade de interagir com os homens que vão ao centro para compreender as sociabilidades e representações destes, ele comenta: *Tem que se integrar. Para conhecer e entender. Tem que participar. Quem é integrada é essa guria que ele tá falando aí* [aponta para Jorge, ao comentar de outra pesquisadora que investiga a sociabilidades de homens velhos e também tem como campo de pesquisa o centro de Santa Maria]. *Seguido ela tá lá* [sentado nos bancos da praça com um grupo de homens que se reúnem com Jorge]. *Mas eu não dou muita trela pra ela não. Esse aí* [Jorge] *saem e tomam cerveja juntos. Não sei qual é a história. Diz que é pra pesquisa. Mas eu não sei. Ela tá se “integrando” ou... eu to fora né. Risos* (Diário de campo, julho de 2009).

Analiso estes exemplos como ilustrativos da forma como os sujeitos pesquisados estão compreendendo a minha inserção em campo e o fato de estar

fazendo uma pesquisa com homens. As insinuações sobre possíveis relações sexuais e as suspeitas quanto ao interesse em falar com eles são fundamentais para entender que a forma de me posicionar no campo está regulada por aquilo que Saffioti (2004) chama de uma gramática sexual que regula as relações entre homens e mulheres, mulheres-mulheres e homens-homens.

Ao assinalar as relações de gênero como uma gramática sexual, Saffioti (2004) chama a atenção para a socialização diferenciada de homens e mulheres com relação à sexualidade. Mulheres seriam socializadas para conduzir-se como caça, à espera, enquanto homens, na condição de macho, devem tomar a iniciativa, ou seja, cabe ao homem a função de caçador. Assim, a sociedade delimita os espaços onde mulher e homem podem operar, assinalando as posições dos sujeitos dentro das relações sociais. Deste modo, é possível pensar que a situação de parceria potencial na pesquisa situava a minha posição na interação com estes homens a partir desta gramática sexual, ancorada em roteiros sexuais, nos termos de John Gagnon (1999), na medida em que estes estruturam as possibilidades de interação sexual ao informar o que é ou não uma situação sexual e o que deve ser feito em circunstâncias específicas.

Compreender as relações que se estabeleceram no campo de pesquisa a partir de uma perspectiva da roteirização permite, nas palavras de Gagnon (1999), relacionar a forma como as pessoas pensam e agem ao contexto sócio-cultural em que vivem. Significa dizer que a conduta sexual somente irá se produzir a partir de esquemas cognitivos, ou seja, a partir de roteiros, que definem a situação e informam quem pode agir e qual o cenário de ação. Nesse sentido, uma determinada concepção de sexualidade e de gênero está em jogo quando da relação entre pesquisadora e sujeitos pesquisados, uma vez que o comportamento sexual é menos uma resposta simples a uma pulsão interna ou efeito automático de um instinto do que um arranjo que encontra sua origem em contextos balizados por uma tecnologia de gênero. Portanto, a peculiaridade da negociação com os informantes, marcada por um estranhamento de ser uma mulher e jovem estudando homens velhos, está informando sobre noções de gênero.

Gênero aparece aqui não apenas como categoria para pensar as diferenças de sociabilidade e de comportamento entre homens e mulheres e formas de ser velho e velha (DEBERT, 2004; MOTTA, 1999), mas como importante elemento para pensar a produção dos dados, uma vez que estes são a produção de falas de

homens para uma mulher. Assim, o fato de eu ser uma mulher investigando entre homens mostrou-se importante para a compreensão da forma como construí as questões de pesquisa, visto que estas não se deram apenas pelo processo teórico, mas também pela experiência de campo.

Inicialmente as questões de pesquisa diziam respeito a um estranhamento nas formas de classificação das experiências de envelhecer. O interesse era compreender, a partir de uma leitura de gênero, as formas como homens significam velhice e envelhecimento, não considerando a sexualidade como um tema nem um problema de pesquisa. Contudo, a partir das expectativas de gênero e da situação de parceria potencial, que caracterizaram a pesquisa de campo, compreendi que não poderia falar sobre as representações de velhice e envelhecimento desses homens sem considerar a sexualidade como uma notável ferramenta analítica para se pensar as representações de ser ou não ser velho.

Assim, passei a falar de sexo, rir junto quando se faziam piadas sobre sexualidade de velhos, perguntar sobre as namoradas, parceiras, esposas, prostitutas, Viagra etc., para compreender um conjunto de valores em jogo no processo de envelhecimento e marcas que trazem os traços da masculinidade no processo de sociabilidade desses homens.

Desse modo, entendo que o trabalho de campo remete ao plano relacional, em que a experiência de construção de masculinidades se faz não apenas em relação a diferentes masculinidades e feminilidades, mas também na relação da pesquisa. Neste sentido, a construção de masculinidades seria um permanente processo que atualiza as representações de gênero no dia-a-dia destes homens que integram o universo empírico desta pesquisa. Um processo reiterado a partir de uma sociabilidade masculina em contexto público, em que buscam conviver enquanto um *habitus* masculino, na medida em que no centro há uma disposição contextual e cultural onde é possível se colocar em jogo esses valores.

Estas questões propostas pela situação de pesquisa tornaram-se um gatilho para investigação e foram expressivos para compor os olhares sobre o envelhecer.

3 “VELHO”, “IDOSO”, “MELHOR IDADE” OU “TERCEIRA IDADE”: FORMAS DE CATEGORIZAÇÃO DE SUJEITOS

3.1 Classificando complexidades?

No contexto de minha investigação, determinados termos classificatórios utilizados para referir-se a pessoas identificadas como tendo idade avançada delineiam um fenômeno que pertence a diferentes registros, dependendo de quem fala e de onde é acionada. A este respeito, lembro que no dia em que conheci Plínio, 82 anos, após explicar-lhe que minha pesquisa objetivava compreender as representações de homens velhos a respeito de velhice e envelhecimento, este afirmou que não era velho e, portanto, não pertencia à categoria de meu trabalho: velhice. Assim como Plínio, muitos outros homens reagiram desta forma ao comunicar-lhes sobre o objeto de minha investigação. Diversas vezes fui advertida de que no centro não havia velhos, especialmente quando aludiam a minha pesquisa, mas ressalto que também não se classificavam como pessoas da melhor idade ou da terceira idade. Idoso era um termo que pouco circulava entre eles, normalmente referindo-se à categoria política, quando falam das melhorias de condições, não só da aposentadoria, mas da assistência à população de idade avançada como um todo.

Escutei muitas vezes, no contexto das relações cotidianas no centro, esses homens utilizarem a palavra velho como forma de nominação para referirem-se uns aos outros. Lembro-me de uma situação, em uma manhã, enquanto estava sentada em um banco do calçadão, esperando José chegar, em que a conversa de dois homens velhos no banco ao lado chamou minha atenção, conforme anotação no diário de campo:

Depois de um longo período de chuva em Santa Maria, o que provoca o desaparecimento de muitos homens velhos do centro da cidade, o sol novamente retorna a aparecer. Por isso, fui ao centro a fim de encontrar José pois ele iria apresentar-me um amigo para participar de minha pesquisa. Eram 8h 30 min e José ainda não tinha chegado, então me sentei em um banco em frente à Caixa Econômica Federal, para aguardá-lo. Enquanto esperava, observei que pouco a pouco os homens começavam a povoar o centro. No banco ao lado havia um homem velho sentado. Em

seguida surge um conhecido, também velho, e cumprimenta-o. Logo iniciam uma conversa. Embora estes dois homens não participassem da investigação como informantes, senti necessidade de anotar parte das falas deles:

A – “Onde estão estes velhos? Hoje não tem desculpa. Tem sol”.

B – “É... Hoje não tem desculpa!”

A – “Hoje eles tem que vir. Estes velhos tão se entregando. Não saem mais de casa. Onde estão os velhos?”

B – “Os velhos estão em casa, mofando”.

Risos.

(Diário de campo, setembro de 2009).

Essas situações mostraram-me a necessidade de perceber as implicações de uma pesquisadora mulher e jovem chamá-los de velhos, uma vez que não se tratava apenas de referir-se a pessoas com idade avançada, mas, principalmente, acionar uma noção de velho que, historicamente, segundo Clarice Peixoto (2006), tem sido associada a pessoas que não têm condições de prover-se, estando fortemente associada à decadência e confundida com incapacidade. Ser velho significaria pertencer à categoria de indivíduos idosos e pobres, o que levaria estes sujeitos a significar minha forma de classificá-los como negativa e, destarte, como assexuados, obsoletos, em processo de deterioração etc. Compreendo que a diferença etária entre mim e estes homens levava-os a considerar que toda vez que eu usava a palavra velho estava classificando-os negativamente, diferentemente do uso entre eles, que remetia apenas a homens em idade avançada.

O próprio roteiro de entrevista também era um elemento visto negativamente, pois as perguntas, ao remeterem diretamente à velhice, ratificavam constantemente a posição destes sujeitos como velhos decrepitos. Em uma entrevista com Jorge, ao dar-se conta de que as perguntas giravam em torno do envelhecimento, referiu o roteiro como uma espécie de massacre, como se a todo o momento o lembrasse de que ele é velho. Em razão disto, considerei a impossibilidade de utilizar diretamente o roteiro como ferramenta de investigação, haja vista que as perguntas diretas sobre envelhecimento restringiam as possibilidades de respostas destes sujeitos. Então, em vez de levar o roteiro, passei a colocar as mesmas questões entre as conversas/entrevistas informais, obtendo resultados muito mais frutíferos.

A partir das observações e entrevistas informais, pude observar que classificações e posicionamentos dos sujeitos na categoria velho tornaram-se conflitantes e assumiram um caráter polissêmico, conforme o contexto aplicado e de quem fala. Velho, idoso, melhor idade, terceira idade não se tratam apenas de

diferentes nomes que se aplicam sobre uma pretensa natureza. As alterações de nomenclaturas têm fortes implicações políticas, sociais e culturais.

Conforme Peixoto (2006), a representação da pessoa envelhecida sofreu uma série de modificações ao longo do tempo, a partir das alterações nas políticas sociais para a velhice, exigindo a criação de novas formas de classificação, adaptadas à nova condição moral e à mudança na percepção sobre estas pessoas. Certos vocábulos tornam-se inapropriados, por seu caráter pejorativo, e são suprimidos de documentos oficiais. Surge, então, o termo idoso, menos estereotipado e mais respeitoso. Com a criação da categoria aposentado, as pessoas que estão envelhecendo tornam-se ainda mais valorizadas, pois adquirem um estatuto social reconhecido. Este novo recorte proporcionado pela aposentadoria confere uma nova identidade ao universo da velhice, transformando hábitos e comportamentos em uma luta contra o estigma de velho.

Portanto, os termos classificatórios fazem mais do que descrever corpos, mas dizem respeito à produção de práticas e discursos sobre velhice e envelhecimento em um processo dinâmico e conflitante, que transformam aquilo a que se referem, produzem sujeitos, conjuntos de enunciações que permitem reconhecer e agrupar sujeitos como velhos ou não, além de definir estatutos corporais. Trata-se, como sugere Foucault (1997), de práticas discursivas que ganham corpo em um conjunto de técnicas, em instituições, em esquemas de comportamento e em formas pedagógicas que, ao mesmo tempo, determinam objetos, ajustam conceitos e produzem-se nas relações sociais ou em instituições políticas.

As mudanças envolvem uma série de processos culturais, desenvolvidos por/em diversas instâncias sociais que produzem representações de quem é, ou pode ser, posicionado – e posicionar-se – em categorias como velho, idoso, terceira idade, melhor idade, adulto maduro, entre outras. E tem implicações na forma como diferentes atores – gerontólogos, geriatras, pessoas velhas, entre outros – compreendem e agem frente ao envelhecimento humano.

A partir de uma perspectiva crítica, vale refletir, entre outros elementos, acerca das implicações dos usos daquelas terminologias como operadores de diferenças, bem como das consequências que os discursos produzidos por diferentes agentes – mídia, discurso gerontológico, entre outros – no campo de estudos sobre envelhecimento podem gerar na produção de modos de viver. Fica evidente que as formas de nomenclatura, ou o ato de nomear sujeitos como

pertencentes a esta ou aquela categoria, é estabelecida dentro de um campo conflitante e de disputas de di-visão do mundo social (BOURDIEU, 2004).

Desta forma, entende-se que o conhecimento que se tem sobre velhice, na atualidade, é produto de um tipo de homem, inserido em um contexto sócio-histórico-cultural, que a olha de determinada forma e não de outra. Sob a perspectiva sociológica/antropológica, é necessário desnaturalizar esse olhar e considerar os contextos culturais e sociais em que surgem os significados sobre envelhecimento, os quais configuram e posicionam os sujeitos em diferentes lugares sociais.

3.2 Produção de “saberes e verdades” sobre a velhice

Quando se fala sobre velhice do que se está falando? Que imagens surgem ao fazer operar certos modos de ver o envelhecimento? A quem interessa tais imagens? E o que elas implicam? Estas perguntas surgem em meio a um debate que gera opiniões controversas dentro da gerontologia, visto a existência de visões conflitantes sobre o envelhecimento que coexistem entre as leituras sobre este processo.

Essas discussões vão desde uma visão do declínio da vida pública e da tirania da intimidade, como sugere Sennett (1988), que produz uma espécie de estetização da vida, em que envelhecer passa a ser visto como uma questão de escolha individual, passível de manipulação pelo próprio sujeito, até aquilo que Giddens (1991) chamou de caráter reflexivo da modernidade, em que, à luz da constante entrada de conhecimentos, ao serem examinadas, afetam as ações dos indivíduos ou grupos. Tais discussões podem apresentar a experiência de envelhecer como boa ou ruim, ativa ou inativa, de modo que ora estas experiências são vistas negativamente, ora positivamente, conforme os aspectos a que se dá ênfase. Como apresentam Minayo & Coimbra Jr. (2002), esses aspectos vão desde a noção de um problema social, até a mudança que esse grupo crescente em número provoca ao re-significar o seu lugar tradicionalmente percebido como de “peso social” e inatividade.

São modos de ver que se constituem num processo dinâmico de interlocução entre os discursos biológico, médico, psicológico, econômico e político, produzidos por diferentes agentes sobre o envelhecimento e que formam uma categoria capaz de reconhecer determinados sujeitos como pertencentes a um grupo delimitado, que é ele mesmo pré-construído.

Portanto, a construção do objeto, de que fala Bourdieu (1998), adquire importância para este trabalho ao argumentar que a sociedade elabora um conjunto de problemas relativos a uma determinada população, transformando-os em problemas socialmente relevantes, o que justifica, equivocadamente para alguns pesquisadores, a construção destes como objetos científicos. Contudo, a importância social, política ou econômica não pode ser considerada suficiente para orientar as escolhas de objeto de estudo. Por isso, é necessário que se faça a história social da emergência e constituição de determinados temas como objeto de preocupações sociais e do trabalho coletivo necessário que faz reconhecer seus problemas como legítimos de análise.

Nesse sentido, não se pode desconsiderar que o discurso gerontológico, no processo de construção de seu objeto, age de forma a legitimar seu campo de saber, atuando no sentido de transformar o envelhecimento em um “problema social” digno de ser discutido, na medida em que se pauta em alguns discursos recorrentes: dados demográficos que indicam o crescimento significativo de pessoas velhas no total da população e que, associados às demandas específicas dessa população, conduzem à reavaliação sobre os gastos públicos e à intensificação de discussões em torno da influência negativa que o aumento da população de velhos acarretará ao sistema previdenciário e ao setor de saúde pública.

Essa recorrente referência à mudança demográfica que está ocorrendo na sociedade brasileira¹¹, e suas possíveis consequências, tem justificado a crescente produção de conhecimento sobre a velhice, principalmente em relação à problemática epidemiológica e ao desenvolvimento de políticas públicas para atender às demandas de um contingente cada vez mais significativo numericamente.

¹¹ Em 1940, a distribuição percentual de jovens entre 0 e 14 anos correspondia a 42,9%, contra 4,1% com mais de 60 anos. No censo demográfico de 2000 a contribuição da população entre 0 e 14 anos diminuiu para 29,6%, enquanto o grupo com mais de 60 anos aumentou para 8,6%. Este processo demonstra a progressiva redução da participação relativa de crianças e jovens e conseqüente aumento de estruturas etárias envelhecidas no total da população do país, conforme dados do IBGE (2007). Estima-se que em 2020 o contingente de pessoas com mais de 60 anos poderá ultrapassar 30 milhões, passando a representar 13% da população.

Embora tais estudos destaquem uma questão importante que poderá afetar a sociedade na tocante à assistência a esta população, Debert (2004) propõe que se problematize a atuação destes discursos no processo de “reinvenção da velhice”, em que há a emergência de um novo velho, expressão de certos modos de existir e alvo de investigação científica.

Para autores como Debert (2004), Lima (1999) e Barros e Castro (2002), a produção sistemática de conhecimentos sobre a vida impulsiona para que disciplinas como gerontologia e geriatria desempenhem um papel central sobre os modos de gerir a experiência de envelhecer. Na visão destes autores, o surgimento de um conjunto de práticas e saberes sobre a velhice faz vincular qualidade de vida a certas práticas de cuidado, produzindo um novo *ethos* para esta etapa, a partir da disseminação de bens e serviços produzidos e identificados para um determinado grupo de pessoas, denominado terceira idade.

Em que pese a importância dessa transformação na sensibilidade com relação à velhice, ao dissolver imagens tradicionais de improdutividade e incapacidade, não se pode esquecer que ao dar-se ênfase à velhice como um estilo de vida também está se produzindo novas categorizações a certos modos de existir que orientam modos de perceber e produzir saber. Logo, esta mudança que marca o envelhecimento na atualidade incita que se sejam algumas considerações sobre a constituição de um conjunto de discursos e práticas que tornou possível reconhecer determinados sujeitos como pertencentes a uma determinada categoria, qual seja, velhice ou terceira idade, categorias presentes nas discussões atuais sobre o tema.

3.3 Velhice: do que se está falando?

Afinal, o que é a velhice? O que seria exatamente o envelhecimento? Quando uma pessoa torna-se velha? Que critérios definem essa categorização? São perguntas que, de modo geral, permeiam algumas discussões dentro do campo gerontológico com relação à constituição de seu objeto – a velhice. Para Groisman (2002), estas são questões difíceis de responder dada a inexistência de uma conceituação clara do que venha a ser envelhecer para a gerontologia. Esta espécie de “frouxidão conceitual” (SÁ, 1999) provoca questionamentos quanto à existência

de uma metodologia e uma teoria própria para o campo gerontológico que possa delimitar claramente critérios que definam o que é envelhecimento.

Do ponto de vista biológico, o envelhecimento é descrito em relação à degeneração do organismo, com o passar do tempo. Haveria, neste modo de entender, a premissa de que o tempo é uma variável importante para a análise deste processo. Contudo, como aponta Groisman (2002), o maior problema está na validade do uso de tal variável para medir quando este se inicia ou o exato grau de degeneração do corpo. A idade cronológica, nesse sentido, não pode ser considerada critério definidor do envelhecimento, justamente em função da sua relação com o ambiente.

A questão basilar no estudo do envelhecimento, para Jeckel-Neto (2001), é saber o que acontece com as variáveis biológicas à medida que o tempo passa. Se estas não são atemporais, significa que as modificações que ocorrem no ambiente em que os indivíduos estão expostos, ao longo do tempo, interagem com os fatores biológicos, promovendo alterações no processo de envelhecimento. Conclui-se, então, que nem a idade, nem o envelhecimento são objetivamente observáveis. Na realidade, são estimativas baseadas no conjunto de consequências causadas no organismo, com o passar do tempo.

Como salienta o autor acima citado, o envelhecimento deve ser pensado como multifatorial, envolvendo diferentes níveis do organismo, desde o molecular ao fisiológico e morfológico, além de componentes sociais, culturais e psicológicos. A complexidade desse processo mina os esforços de consolidar critérios válidos e fidedignos para se medir exatamente o grau de envelhecimento de uma pessoa. Tal complexidade se explica, de acordo com Groisman (2002), porque o organismo de um indivíduo envelhece de modo não homogêneo entre os seus tecidos, ossos, órgãos, nervos e células, podendo um grupo de pessoas da mesma idade cronológica estar em estágios distintos de envelhecimento, o que, entre outras coisas, justifica a heterogeneidade de formas de se vivenciar este processo.

Mas, de modo geral, as dificuldades encontradas na gerontologia derivam de uma contradição no que concerne ao entendimento de velhice: seria esta um estado normal ou patológico do envelhecimento? Conforme Groisman (2002: 97):

[...] Por um lado, ela parece ter sido concebida como uma espécie de doença, pois é medida justamente pelo grau de degeneração que causou ao organismo. Por outro lado, a geriatria e a gerontologia parecem estar a

todo momento denegando esse aspecto, afirmando que o envelhecimento seria uma fase normal da vida. Nesse sentido, a grande função dessas ciências seria justamente identificar e combater as patologias que ocorressem na velhice (e não a própria velhice), para prolongar a vida humana. Mas para que isso fosse possível, elas deveriam conseguir estabelecer as normas do que seria saudável em cada estágio da vida do indivíduo. Daí o ambicioso projeto de se medir a idade real.

A dificuldade em criar normas orgânicas para determinar o que seja envelhecimento impulsiona o surgimento de um aparato artificialmente normalizador, em que fatores sociais e culturais, combinados com características fisiológicas e morfológicas, influenciam na atribuição de significado à velhice. Assim, uma pessoa pode ser considerada tão velha quanto o seu cérebro, ou o quanto determina seu programa genético, seu estado de espírito ou sua situação civil? O que parece haver é um direcionamento da gerontologia para a identificação de características corporais específicas que diferenciem o corpo envelhecido como um processo de natureza fisiológica e celular singular das demais faixas etárias (GROISMAN, 2002), de modo a reconhecer um grupo de pessoas sob uma denominada categoria – os velhos – em que se encontram sinais de degeneração.

Quando se fala de velhice, percebe-se que se está falando de um campo (BOURDIEU, 2004) no qual estão inseridos agentes e instituições que produzem um conjunto de discursos e práticas que se tornam ativas produtoras de formas de gestão da velhice, como sugere Debert (2004). Um campo onde, segundo Bourdieu (2004), os adversários lutam para impor princípios de visão e de divisão do mundo social, com o intuito de fazer ver e fazer valer uma determinada maneira de ver. Como nos diz o autor:

Em conseqüência, aquilo com que se defronta no campo são construções sociais concorrentes, *representações* [...], mas representações realistas que se pretendem fundadas numa “realidade” dotada de todos os meios de impor o seu veredito mediante o arsenal de métodos, instrumentos e técnicas de experimentação coletivamente acumulados e coletivamente empregados [...] (BOURDIEU, 2004: 33, *grifos do autor*).

A partir desta concepção de Bourdieu (2004), entende-se que os problemas internos encontrados na gerontologia não parecem ameaçar a sua capacidade em se legitimar como “campo científico”, pois ao fazer os conhecimentos relativos ao envelhecimento, capturados em diferentes áreas, aliam-se à defesa da população estudada, advoga o direito de fazer valer as representações que invoca sobre o

envelhecimento (GROISMAN, 2002; PRADO & SAYD, 2006). Nesse sentido, ao tentar atribuir um caráter científico ao seu discurso, a gerontologia e a geriatria estão conferindo àquilo que enunciam efeitos de poder e efeitos de verdade (FOUCAULT, 2006), atuando como práticas regulatórias.

Barros e Castro (2002) argumentam que o sujeito velho não seria apenas um objeto de investigação das ciências biomédicas, isto é, não seria uma realidade dada à espera de um agente cognitivo que extraia suas características em um processo de representação. Mas constituído como tal através de práticas inseridas em um contexto social que cria um corpo-velho, como objeto de conhecimento científico. Ao considerar que a escolha dos termos não é aleatória, meu interesse está em considerar as categorias classificatórias enquanto operatórias no modo de produzir um conhecimento sobre o processo de envelhecimento.

Nesse sentido, para produzir saberes que possibilitem assegurar uma melhor qualidade de vida e um envelhecimento saudável, uma nova terminologia é necessária para integrar o conjunto de práticas em torno da velhice. Comportamentos de cuidado adequados para aqueles que envelhecem são prescritos de modo a conservar as capacidades funcionais e, em última análise, a juventude, transformando “a meia-idade em uma espécie de platô que pode ser eternamente mantido” (DEBERT, 2004: 227). A performance física, valores higiênicos e regimes de ocupação de tempo, baseados em novos parâmetros (ORTEGA 2004), acompanham as novas terminologias e orientam as ações individuais com o intuito de manter uma melhor forma física, longevidade e prolongamento da juventude. Com isto, constitui-se um novo olhar sobre a velhice, em que os pequenos desvios são cada vez menos tolerados e as dificuldades causadas pelo envelhecimento são patologizadas e medicalizáveis (GROISMAN, 2002).

Conforme o exposto até aqui, velhice não é apenas resultado de alterações genéticas, fisiológicas e morfológicas. Ainda que se queira buscar o envelhecimento em sua dimensão puramente biológica, esta ordem não pode ser separada de contextos histórico-sociais que produzem certos modos de ver e pensar. São os marcadores sociais, como juventude e trabalho, por exemplo, que orientam o olhar sobre esse processo de envelhecimento, determinando o bom e o mau envelhecer, os limites entre o normal e o patológico na velhice.

A velhice, desse modo, deve ser entendida como um fato social total (MAUSS, 1974), em que aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e psicológicos influenciam a atribuição de sentido a mudanças fisiológicas e morfológicas dos indivíduos. Sendo assim, das concepções em torno do envelhecimento, sustentadas pela gerontologia, pela mídia, nas relações e intervenções cotidianas, entre outras, há uma distância considerável, visto os diferentes vetores que se entrecruzam.

Dessa forma, as nomenclaturas dependem do contexto de enunciação e de quem enuncia, ou seja, se no contexto de sociabilidade do centro a palavra velho estava autorizada a ser utilizada entre os homens para referir-se a si mesmo, na situação de pesquisa e na relação dos sujeitos pesquisados comigo havia uma restrição ao uso da palavra. Estas situações demonstram os conflitos construídos no processo de ressignificação da velhice e na interlocução entre os atores que são chamados a falar sobre o assunto. Os olhares sobre o envelhecer delineiam, assim, um fenômeno que pertence a diferentes registros, dependendo de quem olha e de onde é acionado.

3.4 *Novo velho, velho-novo: um novo olhar sobre a velhice*

Plínio, ao ser interpelado a respeito da velhice, apresentou-me duas categorias – *Novo-velho, velho-novo* – que ouvira de um locutor de rádio, quando este explicava em seu programa de rádio as diferentes formas de encarar o envelhecimento na atualidade. Ao introduzir essas categorias, Plínio salientou algo muito importante: que, em sua época de juventude e adultez, temas como doenças na velhice e receitas de cuidados com a saúde, para se chegar a uma velhice bem-sucedida, não faziam parte das discussões de sua época. Pode-se pensar em duas proposições para essa questão:

1) A juventude de Plínio, que hoje tem 82 anos, foi na década de 50, período que, como atestam alguns estudos demográficos, o perfil epidemiológico começava a dar sinais de mudança. Neste período, conforme os dados do IBGE (2007), o Brasil caracterizava-se por uma configuração etária com traços de uma população predominantemente jovem. Contudo, a partir da década de 40, há sinais de

mudanças na configuração etária do país, em razão de diversos fatores, culminando no aumento da longevidade e no envelhecimento populacional. Este fato, apesar de não poder ser considerado a justificativa para a menor visibilidade do envelhecimento neste período, explica, em parte, a pouca atenção, já destacada por Plínio, em relação às doenças hoje associadas ao envelhecimento.

2) Dado que há um aumento populacional de velhos no Brasil, os problemas que os acompanham têm suscitado a elevada atenção de formuladores de políticas sociais para as demandas específicas deste contingente. Tal fato, em boa medida, tem justificado a produção de conjuntos de ações e discursos que objetivam a promover um envelhecimento saudável e, conseqüentemente, a exigência de uma mudança de sensibilidade com relação à velhice, como se pode acompanhar em algumas discussões¹².

O que Plínio marca em sua fala é uma mudança de sensibilidade que se acompanha, nas últimas décadas, nas discussões com relação à velhice. Esta questão justifica, em boa medida, a atenção voltada à população velha e o reflorescimento da geriatria, pois com o aumento populacional a velhice ganhou o *status* de problema social. Conforme Groisman (2002), os problemas internos da geriatria para constituir-se em uma especialidade aos moldes de uma racionalidade científica hegemônica pode ter contribuído para a sua pouca atratividade. Por longos anos, o número de estudos e cursos sobre o tema foi ínfimo. Além disso, em contraste com outras especialidades médicas, a geriatria permaneceu um campo com poucos praticantes. Mas a recente “descoberta” da velhice como uma entidade demográfica modificou este quadro, na medida em que estes novos discursos juntaram-se ao da geriatria, constituindo a velhice em um objeto de intervenção.

Novas leituras surgem e provocam uma inversão nas representações atribuídas à velhice: passa a ser um período em que predomina uma outra produtividade, novas conquistas e atividades, quando é possível realizar os sonhos e desejos adiados no decorrer da existência e quando se pode desfrutar os prazeres da “melhor” idade. O tempo livre adquire outro significado, agora valorizado como possibilidade para reorientação das ações e necessidades dos sujeitos que

¹² Ver sobre I Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento, ocorrida em 1982, e II Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento, ocorrida 2002, em que é apresentado, em ambas, um Plano Internacional de Ação para o Envelhecimento. Além disso, ver também: (1) Renato Veras (2001); (2) Ana Amélia Camarano (2004); (3) Laura Lúcia Rodríguez Wong & José Alberto Magno de Carvalho (2006); (4) Maria das Graças Melo Fernandes & Sérgio Ribeiro dos Santos (2007).

envelhecem para além daquelas centradas no trabalho, possibilitando a construção de uma nova identidade.

Essa nova leitura engloba novos padrões de comportamento, o que resulta na criação de outras configurações dos modos de gestão da velhice. Esta leitura se dá, conforme Ramos (2006), a partir da representação e apresentação, por parte de uma literatura canônica e de uma ficção contemporânea da velhice¹³, do corpo envelhecido em oposição à juventude e à capacidade para produzir. A ênfase posta no corpo como marca/marco da velhice constitui as progressivas manifestações corpóreas de sinais do envelhecimento em perdas em relação a um determinado modelo, o que somente é possível na medida em que há o predomínio de um paradigma da juventude que tem como premissa a manutenção desta para se escapar do vilão do envelhecimento.

O que parece é haver em torno dessas representações uma substancialização da juventude como marcador da velhice. Nesse sentido, assistimos, cada vez mais, à intensa profusão de experiências e discursos produzidos sobre a velhice. São experiências que apresentam um novo *ethos*, novas maneiras de ser, de se comportar e de se vestir mais positivas para a velhice. Estas iniciativas voltadas para a terceira idade, conforme Debert (2004), transformam o envelhecimento em uma experiência mais gratificante, em que não há espaço para a manifestação de qualquer comportamento que possa ser associado à velhice. Assim, essa mudança de sensibilidade em relação à velhice

[...] acabou gerando uma profunda inversão dos valores a ela atribuídos: antes entendida como decadência física e invalidez, momento de descanso e quietude no qual imperavam a solidão e o isolamento afetivo, passa a significar o momento do lazer, propício à realização pessoal que ficou incompleta na juventude, à criação de novos hábitos, *hobbies* e habilidades e ao cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos à família (SILVA, 2008, p. 161).

A saúde torna-se a nova utopia de nossas sociedades, configurando-se tanto em um meio quanto em um fim para as nossas ações (ORTEGA, 2004), legitimando discursos técnico-científicos sobre a velhice que visam a garantir uma saúde para um viver melhor na velhice. A prevenção, para Groisman (2002), parece ter sido a saída encontrada para transformar a saúde em fim a ser buscado, pois com esse

¹³ Para Ramos (2006), ficção contemporânea da velhice diz respeito a correntes de e-mails que apresentam o envelhecimento como assunto.

discurso todos os sujeitos são passíveis de intervenção, independentemente de seu estado de saúde. Com o discurso da prevenção, o problema relativo à imprecisão dos critérios que definem quando se fica velho são apagados, pois agora não importa quando se inicia a velhice, dado que os cuidados iniciam-se muito antes.

3.5 Velho é o outro! Problemas relativos à constituição de uma identidade de velho

As considerações feitas anteriormente permitem apontar para alguns problemas quando se pensa na constituição de critérios de definição e no processo de categorização de sujeitos na situação de velhos ou no modelo de velhice, pois homens e mulheres, cada um a sua maneira, estão empenhados em lidar com o avanço da idade, procurando distanciar-se de comportamentos ditos de velhos (DEBERT, 1988). Todos os participantes, apesar das diferenças de renda, buscam marcar a distinção entre a sua experiência e a de outros velhos. Velho, portanto, é sempre o outro.

Bah! Tu castigô os velho aqui, né? Coitado dos velho. Bah! Claro! Eu sou... Tu acha todos velho! Risos. Só perguntô sobre velho e tal. Tu sabe que eu não me considero velho. Eu não. Eu não me considero velho. Eu só sou velho na idade. [*O que tu consideras ser velho?*] Eu considero velho o cara que perde a vontade de fazer as coisas, que não tem, não tem, não tem vontade de nada, não... se atira num canto, aí fica lá, quase não sai de casa, não vai num futebol, não vai num... em parte nenhuma, não procura se diverti, aí considero velho, que a pessoa fica velho mesmo. Mesmo que não tenha idade avançada. Mas o cara que se retrai em casa, pra mim, é pior que um velho. Aí pode ta percebendo que o cara tá, né... Por que, vou te dizer, sinceramente, eu não me considero velho, não. Eu sei que eu sou, eu sei. Não vou negar. Eu sei. Claro que eu não sou aquele que tem, assim, 40 anos, 36, claro, eu tô com o dobro dessa idade, né. Mas eu não me considero velho, porque tudo o que eu faço e o que eu... Eu não faço mais por causa dessa minha perna, aqui. Isso aqui não é falta de vontade. Não é uma doença. Gasto o osso ali. Eu não considero doença isso. Por que eu não sou doente, eu sou um gastado. Risos. Velho, velho é uma palavra feia, né?! (Jorge)

Este trecho refere-se à entrevista realizada com Jorge e diz respeito ao comentário e incômodo deste ao conteúdo das perguntas do roteiro de entrevista. Ao perceber que se tratavam de perguntas que versavam sobre velhice e envelhecimento, Jorge destaca o quanto estas ratificavam a posição deles enquanto

sujeitos velhos, algo que eles afirmavam não ser, quando informava-lhes sobre os objetivos de minha pesquisa.

Como se pode perceber, o fato de eu estar fazendo um conjunto de questões que diziam respeito às representações de velhice e envelhecimento e, portanto, identificando-os como velhos, aproximava-os da imagem tradicional da velhice, associada à decadência ou à incapacidade física. Estes sujeitos, apesar de não se enquadrarem nas imagens associadas à terceira idade, reivindicavam outra imagem – a de não velhos. Nesse sentido, não posso deixar de ponderar que as mudanças nas representações de velhice e envelhecimento têm influenciado a forma como estes homens estão significando o envelhecer, ao compreenderem que ser velho é um determinado tipo de pessoa que eles não são.

Consideram-se velhos apenas porque têm idade avançada. Entretanto, isto não adquire uma conotação negativa, uma vez que entendem fazer parte do processo de envelhecer.

Ser velho é uma realidade de vida por causa da idade. Mas como eu te disse muitos velhos não são velhos. São mais jovens que muitos jovens que estão aí. São alegres, são expressivos, são comunicativos, são trabalhadores. Tem pessoas aí com 90 anos que trabalham ainda. (Volnei)

Debert (1988) afirma que homens velhos tendem a não operar uma separação entre o processo biológico de envelhecimento e a capacidade de retardar, combater ou de adotar novas formas de significar e viver um processo que é pensado como natural. Ao contrário, homens tendem a reconhecer que há um processo biológico inexorável que paulatinamente os impede de trabalhar. Conforme a autora:

Pelo contrário, os homens tendem a mostrar que há um processo biológico irreversível e reconhecer isso é a condição para um envelhecimento adequado. Aceitar que já não se é jovem permite estabelecer uma distinção entre sua experiência pessoal e a dos outros “velhos”. [...] Resistir à velhice é assumir que já não se é moço e ser capaz de abrir mão de coisas materiais e atividades próprias de quem é moço (DEBERT, 1988: 543).

Portanto a dissociação não ocorre entre idade cronológica, processo biológico e envelhecimento, mas entre o reconhecimento de não serem mais jovens e os comportamentos ditos de velhos, com os quais não querem se identificar nem ser identificados. Nesse sentido, homens tratam de demonstrar que mesmo com o

processo de envelhecimento estão vivos e em condições de praticar atividades que possam proporcionar prazer.

Por conseguinte, quando velho assume o sentido daquele que não se mantém ativo, que fica em casa, “mofa” (como referido na seção 2.1, quando apresento a conversa de dois homens que indagam, em tom jocoso, sobre o sumiço dos velhos do centro da cidade) e entrega-se, sem resistências, ao processo de envelhecimento, estes homens afirmam que não se consideram sujeitos velhos. Assim, reconhecer que não são mais homens jovens e não possuem mais o preparo físico de um corpo jovial não implica em aproximá-los das representações de velhice e envelhecimento, uma vez que se trata apenas de consequências do avanço da idade.

Entende-se que o processo de categorização dos sujeitos em velho assume múltiplas significações e diz respeito ao modo como se divide e ordena-se o mundo através de um processo de hierarquização e atribuição de valores. Deste modo, velho e não-velho são classificações diferentemente valoradas, construídas a partir de representações sobre velhice ligadas às alterações fisiológicas e aos aspectos sociais decorrentes do processo de envelhecimento.

Em reflexões contidas no livro *A Solidão dos Moribundos e Envelhecer e Morrer* de Norbert Elias (2001), o corpo velho aparece como elemento central, no qual se lança o olhar (ou um não-olhar) sobre o envelhecimento. As marcas corporais do envelhecer, nas palavras do autor, representam, para a sociedade moderna, indícios da fragilidade e finitude dos seres humanos, o que implica, em sua visão, a dificuldade de os não-velhos olharem e mesmo identificarem-se com os velhos, uma vez que a sociedade cria expectativas corporais impossíveis de serem alcançadas pelas pessoas que envelhecem, tornando difícil compreender a experiência de perda do vigor e da juventude do corpo.

A partir dessas análises, percebe-se que o problema não é a velhice em si, mas a forma como a sociedade lida com o corpo e as questões relacionadas ao envelhecimento, de modo a tornar viáveis determinados corpos em detrimento de outros. Elias (2001) argumenta que o corpo velho nos faz lembrar que a capacidade de controle sobre a natureza tem seus limites. Por mais que a racionalidade científica torne cognoscível os mecanismos de envelhecimento e eleve consideravelmente a expectativa de vida, através de diferentes técnicas, a morte é um dos fatos que indica que o controle humano sobre a natureza tem um alcance

muito restrito (ELIAS, 2001, p. 90). Por isso, como o autor aponta, transformamos a morte em um problema social, afastando-a o máximo possível através de atitudes e práticas que refletem no modo de lidar com o processo de envelhecimento¹⁴.

Além disso, o significado produzido em torno da utilidade para a produção daqueles cuja capacidade física encontrava-se comprometida pelo avanço da idade, impossibilitando-os de trabalhar e, conseqüentemente, de prover-se, definiu a identidade da velhice como improdutividade e invalidez. Esta noção que enfatiza o processo de decrepitude física ocasionada por fenômenos degenerativos do corpo produziu no imaginário social uma representação de velhice enquanto um problema social, na medida em que a incapacidade para trabalhar, acompanhada de um processo de pauperização, foi assimilada como parte do processo de envelhecimento (SILVA, 2008).

A noção de velho pertence à categorização de sujeitos pobres, sem estatuto social, em decadência e dependentes (PEIXOTO, 2006). A imagem de velhice está relacionada à negatividade. Além disso, o estabelecimento do direito à inatividade remunerada – a aposentadoria – pode representar um processo de ruptura da ordem produtiva e a incorporação de uma “ideologia da velhice” – quando homens, liberados das obrigações do trabalho, assumem a condição de velhos. Como salienta Peixoto (2006: 74):

Ao se apoiar na idade biológica ou no tempo de serviço, a aposentadoria libera do trabalho indivíduos ainda produtivos e lhes atribui o estatuto de inativos. Se considerarmos que a ideologia do trabalho e a apologia da produtividade são bastante enfatizadas nas sociedades industriais, a aposentadoria representa, para alguns, a deterioração da pessoa [...]. A aposentadoria simboliza a perda de um papel social fundamental – o de indivíduo produtivo –, passando a ser sintoma social de envelhecimento.

Por isso mesmo, torna-se difícil reconhecerem-se como velhos. Aqueles que têm saúde, saem de casa, possuem atividades de lazer e sociabilidade não se consideram velhos e não querem ser enquadrados neste modelo (MOTTA, 2006).

Como relatam José, Antônio, Carlos e Volnei, parar de trabalhar poderia representar uma grande ruptura em suas vidas ao provocar uma mudança repentina

¹⁴ Debert (2004) chama a atenção para o fato de que o processo de ressignificação do envelhecimento leva a um afastamento de noções como doença e morte como fazendo parte da velhice, uma vez que se tratando de uma questão individual a doença e a morte podem ser reparadas e retardadas através de um investimento ao longo da vida em cuidados com a saúde, mudanças de hábitos e estilo de vida, o que leva a uma reprivatização da velhice.

da rotina mantida até o momento de aposentar-se: sair para trabalhar todos os dias. Deste modo, ir a bailes, viajar, passear, caminhar, ir ao centro, encontrar amigos e companheiros de profissão, conversar, enfim, manter o hábito de realizar outras atividades que não a laboral, são formas de não serem posicionados – e posicionarem-se – no modelo de velhice. Significa, principalmente, para os homens participantes da pesquisa, não ficar velho.

Se ficarmos em casa, podemos ficar no ostracismo. (José)

[Depois que chega a aposentadoria] Não podemos parar, pois senão encaranga. (Antônio)

Tu trabalha 35 anos. Depois tu sai, se aposenta. Aí vai pra casa. Tira um período em casa, né. Um ano, dois. Aí o cara vê que aquilo ali é uma rotina cansativa. [...] É aquela ilusão, meu, da aposentadoria, que agora vou ficar em casa. Depois cai na rotina. Vê que não é aquilo. Sai pra dar uma volta. (Carlos)

Nós nos reunimos aqui, ó. Porque ficar em casa... Velho se fica em casa enferruja. Tá. Fica doente. Então, tem que se comunicar. (Volnei)

Sai pra matar o tempo, né. Sair, conhecer gente. Senão o cara... Senão entra em clausura. O problema é a gente não enclausurar. Entendeu? No momento que tu enclausurar e tu se fechar dentro de quatro paredes aí acabou. É o que eu não procuro. Eu procuro não me enclausurar, não. [...] Não pode fazer isso. Enclausurar não. Que é a tendência normal. O pessoal se recolhe. É a tendência normal. Fica mais em casa. (Augusto)

As práticas cotidianas e a reflexão que fazem a respeito de suas experiências são marcadas por uma série de mecanismos que visam a uma resistência ao processo de envelhecimento, objetivando marcar a distância entre a situação de velhos em geral, caracterizada pela situação de pobreza e invalidez, e a experiência pessoal de envelhecer (DEBERT, 1988). Neste processo de enfrentamento ao envelhecimento, diferentes mecanismos de resistência são acionados na tentativa de não se identificarem enquanto velhos.

Olha, eu considero a velhice... é uma dádiva de Deus e envelhece quem quer. Quem pensa que vai ficar velho se torna um velho. Mas tem muitos velhos que são... São... Tem muita vitalidade, ainda. Como eu, to te dando, com muito prazer, informações sobre a cidade. Tá. Se a pessoa fica em casa pensando em doença, pensando em coisas ruins, envelhece mesmo. Tem que caminhar, conversar com os amigos, não ter inimigos, amar todas as pessoas, porque todas as pessoas são filho de Deus.

Tem mulheres que envelhecem também como os homens, não diferem um do outro. Aqui em Santa Maria tem a sociedade de mulheres, que elas vão no Caixeiral dançar, todo a sexta-feira, de noite. E aquilo pra ela é vida. Elas gostam. Vão lá. Sai até casamento lá. Os homens também vão lá.

Os homens para não envelhecer têm que ter uma boa alimentação, ser alegre, expansivo, transmitir aos outros um astral bom. Aí tu não envelhece. Que o que envelhece é a cabeça. Se a tua cabeça é boa, tu não envelhece. Se tu te recorda das coisas boas do teu passado, tu recorda com alegria. As coisas que passaram, más, que todos nós passamos, tu deixa de lado. Esquece. (Volnei)

Dos homens [*os outros homens*] eu não posso dizer nada. Posso dizer de mim, que eu to velho também, né. Olha, eu vo te dizer uma coisa, a única reclamação que eu tenho é esse problema que eu tenho pra me operar e mão posso, e não consigo, que o resto eu não tenho nada que reclamar. Vo reclamar do quê, pois eu to bem. Minha única doença é essa aí. Fazer o que né. Não é doença grave. Então... Eu acho que a velhice... A gente tem que aproveitar dentro do normal, o que puder. Porque é assim, né... Estamos no fim, né. Eu to, por exemplo. O que que eu vou pensar com 74 anos. O que que eu vou querer ser. O que que eu vou querer abraçar. O quê. Não tem mais nada. [...] To com dor dia e noite, sabe. Só que tem mesmo, sabe o que é. De noite a gente não tem como se virar, dorme de um jeito, dói, dorme de outro, dói. Eu durmo muito pouco de noite. É a única reclamação que eu tenho. Durmo muito pouco. E dor, sinto muita dor. Eu to sempre rindo assim, mas eu to disfarçando, sabe. Eu não vou me sentar num canto e chorar porque eu to velho. Porque eu tenho dor. Eu não. Eu procuro me divertir, sabe. Eu me divirto assim toma uma cervejinha, conversa com os amigos, olha uma televisão, assistir o jogo de futebol, que eu mais gosto, uma corrida de carro. (Jorge)

Para estes homens, aproveitar o tempo livre para a realização das mais variadas tarefas ou atividades significa ter a disposição para realizá-las, mesmo com a instauração do processo biológico de envelhecimento e, neste sentido, aparecem como um dentre os diversos mecanismos de resistência ao envelhecimento. A liberdade que torna a experiência de envelhecer significada positivamente não depende, necessariamente, de uma disponibilidade econômica, mas sim da manutenção de condições fisiológicas mínimas para usufruir o tempo livre da forma que lhes convém.

Plínio, enquanto ainda trabalhava, relata que sua vida era dedicada ao trabalho, à esposa e aos filhos. Após aposentar-se, e tendo uma renda mensal razoável, deixou de dedicar-se a qualquer atividade laboral, priorizando aproveitar seu tempo livre. Sair todos os dias para o centro de Santa Maria é uma forma de aproveitar este tempo livre. O objetivo é buscar um pouco de liberdade, longe de casa e da esposa, encontrado na busca de relacionamentos afetivo-sexuais no centro tal liberdade. Durante as tardes em que está sentado na praça, Plínio procura um programa, encontro ou namoro. Algumas vezes consegue, outras não. Contudo, a expectativa de encontrar alguma mulher para um relacionamento afetivo-sexual é um fator importante que o incentiva a sair de casa.

Os relatos de Plínio a respeito dos relacionamentos entre homens velhos e mulheres no centro de Santa Maria propiciaram compreender a sexualidade como um elemento também valorizado por boa parte dos homens velhos que frequentam o centro. Portanto, no conjunto de mecanismos de resistência à identidade de velho, demonstrar que a sexualidade ainda é possível, apesar do avanço da idade, aparece como uma estratégia de enfrentamento ao estereótipo de velhice.

Assim, conversar sobre velhice e envelhecimento com homens velhos é ficar atenta a um conjunto de mecanismos que visam a afastá-los do processo de categorização de sujeitos como velhos. A sexualidade nesse contexto de pesquisa apresenta-se como um importante elemento de reflexão, tema que será abordado no capítulo seguinte.

4 ENVELHECIMENTOS E SEXUALIDADES

4.1 O centro como espaço gendrado

Conforme a formulação de DaMatta (1997), a casa e a rua não devem ser entendidas como espaços geográficos independentes e individualizados, mas como categorias sociológicas que designam entidades morais, esferas de ação e significação social e éticas sociais diversas, e, portando, interligadas com outros valores que servem de orientação. Elas fazem mais do que separar contextos e configurar atitudes, reproduzindo em suas divisões a própria sociedade com seus múltiplos códigos e perspectivas. É através delas que as representações e valores se atualizam e ganham vida. Dessa maneira, DaMatta (1997), ao indicar a oposição e a complementaridade entre casa e rua, abre espaço para pensar em uma perspectiva de análise que considera as representações de gênero como constituintes da gramática dos espaços.

Como argumenta Bourdieu (2002), a visão dominante da divisão sexual exprime-se tanto em discursos, nas técnicas do corpo, nas práticas e posturas quanto na estrutura dos espaços, através de um permanente trabalho de formação do mundo social, ao mesmo tempo como realidade sexuada e como depositário de categorias de percepção, de apreciação e de ação sexuentes. Este trabalho tem efeitos reais produzidos na realidade e nas representações da realidade, fazendo-se presente nos espaços ao constituir esferas de sentido que permitem normalizar e moralizar o comportamento por meio de construções socialmente sexuadas do mundo.

Nesse sentido, pode-se pensar no centro de Santa Maria como um espaço masculino, ainda que não inteiramente, em que são operadas negociações e ajustes, visto se tratar de um espaço público. Por ser um lugar em que há preponderância de homens, principalmente com idade acima de 60 anos, ao longo da semana pode-se considerar que as interações cotidianas estabelecidas no centro são constituídas por uma tecnologia de gênero (LAURETIS, 1994) que configura

uma sociabilidade masculina por meio de práticas que não apenas legitimam determinadas noções de gênero, como são re-afirmadas e significadas por elas.

Estes homens por diversos motivos não participam de atividades promovidas para a população em idade avançada, preferindo encontrar-se nos espaços abertos do centro da cidade. De segunda a sábado de manhã é possível encontrá-los todos os dias no centro. Já sábado à tarde e domingo eles recolhem-se em casa, dando prioridade para as atividades domésticas, a esposa, a família, filhos ou netos. Percebe-se que essa organização das atividades semanais é realizada a partir de uma visão de mundo tradicional em que se empreende uma naturalização da separação em dois universos, o público e o privado.

Nesse sentido, os encontros em um espaço público mais do que evidenciar o surgimento de novos comportamentos para a velhice, configuram-se a partir de certos atributos de gênero na organização do cotidiano de vida desses sujeitos. A dinâmica social que hierarquiza as relações de gênero, através dos modos pelos quais características femininas e masculinas são representadas como mais ou menos valorizadas, regula as relações sociais através de uma grade de interpretação que molda as expectativas quanto ao comportamento desses homens. Assim, as marcas de gênero ao operarem de forma efetiva na produção de um determinado modo de pensar a masculinidade, ratificam o distanciamento da esfera doméstico, justificada pela trajetória de vida sustentada pela atividade laboral que restringia a permanência nesse espaço.

Trata-se de uma masculinidade forjada em um espaço público por homens aposentados, que têm uma trajetória de vida associada à dedicação ao trabalho e como provedor e protetor da família, que se afirmam fortemente como heterossexuais e se encontram no centro com amigos, conhecidos ou companheiros de trabalho para tomar um café e/ou conversar sobre os mais variados assuntos, como política, economia, esportes, aposentadoria, entre outros. A este respeito, destaco a reunião de homens na “Boca Maldita”, localizado na Galeria Chami, em frente ao Shopping Santa Maria, principalmente aos sábados, entre 11 horas e 13 horas, em que a concentração masculina é maior. Neste local, formou-se uma confraria de homens que diariamente se encontram para conversar sobre notícias veiculadas em jornais e televisão, além de discutir sobre esportes. Ficou conhecido como “Boca Maldita” porque constantemente se fala mal de alguns jogadores e treinadores de futebol veteranos da cidade de Santa Maria. Destaca-se que este

grupo, apesar de aberto para outros membros que circulam no centro, são fechados para a participação de mulheres. Nunca tive a oportunidade de participar de uma roda de conversas, porque ao aproximar-me de um homem o restante encerrava a discussão e afastava-se. Os olhares desconfiados quando estava conversando com algum velho tornavam-se mais visíveis, o que indicava a suspeita sobre meus interesses em estar próxima deles.

Também há o conhecido “canto do cutuca” onde homens observam as “mulheres bonitas passar”, e quando estas passam um cutuca o outro para que todos olhem para ela. Esta denominação é antiga e refere-se a um grupo de homens que se reuniam em frente ao Clube Caixeiral. Todavia, ainda hoje é utilizada pelos homens velhos para designar o lugar onde alguns velhos sentam-se ao longo do dia para observar as mulheres que passam, consideradas “colírios” para seus olhos. Sobre isso Carlos comenta:

[...] Tem outra né, quem fica sentado aqui fica alegrando os olhos, né... com as gurias bonitas... Colírios pros olhos. Tem mais essa né [*além de conversar com os amigos*]. Em casa tu acostuma né, arroz e feijão. Então, tem que ver coisa nova. [...] Elas passam em todos os lugares. A gente só olha, né. E vê o que é... Faz bem pras vistas ou fecha os olhos. Quando não faz bem pro... É mesmo que colírio. O que não faz bem não olha. Fecha os olhos.

Admirar as mulheres torna-se mais interessante, aos olhos destes homens, com a chegada do verão, quando as mulheres, em função do calor, usam roupas como shorts, mini-saias, vestidos curtos, entre outras, as quais deixam as pernas e parte dos seios expostos. Certa vez, enquanto conversava com Volnei, um dos integrantes do grupo de amigos que se reúnem em um café da Galeria Chami e que estava ao lado de Volnei exclamou que no verão aquele lugar que os homens intitulam de “Boca Maldita” deveria passar a ser conhecido como “Ponto G”, pois a concentração de mulheres bonitas que podem ser consideradas “colírios” para seus olhos aumenta significativamente.

Essas práticas evidenciam que o entendimento dos lugares e posições de homens e mulheres nas relações sociais encontra-se marcado por uma grade de interpretação de significados que os constitui como sujeitos gendrados. Além de reiterar, através da inscrição nos corpos, sob a forma de disposições corporais, e nos cérebros, imagens e práticas hegemônicas de masculinidades, de modo que

orienta maneiras de fazer e categorias de percepção dessas maneiras de fazer (BOURDIEU, 1996).

Então, o conhecimento e o reconhecimento das relações entre homens-homens e homem-mulher, geradas por uma gramática sexual (SAFFIOTI, 2004) que estrutura as possibilidades de relação, dá suporte ao modo como os homens velhos vão entender a entrada de uma mulher em um espaço marcado por princípios de visão de divisão sexuadas do mundo social. Assim, as particularidades surgidas na interação entre pesquisadora e sujeitos pesquisados, já mencionadas no capítulo II, no que diz respeito à condição de parceria potencial que permeou a relação de pesquisa, demonstram que as representações em torno da masculinidade aparecem como estruturantes para se pensar sobre o modo como esses homens percebem o envelhecimento. Isso equivale a dizer que os significados produzidos em torno da relação dos sujeitos pesquisados com a pesquisadora são importantes para compreender a sexualidade como um elemento significativo para a constituição de mecanismos de resistência ao envelhecimento.

4.2 A sexualidade valorizada

Os dados obtidos mostram que as vivências e as significações de homens com relação ao envelhecimento têm na sexualidade um elemento constitutivo. Um dos meus informantes, Plínio, afirma que o interesse por relações sexuais extraconjugais se deve ao fato de não ter outra coisa para fazer, já que está aposentado. Enquanto trabalhava, relata, não tinha tempo para pensar a respeito, pois começava a trabalhar cedo e saía tarde, por isso ia da casa para o trabalho e do trabalho para casa. Seu tempo era tomado pela preocupação com o trabalho, o sustento da família e em acumular alguma renda para o futuro. Mas, ao chegar à aposentadoria, sentiu-se liberto das obrigações de horários e trabalho, procurando outras formas de passar o tempo, encontrando na procura por parceiras sexuais uma forma de divertir-se:

É como pipa! [*Pipa?*] Não sabe o que é pipa? [*Expressei que não compreendi a relação entre sexo e pipa*] Tu sabe que o lugar onde o vinho fica chama-se pipa?! É como experimentar o vinho de diferentes pipas. [*E o*

vinho de pipas diferentes têm gosto diferente?] Sim. Com cada uma será diferente. Com a esposa é de um jeito, com as outras mulheres é de outro... (Diário de Campo, março de 2009).

Esses relacionamentos desenvolvem-se a partir de dois modelos de relação, o namoro e a relação sexual. Plínio chamou a atenção para este fato ao comentar sobre seu interesse em estar sentado nos bancos da praça durante as tardes: “*Vou te falar sinceramente, porque eu tô aqui. Eu venho pra namorar.* [Como isso acontece?] *Eu me aproximo de alguma mulher, sento ao seu lado e começamos a conversar, se conhecer e se simpatizar*” (Diário de campo, dezembro de 2008). Plínio destaca que a procura por “namoro” não é um interesse exclusivamente seu, afirmando ser uma prática muito comum também entre outros homens que frequentam o local.

A relação estabelecida a partir do primeiro contato com alguma mulher, caso prossiga em encontros frequentes no centro, configura a relação como um “namoro” e tem o objetivo de iniciar um relacionamento em que, futuramente, espera-se incluir relações sexuais. Os dois modelos de relação são diferentemente significados e são acionados sem a pretensão de desenvolver uma sequência que leve a um compromisso estável entre estes homens e as mulheres. O objetivo em um primeiro momento é investigar a possibilidade de uma investida sexual. Nesta etapa, qualificada como “namoro”, a conversa é predominante e torna-se um elemento importante para estabelecer uma relação. O próximo passo é o contato sexual, especulado e esperado pelos homens que procuram relacionar-se com mulheres no centro.

Pude evidenciar que a expectativa em torno do envolvimento afetivo-sexual subjaz a sociabilidade desses homens a partir de dúvidas quanto aos motivos da minha presença, bem como situações que a indicavam como uma possibilidade de investida sexual. A esse respeito, Plínio comentou que, na primeira vez que conversei com ele, um de seus ex-colegas de trabalho, que também estava na praça, observava-nos enquanto conversávamos. Após a minha partida, Plínio conta que ele aproximou-se e perguntou qual o meu interesse em conversar com ele e se eu era sua namorada. Em outra situação, um amigo de Plínio aproximou-se para conversar. Plínio me apresentou como estudante e pesquisadora e perguntou se ele não gostaria de participar como informante. Seu amigo respondeu que não, afirmando que apenas aproximou-se para verificar se eu não seria sua namorada.

Durante as entrevistas, muitos assinalaram o interesse por relacionamentos afetivo-sexuais com mulheres que fossem, pelo menos, 20 anos mais jovens do que eles. A preferência justificava-se pelo corpo jovem, considerado por eles mais desejável, enquanto o corpo das mulheres mais velhas era desvalorizado. Isso pode ser evidenciado na narrativa de Jorge:

A mulher fica velha aos 50. Depois que vem a menopausa, essas coisas... O que a mulher quer mais? O que o homem quer com a mulher? Fazer companhia. A mulher não tem mais condições de ter um filho, não tem mais nada. Então, fazer o quê? Já muda tudo. Para mim a mulher começa a ficar velha... Começa a ficar velha nos 50. Ela não é velha, mas começa. Dos 50 para os 60. Com 60 ela já é velha. Agora depende para que ela é velha ao 50, 60 anos. Pra fazer sexo, a mulher não presta mais depois dos 50. Depois vai fazer o quê? Termina... (Jorge, Diário de Campo).

Essas características fazem com que os relacionamentos sexuais se deem, em muitos casos, entre pessoas de gerações diferentes que geralmente envolvem um complexo processo de negociação entre dinheiro e sexo. Nessa negociação a barganha entre a contribuição financeira e a possibilidade de relacionamentos sexuais não ocorre de modo direto, através de valor previamente estipulado.

Viviana Zelizer (2009), refletindo sobre a relação entre dinheiro, sexo e poder, argumenta que há algumas complexidades que levam à mistura de relações sexuais com atividade econômica e que a compreensão das mesmas não pode ser bloqueada por descrições e explicações, baseadas em teorias que a autora chama de “Esferas Separadas”, “Mundos Hostis” e “Nada Mais”. A ideia de “esferas separadas” supõe que haja dois domínios da vida social que operam separadamente e por princípios diferentes (racionalidade X sentimento / atividade econômica X relações íntimas). Já as explicações do tipo “mundos hostis” dizem que qualquer mistura entre estas esferas separadas contamina e corrompe uma a outra. Aqueles que suspeitam de tais explicações, geralmente utilizam o “nada mais”. Os adeptos dessa explicação afirmam que amor, sexo e arranjos íntimos nada mais são do que mercadorias como todo o resto, pois o mundo todo nada mais é do que uma única e grande economia.

Para Zelizer (2009) a mistura de transações econômicas com relações íntimas pode ser considerada “boas combinações”, uma vez que a atividade econômica e a intimidade sexual intersectam-se o tempo todo, não funcionando

como mercados, mas a partir de muitas negociações entre os parceiros a fim de que funcionem bem quando as pessoas fazem boas combinações das duas.

Em diversas conversas, ouvi homens referirem-se as mulheres como “*interesseiras*”, apenas cobiçando o dinheiro que, sabiam, iriam ganhar se pedissem a qualquer homem velho. Contudo, ainda que conscientes de tal interesse, os homens não deixavam de contribuir quando solicitada uma ajuda para passagem urbana ou compras no supermercado, por exemplo. Como comenta Adolfo:

Eu não quero companheira porque não dá certo. [*Por que não dá certo?*] Não dá o sistema. Eu gosto de baile, tu já não gosta, A outra não gosta. Outra já quer, ela já quer cem conto, a outra quer duzentos. Essas coisas nós não queremos. Elas não querem só o dinheiro não, é muita coisa a mais. Fazer o que elas querem, então elas tem que caçar níquel. [...] Mulher tem aos montes aí. Nós vamos a baile de noite, bá. E eu sou muito bom para as mulheres. Eu pago cerveja, pago janta. Não é tanto porque eu seja bonitinho. É que elas querem dinheirinho. Bom agora eu disse para a minha filha, eu tinha uma namorada, digo “eu vou largar essa namorada! Ela gasta todo o meu dinheiro”. Diz a filha... Sabe o que a filha me disse? “Só de amor ninguém vive pai. Tem que dar”. Aí eu passei a dar. Aí nós dormimos, fazemos amor, fizemos de tudo um pouco. Tem umas que não pedem, outras pedem. (Diário de campo, maio de 2009).

Essa contribuição econômica, como se percebe, compõe um complexo processo de negociação em que uma boa combinação entre intimidade sexual e transações econômicas (ZELIZER, 2009) deve procurar ajustes que sejam compatíveis com o entendimento sobre o que define a relação, o que se espera da mesma e o que a sustenta. É nesse sentido que para estabelecer possíveis amantes ocasionais Plínio, outro entrevistado, por exemplo, sempre oferece ajuda financeira às mulheres quando estas solicitam, considerando fazer parte de seu papel como homem e, por isso, espera em troca que estas mulheres retribuam aceitando envolver-se sexualmente com ele.

Zelizer (2009) aponta que dinheiro e intimidade sexual compartilham de propriedades comuns não como mercados, em que a contribuição financeira implica um negócio previamente acordado entre as partes, mas como uma complexa negociação entre estas, a fim de que funcionem bem quando se fazem boas combinações entre dinheiro e sexo para promover satisfação entre as partes envolvidas. Contudo, por se tratar de um incessante processo de negociação, as combinações não funcionam de modo automático e, desse modo, nem sempre a contribuição financeira regular resultará em relações sexuais. Quando isto ocorre,

provoca rompimentos, resultado da incompatibilidade entre a participação econômica dos homens e os privilégios que esperam receber das mulheres.

A esse respeito, Plínio comentou que já teve problemas com uma de suas namoradas. Explica que esta passou a solicitar constantemente ajuda financeira, a qual não negava. Contudo, percebeu que apesar de cada vez mais aumentar a quantia do auxílio, não estava recebendo nada em troca. Sentindo-se explorado, ele terminou o relacionamento com esta mulher, pois entende que uma relação não pode se configurar dessa forma, em que somente uma das partes participa, enquanto a outra nada oferece. A partir dessa experiência, aprendeu a ser mais cauteloso, procurando não se envolver até o ponto em que possa sentir-se explorado. Percebe-se que subjacente à participação econômica dos homens está o interesse por privilégios sexuais que possam vir a ter das mulheres por eles ajudadas.

Ressalto que a descrição desses dados de campo ilustra as diferentes formas através das quais homens velhos podem elaborar sentidos para as suas experiências. O que pretendo ao apresentá-los é fornecer elementos para algumas problematizações que serão realizadas no decorrer da argumentação nas próximas seções desse capítulo a respeito do significado que a sexualidade adquire na constituição de maneiras de perceber o que seja velho e velhice.

4.3 Construindo corpos e prazeres: da velhice assexuada à sexualidade ativa

A sexualidade como tema de pesquisa, segundo Carole Vance (1995), somente muito recentemente tem ganhado atenção na academia e, ainda assim, com uma série de restrições e estranhamentos. Quando se pensa em estudos sobre a sexualidade na velhice, estas restrições e estranhamentos intensificam-se.

Nas ciências sociais, especificamente na sociologia e na antropologia, há um investimento diferenciado no estudo da sexualidade. Aquela tem contribuído com dados de grandes inquéritos sobre o comportamento sexual da população, enquanto esta colabora com descrições detalhadas de valores e práticas de grupos sociais demarcados. A sexualidade não é um objeto de estudo novo das ciências sociais. Ao contrário, existem estudos, no campo antropológico, que descrevem práticas

sexuais, relações de parentesco, bem como, no campo sociológico, integrada à dimensão conjugal e familiar (LOYOLA, 1998; PIERRET, 1998). Todavia, o olhar aferido a este objeto não o privilegiava como um campo de investigação autônomo, haja vista que se integrava no conjunto das regras que regulavam a reprodução biológica e social de uma dada comunidade (HEILBORN & BRANDÃO, 1999).

Conforme Vance (1995: 19), por muito tempo o núcleo da sexualidade foi a reprodução, e embora muitos estudos antropológicos não se restringissem apenas em analisar o comportamento reprodutivo, este parecia ser o “feijão-com-arroz” do “cardápio sexual”, enquanto relatos sobre o comportamento não-reprodutivo eram escassos. Já Janine Pierret (1998) afirma que dentro da sociologia os estudos sobre a sexualidade estiveram subsumidos nas relações de parentesco, nos estudos sobre o casamento e a família. Fora do âmbito da reprodução, do casamento ou da organização familiar, portanto, o estudo da sexualidade foi negligenciado. A relação entre sexualidade e reprodução obscurece a sexualidade na velhice, uma vez que há perda da capacidade reprodutiva por parte das mulheres e, como afirma Maria Andréa Loyola (1998), impede, não só uma definição, mas também uma verdadeira compreensão da sexualidade.

Por muito tempo o debate sobre o envelhecimento esteve ligado ao trabalho, à vida social, a atividades lúdicas e ao cuidado dos netos, a sexualidade figurava como um tema exterior às condições de possibilidade dos sujeitos e envolta por preconceitos. Pensar sobre ambos leva-nos a considerar o entrelaçamento entre natureza e cultura, ou seja, a construção social da velhice marcada pela presença do corpo como definidor do que é ou não é velho e do que é ou não é saudável. A representação do corpo envelhecido em oposição à capacidade para produzir ou de reproduzir a sociedade deixa claro que há uma ênfase posta no corpo como marca/marco da velhice quando as manifestações corpóreas tornam-se perdas em relação ao predomínio de um paradigma da juventude que tem como premissa a manutenção desta para se escapar do vilão do envelhecimento. O que parece haver é uma espécie de determinismo bioideológico que a faz ser vista como uma dimensão não-produtiva e terminal da natureza, ou seja, não reproduziria a sociedade (MOTTA, 2002).

Como escreveu Norbert Elias:

Não é fácil imaginar que nosso próprio corpo, tão cheio de frescor e muitas vezes de sensações agradáveis, pode ficar vagaroso, cansado e desajeitado. Não podemos imaginá-lo, e, no fundo, não o queremos. Dito de outra maneira, a identificação com os velhos e com os moribundos compreensivelmente coloca dificuldades especiais para as pessoas de outras faixas etárias. Consciente ou inconscientemente, elas resistem à idéia de seu próprio envelhecimento e morte tanto quanto possível (Elias, 2001: 80).

A partir dessa análise, percebe-se que o problema não é a velhice em si, mas a forma como a sociedade lida com o corpo e as questões relacionadas ao envelhecimento, de modo a tornar viáveis determinados corpos em detrimento de outros. Lidar com as limitações biológicas e aceitar o corpo em degeneração são desafios em uma sociedade que tem o corpo como valor, obsessão com as formas corporais e a apresentação juvenil que compõe todo um conjunto de práticas e técnicas de manutenção corporal (GOLDENBERG, 2002).

Em razão disso, surgem algumas questões: como é possível conciliar a decadência do corpo, perda dos padrões estéticos valorativos do corpo em uma sociedade que o corpo, o novo, o belo, o vigor e a juventude como valor com as representações acerca da sexualidade? Como se dá a construção de identidades de gênero e sexuais na velhice?

Quando visto da perspectiva do desenvolvimento humano – envelhecimento concebido como progressão cronológica rumo à finitude – envelhecimento e sexualidade tornam-se excludentes mutuamente, pois, dentro da perspectiva de deterioração, considera-se que há um declínio do desejo, da função sexual em face da menopausa ou instalação progressiva da disfunção erétil, perda da atratividade física e da justificação social, visto a perda da capacidade produtiva – saída do trabalho – e reprodutiva. Se a preferência pela juventude e o vigor torna a experiência de envelhecer negativa, isto atinge sobremaneira a vivência de homens velhos que têm a capacidade de ereção diminuída.

Segundo Doris Vasconcellos et. al. (2004), até bem pouco tempo ainda se acreditava que o declínio da função sexual, ao se chegar em determinada idade, era inevitável, face à menopausa e à progressiva disfunção erétil. Além disso, sua justificação social ligada à reprodução perderia seu objetivo ao envelhecer e contribuiria para uma negligência quanto à existência de atividade sexual na velhice. Como apontam Maria Liz de Oliveira, Selma Oliveira e Lilian Iguma (2007), a naturalização da funcionalidade da sexualidade para a procriação também

naturalizou a atividade sexual de tal forma que não se poderia pensar em seu prolongamento até a velhice.

Mas a dissociação entre sexualidade e reprodução biológica, com a criação dos métodos contraceptivos hormonais nos anos 60 e o aparecimento da epidemia da HIV/AIDS nos anos 80 tem estabelecido certa legitimidade ao estudo sobre a sexualidade na velhice. Assim, o entrelaçamento entre sexualidade e velhice tem emergido como um objeto possível em diferentes campos com o advento da AIDS e o aumento do número de casos notificados entre a população com cinquenta anos ou mais. O resultado é uma maior atenção às questões relacionadas à sexualidade na velhice e, conseqüentemente, uma procura para pulverizar do imaginário social a figura da velhice assexuada, como, por exemplo, objetivou a Campanha do Ministério da Saúde “*Sexo não tem idade para acabar. Proteção também não*”¹⁵.

Essas mudanças ocorridas nas significações sobre velhice e envelhecimento, e do próprio lugar da sexualidade na velhice, resulta em um olhar mais atento para o comportamento sexual de um segmento da população que está envelhecendo, instituindo a sexualidade na velhice como uma condição possível. De um lugar quase assexuado passa a ser concebida uma sexualidade ativa, ligada a noções de saúde e melhoria e/ou manutenção da qualidade de vida, processo por meio do qual o corpo velho vem sendo qualificado como dotado de sexualidade. Esse processo de aparente quebra da “conspiração do silêncio” com relação à sexualidade na velhice evidencia que partir do momento em que o envelhecimento transforma-se em um problema que ganha expressão e legitimidade (DEBERT, 2004) a sexualidade passa a ser integrada a um campo de saber constituído em torno do envelhecimento (BRIGEIRO, 2002).

Assim, categorias naturalizadas como a força universal do impulso sexual, a importância da sexualidade na vida humana, o *status* universalmente privado do comportamento sexual ou sua natureza reprodutiva devem ser consideradas apenas

¹⁵ A campanha “*Sexo não tem idade. Proteção também não*” foi organizada pelo Ministério da Saúde - Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais, tanto no Dia Mundial de Luta contra a AIDS, em 1º de dezembro de 2008, bem como no Carnaval de 2009. No dia 1º de dezembro de 2008, Dia Mundial de Luta Contra a Aids, a campanha foi direcionada para os homens. No carnaval de 2009, ela retornou com foco nas mulheres. A campanha, ao tratar de assuntos ligados à relação sexual entre homens e mulheres com mais de 50 anos, insere-se em um contexto de redefinição dos significados da velhice, visto que traz a imagem de homens e mulheres alegres, sexualmente ativos e conscientes da importância do uso do preservativo para a obtenção do prazer, além de uma forma de melhorar a qualidade do sexo depois dos 50 anos.

hipóteses e não pressupostos *a priori* (VANCE, 1995: 23). Como argumenta Vance (1995: 22):

A fisiologia do orgasmo e da ereção peniana explica tão pouco o esquema sexual de uma cultura quanto o alcance auditivo do ouvido humano explica a música. A biologia e o funcionamento fisiológico são determinantes apenas nos limites mais extremos, apontando o que é fisicamente possível. [...] Da mesma forma, a adaptação ecológica e as demandas reprodutivas explicam apenas uma pequena parte da organização sexual, pois a fertilidade adequada para a reprodução e o crescimento da população se alcança com relativa facilidade. O mais importante é que a sexualidade não é adjacente, nem equivalente à reprodução: a sexualidade reprodutiva constitui uma pequena parte do universo sexual mais amplo.

Dessa forma, levando em conta a argumentação dessa autora, os significados atribuídos à sexualidade não são fixos nem aplicáveis a todos os contextos culturais, uma vez que podem variar em diferentes culturas e períodos históricos, em diferentes grupos de uma mesma sociedade e conforme o período do curso da vida. Isto significa que os as diferentes maneiras de conceber o que seja o sexual são mediados por fatores históricos e culturais. Nessa perspectiva, para compreender a sexualidade é importante considerar os contextos em que se organizam a experiência sexual coletiva, a subjetividade e as categorias, esquemas e roteiros que constituem as relações interpessoais.

Esta perspectiva vai ao encontro da teoria dos “*scripts sexuais*” (ou roteiros sexuais), desenvolvida por Simon e Gagnon (1999), o qual é composto por três níveis de análise: os cenários culturais, os *scripts* interpessoais e também intrapsíquicos. O objetivo é ampliar o escopo de análise dos fenômenos sexuais de modo a considerar a interação entre processos sócio-históricos, as relações sociais e as experiências individuais.

De acordo com a teoria dos roteiros sexuais de Gagnon e Simon (1999), a conduta sexual está balizada por cenários culturais que indicam e prescrevem os modos como os indivíduos devem comportar-se sexualmente, considerando-se as particularidades de classe, etnia, gênero e geração, e através dos quais os indivíduos, no nível da interação social, devem ajustar o comportamento a fim de atender às expectativas sociais. Contudo, afirmam os autores, há uma considerável margem de manobra possibilitada pelos roteiros intrapsíquicos ao utilizar materiais das interações e da cultura a fim de elaborar alternativas originais aos cenários

culturais e aos modelos de interação possíveis, criando novos significados, representações e formas de viver a experiência sexual.

Nesse sentido, no que tange à velhice, as possibilidades de manobra, apesar de problemáticas, visto que os cenários culturais acionam determinadas representações de velhice e envelhecimento como uma etapa pós-sexual, são possíveis na medida em que fazem parte de um conjunto de mecanismos que permitem reorientar os significados em torno do processo de envelhecer. Assim, ainda que haja representação de velhos como sujeitos assexuados, em que não se espera alguma manifestação de desejo, interesse sexual ou que tenha vida sexual ativa, a sexualidade torna-se uma das condições que marcam os sujeitos como não-velhos.

Isso ilustra que os significados sexuais estão sujeitos à modelagem sócio-cultural (GAGNON & SIMON, 1999). Como afirma Jeffery Weeks (2001: 43) “[...] os significados que damos à sexualidade e ao corpo são socialmente organizados, sendo sustentados por uma variedade de linguagens que buscam nos dizer o que o sexo é, o que ele deve ser e o que ele pode ser”. O que Weeks (2001) está sugerindo é que a sexualidade é organizada por meio de um conjunto de intrincados mecanismos e forças que visam a modelar as crenças, atitudes e comportamentos sexuais.

Trata-se de um dispositivo (FOUCAULT, 2007) que institui o sexo como verdade sobre a constituição dos sujeitos ao centrar-se nas práticas sexuais, comportamentos, na problemática do corpo, na natureza do prazer e da sensação. Conforme Foucault (2007: 118):

O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global. Devem-se admitir, portanto, três ou quatro teses contrárias à pressuposta pelo tema de uma sexualidade reprimida pelas formas modernas da sociedade [...]; a articulação que a tem sustentado, desde então, não se ordena em função da reprodução; esta articulação, desde a origem, vinculou-se a uma intensificação do corpo, à sua valorização como objeto de saber e como elemento nas relações de poder.

Foucault (2006; 2007) argumenta que a “sexualidade” é uma tecnologia de saber e de poder que incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de verdade que tem efeitos sobre o próprio sujeito. Essa tecnologia do sexo ao investir no corpo, em uma problemática da saúde e nas condições de seu

funcionamento, constituiu a sexualidade como um domínio a ser conhecido. Como resultado tem-se a produção de um conjunto de efeitos nos corpos, nos comportamentos e nas relações sociais.

Então, a partir de certo momento histórico, social e cultural em que se verifica uma mudança de imagens e olhares sobre velhice e envelhecimento, os corpos velhos também tornam-se lugares de desejo e a esfera afetivo-sexual ganha destaque. Desse modo, a relação entre sexualidade e envelhecimento paulatinamente tem deixado de ser uma condição impensável no campo de possibilidades dos sujeitos velhos, à medida que se aliam determinadas representações de velhice ligadas à noção de envelhecimento bem-sucedido ao comportamento e práticas sexuais, estabelecendo novos valores para a sexualidade na velhice. Portanto, como uma tecnologia que constitui comportamentos, sujeitos e representações possibilita que, através do sexo, marcadores corporais de diferença materializem os corpos dos homens velhos que frequentam o centro de Santa Maria, seja enquanto corpos *velhos*, seja enquanto corpos *não-velhos*.

4.4 Envelhecer com virilidade: a sexualidade como mecanismo de resistência

Uma das especificidades do trabalho de campo quando se trata de abordar o tema sexualidade é a tarefa de observar um objeto que não é passível de observação, qual seja, as práticas sexuais. Por isso, a análise recai sobre o discurso produzido pelos sujeitos a respeito delas. O que se fala, portanto, torna-se um elemento capital para a compreensão de que as formas pelas quais se irá falar sobre sexualidade são expressivas do modo como os interlocutores estão significando-a. Desse modo, os discursos produzidos sobre a sexualidade são significações que informam sobre o modo como homens velhos estão representando uma série de condições que marcam sujeitos como velhos e não-velhos, a partir de marcas corporais que definem a capacidade para a atividade sexual.

Um exemplo no qual observo as significações produzidas sobre sexualidade e envelhecimento diz respeito à compreensão de que a manutenção da saúde física e capacidade funcional para a atividade sexual são condições para “*envelhecer com*

virilidade". Por isso, como afirma Adolfo, um homem somente será considerado velho se for incapaz de manter o exercício sexual frequente:

Nós levamos a vida, o restinho de vida meio... Se não dá para dar uma hoje, a gente dá outra, dá amanhã. A gente também tem as folgas da gente, né. Ou às vezes se quer muito esforça dá uma de manhã e outra de tarde, mas não é sempre, né. Risos [...] A gente encontra parceiras aqui. A hora que gente quer a gente chama uma. Tem aos montes aí. (Diário de campo, maio de 2009)

Considero que no contexto de sociabilidade do centro há uma disposição cultural que se integra a um componente relevante nos contornos da masculinidade, a qual os homens se empenham em manter, seja através de performances jocosas ou da prática sexual: a importância de ser sexualmente ativo para a definição de uma identidade de gênero. Verifico que os significados associados à disfunção erétil e o consequente afastamento de certas prerrogativas que constituem a masculinidade surgem através de piadas e brincadeiras referentes ao avanço da idade, como anotação do diário de campo:

Xavier após ouvir minha resposta a pergunta sobre a minha idade e a idade de meu namorado olhou-me com um sorriso malicioso e exclamou: "*Espertinha, ahn?!*" Olhei-o sem entender do que se tratava, então perguntei: "*Por que meu namorado é mais novo?*" Então, Xavier respondeu: "*Espertinha, vai aproveitá-lo por mais tempo*". Risos. (Diário de campo, julho de 2009).

Compreendi, então, que ele referia-se à diferença de idade entre meu namorado e eu e as vantagens que poderia obter com a diferença etária. A partir desta brincadeira, percebi o quanto a sexualidade ativa, marcada pela ereção, era positivado como um elemento importante no processo de significação do envelhecimento.

Vale de Almeida (1996) argumenta que o corpo é investido simbolicamente como base existencial da cultura, de modo que o processo de incorporação dos significados de gênero passa a ser consensual e concretamente vivido. Como demonstra Ceres V́ictora (1997), as práticas e representações sobre o corpo, a sexualidade e a reprodução geradas em determinado contexto sócio-cultural são fundamentais para compreender como a internalização (*embodiment*) de um *habitus* de gênero dá forma e significado ao aprendizado relativo tanto à composição do corpo do homem quanto à identidade masculina.

A esse propósito, lembro a situação em que aguardando José, Xavier, curioso, aproximou-se e perguntou se eu estava esperando meu namorado. Expliquei-lhe que na realidade estava realizando uma pesquisa sobre envelhecimento e masculinidade, com velhos que vão ao centro, comentando sobre a pergunta que norteava a pesquisa: como homens envelhecem? Xavier e seu amigo, que estava próximo de nós ouvindo a conversa, riram e falaram:

Mas nós estávamos falando disse agora há pouco. Isso é uma coisa complicada. A gente envelhece na farmácia. Cheio de remédios. Estávamos falando sobre envelhecer com virilidade. Temos que envelhecer com virilidade. Tem aqueles que envelhecem de remédio. É aquele que vive na farmácia. Tem aqueles que morrem de remédio e outros de armário. *Risos*. (Diário de Campo, julho de 2009).

Envelhecer com virilidade, portanto, significa envelhecer e manter a capacidade de ereção sem o uso de qualquer tipo de medicamento, como o Viagra, por exemplo. Informa que entre eles, quando reunidos no centro, é comum mostrarem o Viagra, afirmando fazerem uso frequente deste. Contudo, afirma que a despeito da idade ainda consegue fazer sexo sem o uso de qualquer medicamento, frisando que mantém um bom desempenho, obviamente com limitações em função do avanço da idade.

Portanto, para estes homens a atividade sexual torna-se um dos indicativos de que o corpo, apesar do processo biológico de envelhecimento, ainda mantém as condições desejáveis para a sua realização. Assim, um corpo saudável e apto para a vivência da sexualidade demonstra que, apesar da passagem do tempo e o surgimento dos sinais de envelhecimento, o desejo não desaparece, e a capacidade de transformá-lo em ato se faz presente. Isto é condição para envelhecer com virilidade.

Bom, depende também da vivência do homem. Se o homem fuma, ele bebe bastante, se ele fuma bastante. O homem com 50 anos já tá virando também num velhinho já. Já começa a ficar, né... O sexo pra ele já começa a ficar, começa a desaparecer e tal e aí já vai mudando tudo. Agora o cara que nunca bebeu, não fuma e tal, se controla e tal, o cara aí vai mais longe... [...] Tem muito homem que se controla, mas têm outros que não. Se ele se controla aí ele vai mais longe. Ele vai mais longe pra fazer sexo. (Jorge).

Esses elementos, a meu ver, sinalizam que os significados sobre o que venha a ser o sexual estão informando sobre um conjunto de valores que marcam traços

de masculinidade como fundamentais para a constituição das identidades, entre eles o desempenho sexual apoiado na expectativa da penetração. Por isso, a ereção é extremamente valorizada tanto como constituinte da masculinidade desses homens quanto como marcador de diferença. Como destaca Mauro Brigeiro (2002) a respeito de sua pesquisa sobre sexualidade e envelhecimento em um universo de sociabilidade masculina:

As *performances* exibidas denotam que as práticas relacionadas à sexualidade são centrais para o gênero masculino e, no universo pesquisado, parecem manter esse valor ao longo de suas vidas. Apesar das limitações que o envelhecimento físico impõe ao exercício sexual, eles tentam demonstrar – seja através da jocosidade, seja por meio dos comentários e da simulação das práticas sexuais – a importância da virilidade na interação com os outros membros do grupo (BRIGEIRO, 2002: 196).

Vale de Almeida (1996) destaca que o modelo cultural de masculinidade é um modelo ideal que serve de padrão de avaliação, definição, aquisição, manutenção e de disputas de atributos que visam a constituir a pertença ou não ao modelo. Mas como a masculinidade é constituída por assimetrias (como heterossexual/não-heterossexual) e hierarquias (de mais a menos “masculino”), nem sempre o modelo de masculinidade hegemônica é atingido ou aceito por todos os sujeitos, estando sempre passível de negociações conforme contextos sócio-culturais. É necessário considerar, assim como pontua Brigeiro (2002: 197) sobre o contexto de pesquisa estudado, que entre os homens velhos entrevistados parece compor-se um modelo de masculinidade *hiperviril* a partir de categorias de percepção de uma certa concepção ideal de masculinidade.

Hoje em dia com essa nova, com esse novo remédio, aí essas coisas, inclusive os velhos fazem. Eu não sei. Acho que contam vantagem. Eles contam vantagem, Viagra no bolso, mostrando. Têm muitos aí. Tu vai ali. Tu quer ver velho, tem o clube dos coroas ali, quarta-feira. Vai ali e tu vai ver velho de montão com viagrinha no bolso. Tem de tudo. As velhinhas também são... Não é só os homens, as velhinhas também gostam. Velhinha aí com 70, 75, 80 anos que não dão folga. Ainda mais com o Viagra. Estimulante. Dilatador. Aí vai embora. (Diário de campo, julho de 2009).

Depois de uma certa idade a gente tem que ter argumento pra contentar a mulher, né. Tu entende, né? Argumento físico. Pra não dizer direto sabe, tu sabe. A mulher não precisa de nada disso. O homem precisa. Chegar com uma polenta velha braba não adianta, né. [...] Agora só com remédio. Só com o Viagra. Eu sou um cara. Vou te dizer, vou ser sincero. Eu tomo comprimido mesmo. Tomo e carrego junto comigo. Eu tenho no bolso aqui comigo. Se caso eu encontrar uma pessoa eu vou e tomo. (Jorge).

Conforme Bourdieu (2002), os homens, para serem reconhecidos pelos outros como fazendo parte do grupo de “verdadeiros homens”, devem afirmar constantemente sua virilidade, a fim de ser atestada e validada pelo grupo. Nesse sentido é que o Viagra na bolsa ou na carteira pode ser considerado uma imagem de masculinidade viril, na medida em que sinaliza, em primeiro lugar, que estes homens estão sempre prontos para ter relações sexuais e, em segundo, para se considerarem não velhos há necessariamente a passagem pela via corporal, na qual a capacidade de ereção, a virilidade, é condicionante da categorização.

Com base no exposto, é correto afirmar que é através da relação entre o *habitus* construído segundo uma di-visão sexuada do mundo e a organização do contexto de sociabilidade no qual se inserem segundo esta di-visão que se engendram os investimentos em um modelo de masculinidade. A importância da sexualidade nas ações cotidianas destes sujeitos está associada ao empenho em reconhecerem-se nesse modelo que de modo mais geral também se integra a um movimento de resistência.

Isso não significa que estejam empenhados em um processo de negação da velhice através da construção de um novo *ethos* e adoção de novos projetos para obterem um envelhecimento bem-sucedido. Pelo contrário, como argumenta Debert (1988), os homens velhos tendem a ser mais conscientes do processo de envelhecimento e reconhecerem que não são mais jovens e, conseqüentemente, não possuem mais a mesma disposição para manter o mesmo ritmo de determinadas atividades. No entanto, não querem ser posicionados e posicionarem-se no modelo de velhice assexuada e em decadência física, psíquica e social. Por isso, procuram estratégias por meio das quais possam diferenciar a experiência de outros sujeitos considerados pertencentes ao modelo de velhice de suas experiências individuais de envelhecimento.

É nesse sentido que para os homens, a capacidade de manter relações sexuais com penetração e sem utilização de medicamentos é determinante para nomear sujeitos como velho e não velho. A sexualidade, assim, associa-se ao empenho em reconhecerem-se em um modelo de envelhecimento que de modo mais geral torna-se uma prerrogativa para uma velhice ativa e saudável. Por isso, pode ser pensada como um dos mecanismos encontrados pelos homens velhos para demarcar que *velho* é sempre o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como principal desafio compreender representações e significados de velhice e envelhecimento produzidos em um contexto de sociabilidade masculina no centro de Santa Maria, a partir da interação com uma pesquisadora mulher e jovem. Avalio que os resultados aqui obtidos são produto e processo de uma relação surgida na situação de pesquisa, caracterizada pela condição de parceria potencial e balizada por uma tecnologia de gênero que (en)gendra as posições dos sujeitos como sujeitos gendrados. Entendo que somente através de uma maior atenção ao modo como os homens estudados estavam significando a relação de pesquisa foi possível compreender um conjunto de mecanismos que visam a diferenciar a experiência pessoal de envelhecer e a de outros velhos.

A discussão realizada estabelece um diálogo entre a relação de pesquisa com uma série de discussões teórico-metodológicas no âmbito dos estudos sobre velhice e envelhecimento, a fim de buscar a compreensão de formas como homens velhos, em um contexto específico, percebem, vivenciam e significam o processo de envelhecimento. As problematizações iniciais referiam-se a um estranhamento entre as formas de categorizar experiências e o que os sujeitos diziam a respeito de seu próprio envelhecimento, surgido ainda na realização do projeto de extensão em um asilo de Santa Maria, enquanto era estudante de Psicologia. Por isso, a partir de uma postura que considera os envelhecimentos como uma multiplicidade de formas possíveis de significados, procurei contrapor a visão de velhice como uma identidade fixa, imutável, unidirecional e universal.

Nesse sentido, gênero tornou-se uma profícua ferramenta de análise dos modos como sujeitos categorizam, definem e diferenciam suas experiências para além de regimes identitários que fixam a experiência de envelhecer em duas imagens dominantes – positivas ou negativas: velhice como um problema, vista negativamente; e o envelhecimento bem-sucedido, *ethos* configurado a partir de uma imagem mais positiva, em que os sujeitos que envelhecem são apresentados como saudáveis, joviais, engajados, produtivos e autoconfiantes. Imagens que se tornam marcadores identitários que definem e diferenciam corpos através de pares

de oposição – saúde/invalidez, inativo/ativo, velhice/juventude – tomando um dos aspectos como a verdade sobre a velhice.

Através do conceito de gênero busquei compreender como os conteúdos das diferenças de gênero produzem olhares distintos ao processo de envelhecer para além de oposições que tendem a homogeneizar as experiências. Entendo que a tecnologia de gênero, ao compor os diversos processos e práticas sociais e culturais através dos quais (en)gendram os sujeitos como homens e mulheres, constitui-se como produto e processo não só das representações e das formas como masculinidades e feminilidades podem ser experienciadas, mas também do próprio envelhecimento. Desse modo, considerando que existe uma multiplicidade de formas possíveis de envelhecimentos, propus-me a investigar os significados produzidos pelas representações de velhice e envelhecimento sob olhares masculinos para compreender os sentidos atribuídos à experiência individual como distinta das imagens de decadência, “descartabilidade” ou inutilidade, comumente associadas à velhice.

Ressalto que este trabalho ainda que envolva homens como objeto de estudo, não delimita a masculinidade como um objeto pertencente a um campo de estudos separado. Entendo que o conceito de gênero, embora voltado predominantemente às mulheres, dá conta, também, do mundo masculino. Do contrário, não se repetiria à exaustão que gênero representa, sobretudo, relações sociais, e estas se dão entre dois sexos. Por isso, atenta às problematizações advindas dos debates feministas quanto ao caráter permanente da oposição binária masculino-feminino, compreendo que não se pode falar em esferas separadas, uma vez que gênero ao introduzir o aspecto relacional passa a referir-se tanto a homens quanto a mulheres. Desse modo, para problematizar as representações de velhice e envelhecimento sob olhares masculinos, propôs-se uma discussão de questões referentes aos estudos de gênero que considero importante para explicitar de que ponto parto para compreender os olhares de gênero sobre o envelhecimento, ao incluir os homens velhos no debate sobre velhice e envelhecimento em pesquisa realizada no centro de Santa Maria.

Uma outra linha de diálogo diz respeito à forma de categorização de sujeitos. Procuro demonstrar que velhice é uma realidade forjada no entrecruzamento de diferentes vetores, fruto do modo como em diferentes contextos se tem percebido o corpo que envelhece. Portanto, o uso de termos como velho, idoso, melhor idade,

terceira idade são mais do que nomações a um corpo, pretensamente pensado como estável e natural, mas configuram realidades a partir dos modos como diferentes agentes, empenhados no processo de produção de saberes sobre a velhice, agem frente ao envelhecimento humano. Portanto, as alterações de nomenclaturas surgem em um contexto social, político, econômico e cultural de redefinição e crescente socialização do envelhecimento promovidas pelo surgimento de atividades e programas voltados à população de mais idade, pela gerontologia e geriatria, ativas produtoras de conhecimento e formas de gestão, bem com pela mídia.

Por isso, desenvolvo uma discussão a respeito do processo de produção de saberes e verdades sobre a velhice, a fim de problematizar o que afinal é a velhice e o que define sujeitos como sendo velhos. Como demonstro, o conhecimento sobre a velhice tem como marca/marco o corpo para construção de critérios que possam definir quando o envelhecimento se inicia ou o exato grau de degeneração do corpo. Mas a dificuldade em delimitar critérios que definam quando uma pessoa fica velha e a falta de clareza quanto ao que seja normal ou patológico na velhice impulsiona o surgimento de critérios normalizadores em torno de características corporais que definam e diferenciem o corpo envelhecido. Assim, no processo de categorização o corpo torna-se o *locus* de reconhecimento de sujeitos como velhos ou não.

Motivada pela questão inicial a respeito das diferenças de leituras sobre as experiências entre as imagens produzidas pela mídia, gerontologia, outros atores envolvidos no processo de redefinição do envelhecimento e os sujeitos que envelhecem passei a problematizar os termos classificatórios para referir-se a população de mais idade a partir dos dados de campo. Os dados apontaram que há problemas relativos à constituição de uma identidade de velhos a partir de características corporais, principalmente por que a idéia de velhice não é um elemento de identificação e reunião dos homens no centro da cidade.

Portanto, para responder a questão inicial que norteou o trabalho procurei problematizar as implicações de uma pesquisadora abordá-los para conversar sobre a velhice deles, haja vista que ao serem informados sobre o tema de pesquisa afirmavam não serem velhos. Detive-me na análise das estratégias relacionadas aos significados culturalmente construídos acerca do que seja velhice e envelhecimento. Nesse sentido, percebi que as práticas dos homens não se integravam ao que se chama de “melhor idade” ou a um *ethos* relacionado à terceira idade, bem como se

observa um esforço no sentido de afastarem-se das representações negativas da velhice. Como pude observar, a despeito de reconhecerem-se envelhecendo, os sujeitos estudados constroem um conjunto de mecanismos que os afastam da categorização de velhos, entre eles a sexualidade.

Portanto, para responder às questões sobre a forma como homens representam e vivem o envelhecimento percebi ser necessário analisar o modo como se desenrola a relação entre sexualidade e envelhecimento no contexto estudado. Observo que a manutenção da atividade sexual, marcada pela penetração, é uma condição para não se considerarem velhos. Ainda que não se possa observar as práticas sexuais propriamente ditas, considero que os discursos produzidos, seja através de piadas, seja de relatos sobre as relações sexuais, são significativos para compreender as estratégias por meio das quais esses homens diferenciam sua experiência de envelhecer das condições que possam defini-los como velhos.

Por fim, assinalo que a partir dos elementos surgidos da interação entre a pesquisadora e sujeitos pesquisados é que se pensou em dar continuidade especificamente ao tema da sexualidade de homens com mais de 60 anos de idade. Inicialmente, esta questão não fazia parte das problematizações do projeto, tendo surgido no campo a partir da presença de uma pesquisadora mulher e, por isso, compondo parte da análise dos dados, mas não o todo das problematizações da pesquisa. Na medida em que acompanhava os relatos de mulheres com mais de 60 anos, na pesquisa realizada por colega de mestrado, a respeito da sexualidade destas ou relatos sobre as performances dos homens velhos e o uso ou não do preservativo, e no meu campo a preocupação com a ereção, ficava cada vez mais instigante deter-se em um estudo sobre envelhecimento, masculinidade e sexualidade.

Considerando este último aspecto, a ereção, presente em meu campo de pesquisa como um valor de suma importância para que os homens pesquisados pudessem falar de sua velhice, é que pretendo dar continuidade a uma pesquisa sobre a sexualidade de homens com mais de 60 anos. O foco dirigir-se-á para dois aspectos não discutidos detidamente na pesquisa de mestrado, mas que podem revelar-se importantes para pensar a produção de políticas de masculinidade e vulnerabilidade: a utilização do Viagra e a presença ou não do preservativo nas relações sexuais.

Pretendo, com isso, discutir a produção de vulnerabilidades nos processos de envelhecer a partir de reflexões a respeito de como as marcas de gênero modelam representações e práticas no campo da sexualidade. Analisar como expectativas e aspirações com relação à experimentação sexual, marcadas pelo gênero, atravessam os modos de perceber e viver a sexualidade na velhice. Atentar para os processos de construção de masculinidades nas experiências sexuais de homens velhos. Ainda, averiguar como se produzem as políticas de masculinidade e suas relações com a produção de vulnerabilidades entre homens velhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A. M. Família, sexualidade e velhice feminina. In: HEILBORN, M. L.; DUARTE, L. F.; PEIXOTO, C.; BARROS, M. M. L. **Sexualidade, Família e Ethos Religioso**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005. p. 19-38.

_____. Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas. In: BARROS, M. M. L. (org.). **Família e Gerações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 67-89.

ARCAND, B. La construction culturelle de la vieillesse. **Anthropologie et Sociétés**, Département d'anthropologie, Université Laval, Québec, v. 6, n. 3, p. 7-23, 1982. Disponível: <http://classiques.uqac.ca/contemporains/arcand_bernard/construction_culture_vieillesse/vieillesse.html>. Acesso em: 03 mar. 2009.

BARROS, M. M. L. Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas. In: BARROS, M. M. L. (org.). **Família e Gerações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006a. p.17-37.

_____. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: BARROS, M. M. L. (org.). **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006b.

BARROS, R. D. B.; CASTRO, A. M. Terceira Idade: o discurso dos experts e a produção do “novo velho”. **Estudos interdisciplinares e envelhecimento**, Porto Alegre, v. 4, p. 113-124, 2002.

BECKETT, S. **Esperando Godot**. São Paulo: Cosac&Naify, 2005.

BOURDIEU, P. Novas reflexões sobre a dominação masculina. In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 28-40.

_____. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **A dominação masculina**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BRIGEIRO, M. M. C. Envelhecimento bem-sucedido e sexualidade: relativizando uma problemática. In: BARBOSA, R. M.; AQUINO, E. M. L.; HEILBORN, M. L.; BERQUÓ, E. (orgs.). **Interfaces:** gênero, sexualidade e saúde reprodutiva. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 171-206.

CARLOS, S. A.; JACQUES, M. G. C.; LARRATÉA, S. V.; HEREDIA, O. C. Identidade, aposentadoria e terceira idade. **Estudos interdisciplinares e envelhecimento**, Porto Alegre, v. 1, p. 77-89, 1999.

CÍCERO, M. T. **Saber envelhecer e A amizade.** Porto Alegre: Ed. L&PM, 1997.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

_____.; MESSERSCHMIDT, J. W. Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept. **Gender & Society**, v. 19, n. 6, p. 829-859, 2005.

CORRÊA, S.; VIANNA, A. Teoria e práxis em gênero e sexualidade: Trânsitos, avanços, dramas e pontos cegos. In: BONETTI, A.; FLEISCHER, S. (orgs.). **Entre pesquisar e militar:** contribuições e limites dos trânsitos entre pesquisa e militância feministas. Brasília: Centro Feminista de Estudos e Assessoria, 2007. p. 5-21.

COSTA, C. L. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 19, p. 59-90, 2002.

COSTA, J. F. **A subjetividade exterior.** Disponível em: <www.jfreirecosta.com.br>. Acesso: 10 fev. 2008.

COUTINHO, R. X.; ACOSTA, M. A. F. Ambientes Masculinos da Terceira Idade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1111-1118, 2009.

DAMATTA, R. Espaço: casa, rua e outro mundo – o caso do Brasil. In: _____. **A casa e a rua:** espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 29-63.

DEBERT, G. G. Envelhecimento e representações sobre a velhice. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 6, 1988, Olinda. **Anais...** v. 1. ABEP: Olinda, 1988. p. 537-556.

_____. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento.** São Paulo: Universidade de São Paulo, FAPESP, 2004.

DELEUZE, G. M de Maladie [Doença]. In: _____. PARNET, Claire. **O Abecedário de Gilles Deleuze.** Transcrição de entrevista, direção de Pierre-André Boutang, 1989. Disponível em: <www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-de-gilles-deleuze>. Acesso em: 14 jul. 2005.

ELIAS, N. **A Solidão dos Moribundos; Envelhecer e Morrer.** Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FIGUEIREDO, M. L. F.; TYRREL, M. A. R.; CARVALHO, C. M. R. G.; LUZ, M. H. A.; AMORIM, F. C. M.; & LOIOLA, N. L. A.. As diferenças de gênero na velhice. In: **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60, n. 4, p. 422-427, 2007.

FOUCAULT, M. A vontade de saber. In: **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. **Microfísica do Poder.** 22ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** 18ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GAGNON, J. H. Les usages explicites et implicites de la perspective des scripts dans les recherches sur la sexualité. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 128, n. 128, 1999, p. 73-79.

_____.; SIMON, W. Sexual Scripts. In: PARKER, R; AGGLETON. P. (orgs.). **Culture, Society and Sexuality: a reader.** Londres: UCL Press, 1999. p. 29-38.

GEERTZ, C. O pensamento como ato moral: dimensões éticas do trabalho de campo nos países novos. In: **Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (org.). **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19-40.

GROISMAN, D. A velhice entre o normal e o patológico. In: **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 61-78, 2002.

HEILBORN, M. L.; BRANDÃO, E. R. Introdução: ciências sociais e sexualidade. In: HEILBORN, M. L. **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tendências Demográficas: Uma análise da população com base nos resultados dos Censos Demográficos 1940 e 2000**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 07 ago. 2007.

JECKEL-NETO, E. A. Tornar-se velho ou ganhar idade: o envelhecimento biológico revisitado. In: NERI, A. L. (org.). **Desenvolvimento e Envelhecimento: Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas: Papyrus, 2001. p. 39-52.

KNAUTH, D.; MACHADO, P. S. Comentários ao artigo "Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva". **Ciências e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 18-19, 2005.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIMA, M. A. A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a terceira idade: a UNATI/UERJ. In: **Textos Envelhecimento**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, 1999.

LOYOLA, M. A. Sexo e sexualidade na Antropologia. In: LOYOLA, M. A. (org.). **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pró-posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

LYRA, J. **Homens, feminismo e direitos reprodutivos no Brasil: uma análise de gênero no campo das políticas públicas (2003-2006)**. Tese (Doutorado em Saúde Pública), Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, 2008.

MACHADO, P. S. Métodos de homem e métodos de mulher: relações de gênero e decisões por métodos de prevenção. **Corpus: Cadernos do NUPACS**, Porto Alegre, n. 15, 2004.

MARIANO, S. A. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 483-505, 2005.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.

MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809-840, 2008.

MEDRADO, B.; LYRA, J.; GALVÃO, K.; NASCIMENTO, P. **Homens Por quê? Uma leitura da masculinidade a partir de um enfoque de gênero**. 2005. Disponível em: <<http://www.psicnet.psc.br/v2/site/temas/default.asp?ID=22>>. Acesso: 27 jun. 2009.

MEINERZ, N. E. Um Olhar sexual na investigação etnográfica: notas sobre trabalho de campo e sexualidade. In: BONETTI, A. L.; FLEISCHER, S. (Org.). **Entre Saias Justas e Jogos de Cintura**. Santa Cruz do Sul; Florianópolis: EDUNISC e MULHERES, 2007. p. 123-154.

MERCADANTE, E. F. Velhice: uma questão complexa. In: CÔRTE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I. G. **Velhice, Envelhecimento, Complex(idade)**. São Paulo: Vetor, 2005. p. 23-34.

MEYER, D. E. E. Do poder ao gênero: uma articulação teórico-analítica. In: LOPES, Marta Julia Marques; MEYER, D. E. E.; WALDOW, V. R. (orgs.). **Gênero & Saúde**. 1 ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996. p. 41-51.

_____. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JR, C. E. A. Introdução: entre a liberdade e a dependência – reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza & COIMBRA JR., C. E. A. (orgs.). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. p. 11-24.

MOTTA, A. B. Falando em surdina: são mulheres velhas. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 9, 1994, Caxambu. **Anais....** v.3. Caxambu: ABEP; 1994. p. 363-376. Disponível em: <www.abep.org.br/>. Acesso em: 27 mar. 2009.

_____. Gênero, família e fases do ciclo de vida. In: _____. (org.). **Dossiê: Gênero e Família**. Caderno CRH, Salvador, n. 29, p. 13-20, 1998.

_____. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, v. 13, Campinas, p. 191-221, 1999.

_____. Envelhecimento e Sentimento do Corpo. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JR., C. E. A. (orgs.). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. p. 37-50.

_____. Chegando pra idade. In: BARROS, M. M. L. **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

_____. AZEVEDO, E. L.; GOMES, M. Q. C.. **Reparando a Falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional**. Salvador: UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, 2005. Disponível em: <www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/reparando.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2009.

OLIVEIRA, M. L., OLIVEIRA, S. R. N.; IGUMA, L. T. O processo de viver nos filmes: velhice, sexualidade e memória em Copacabana. **Enfermagem**, Florianópolis, v. 16, n 1, p. 157-162, 2007.

OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000. p. 17-35.

ORTEGA, F. Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. In: **Interface - Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v.8, n.14, p.9-20, 2004.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

PIERRET, J. Elementos para reflexão sobre o lugar e o sentido da sexualidade na sociologia. In: LOYOLA, M. A. (org.). **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

PITANGA, D. A. **Velhice na cultura contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Centro de Teologia e Ciências Humanas, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2006.

PRADO, S. D.; SAYD, J. D. A gerontologia como campo de conhecimento científico: conceito, interesses e projeto político. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 491-501, 2006.

RAMOS, T. R. O. Palavras Cruzadas. Melhor idade com cinco letras: sábio, chato, velho... In: MINELLA, L. S. & FUNCK, S. B. (orgs.). **Saberes e fazeres de gênero: entre o local e o global**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2006.

RODRIGUES, C. L. **O homem de pijama: o imaginário masculino em relação à aposentadoria**. Dissertação (Mestrado em Gerontologia), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

RODRIGUES, C. L. & MERCADANTE, E. F. O papel do trabalho na construção da masculinidade. In: CÔRTE, B.; MERCADANTE, E. F. & ARCURI, I. G. **Masculin(idade) e velhices: entre um bom e mau envelhecer**. Coleção Gerontologia, v. 3. São Paulo: Vetor, 2006.

RODRIGUES, L. P. **Um estudo sobre construção de masculinidades com homens clientes de prostitutas**. Monografia (Graduação em Ciências Sociais), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ROSES, R. P. **¿Existe la masculinidad?** Sobre un dispositivo de saber/poder. México: Colegio de México, 2006. Disponível em: <<http://generomexico.colmex.mx/Parrini.jsp>>. Acesso em: 15 set. 2009.

RUBIN, G. The Traffic in women: Notes on the “Political Economy” of Sex. In: LEWIN, E. (org.). **Feminist Anthropology a Reader**. Malden; Oxford: Blackwell Publishing, 2006. P. 87-106.

SÁ, J. L. M. Gerontologia e Interdisciplinaridade: fundamentos epistemológicos. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (orgs.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papirus, 1999. p. 223-232.

SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando Gênero e classe social. In: COSTA, A. O. & BRUSCHINI, C. (orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

_____. Posfácio: conceituando o gênero. In: SAFFIOTI, H. I. B.; MUÑOZ-VARGAS, M. **Mulher Brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1994.

_____. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCHRAIBER, L. B.; GOMES, R.; COUTO, M. T. Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. **Ciências e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 7-17, 2005.

SCHUTZ, A. **Fenomenologia das Relações Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SCOTT, J. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 3, p. 11-27, 1994.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SENNETT, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **Revista História, Ciências, Saúde**. Rio de Janeiro, v.15, n.1, p. 155-168, 2008.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOIHET, R. História, Mulheres, Gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, N. **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 95-114.

UCHÔA, E. Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 849-853, 2003.

_____; FIRME, J. O. A.; LIMA-COSTA, M. F. Envelhecimento e saúde: experiência e construção cultural. In: MINAYO, M. C. S. & COIMBRA JR., C. E. A. (orgs.). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. p. 25-35.

VALERIO, M. P. **A pouca adesão masculina aos grupos de atividade física para a terceira idade**. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.

VALE DE ALMEIDA, M. Masculinidade. In: MACEDO, A. G.; AMARAL, A. L. (orgs.). **Dicionário da Crítica Feminista**. Porto: Afrontamento, 2005. p. 122-123. Disponível em: <<http://site.miguelvaledalmeida.net/wp-content/uploads/verbetemasculinidade.pdf>>. Acesso em 15 set. 2009.

_____. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do Sul de Portugal. **Anuário Antropológico 95**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 161-190.

VANCE, C. A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **Physis, Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-31, 1995.

VASCONCELLOS, D.; NOVO, R. F.; CASTRO, O. P., VION-DURY, K., RUSCHEL, A., COUTO, M. C. P. P.; COLOMBY, P.; GIAMI, A. A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas – comparação transcultural. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n 3, p. 413-419, 2004.

VÍCTORA, C. G. Os homens e a constituição do corpo. **Corpus – Cadernos do NUPACS**, Porto Alegre, v. 5, p. 1-33, 1997.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 35-83.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009.

WOLFF, C. S.; POSSAS, L. M. V. Escrevendo a história no feminismo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 585-589, 2005.

ZELIZER, V. A. Dinheiro, poder e sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 32, p. 135-157, 2009.

APÊNDICE

A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Entrevista nº _____

Data da entrevista ___/___/___

1. Data de nascimento: ___/___/___

2. Idade _____ anos

3. Escolaridade

- (1) Ensino Fundamental Incompleto
- (2) Ensino Fundamental Completo
- (3) Ensino Médio Incompleto
- (4) Ensino Médio Completo
- (5) Ensino Superior Incompleto
- (6) Ensino Superior Completo

4. Você está aposentado?

Sim	Não	Tempo em Anos	Não respondeu
(1)	(2)		(9)

5. Profissão exercida: _____

6. Possui alguma outra fonte de renda? **(Em caso de sim, perguntar) Por quê?**

Sim	Não	Tempo em Anos	Não respondeu
(1)	(2)		(9)

7. Em média, seu rendimento mensal é

- (2) 1 salário mínimo
- (3) De 2 a 4 salários mínimos
- (4) De 5 a 6 salários mínimos
- (5) De 7 a 8 salários mínimos
- (6) Acima de 9 salários mínimos
- (7) Não respondeu

8. E seu estado civil é

- (1) Solteiro
- (2) Casado
- (3) Divorciado
- (4) Viúvo (Tempo em anos _____)
- (5) Não respondeu

- Quando uma pessoa pode ser considerada velha?
- Você considera-se velho? Explique.
- Como vê ou percebe a velhice de homens?
- E a velhice de mulheres?